



P.O. hisp. 820 - 2

Matos



**BIBLIOTHECA  
REGIA  
MONACENSIS.**

**<36638452220019**

**<36638452220019**

**Bayer. Staatsbibliothek**







**R I M A S**  
D E  
**JOÃO XAVIER**  
D E M A T O S

R I M A R

JOYO ZAZAR

DE R I M A R

**R I M A S**  
DE  
**JOÃO XAVIER**  
**DE MATOS**  
ENTRE OS PASTORES  
DA ARCADIA PORTUENSE  
**ALBANO ERITHREO**  
DEDICADAS Á MEMORIA  
DO GRANDE  
**LUIZ DE CAMÕES**  
PRINCIPLE  
DOS POETAS PORTUGUEZES  
DADAS Á LUZ  
POR  
**CAETANO DE LIMA E MELLO.**  
TOMO SEGUNDO.

*Terceira Impressão.*



**L I S B O A**

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA. 1782.  
*Com licença da Real Meza Censoria.*

*Vende-se na loja da Impressão Regia d Real Praça do Commercio.*



# PROLOGO.

**J**UDICIOSO Leitor , justamente persuadido de que te foi grato o trabalho , que tomei de juntar , e offerer á tua curiosidade o Primeiro Tomo das Poemas de JOÃO XAVIER DE MATOS , me animei a continuallo , para agora te dar a ler o Segundo. As contínuas molestias , que o A. tem padecido , e padece , não permittião que elle ainda se dèsse á luz , e muito menos as Tragedias ; porém a impaciencia d'alguns curiosos não consente se espere , que elle o possa rever com o socego , que pede a materia , nem que deixe de se juntar á mecellania , que com repugnancia do A. vai no fim. Se fores pio , rogo-te que dissimules ; se o não fores , peço-te que o não lêas.

Vale.

SO-

# PROLOGO

Este livro é dedicado a todos os que se interessam por conhecer a história do Brasil, desde os primeiros descobrimentos até os dias atuais. O autor, ao longo de suas páginas, busca apresentar uma visão clara e objetiva dos fatos históricos, sem deixar de lado os aspectos mais importantes da vida social e cultural da nação. A obra é dividida em capítulos que abordam desde a chegada dos portugueses ao continente americano até a formação do Estado brasileiro, passando por períodos de expansão territorial, conflitos internos e a luta pela independência. O autor utiliza fontes confiáveis e apresenta uma linguagem acessível, tornando este livro uma excelente ferramenta para quem deseja entender a trajetória do Brasil ao longo dos séculos.

Vale



## S O N E T O

**E** chorarei de Amor, tão tristemente,  
Por hum modo tão novo, e desusado,  
Que quem nunca o tiver experimentado,  
Só de ouvir seus effeitos o experimente.

Direi n'um breve escrito a toda a gente  
Quantos casos por mim já tem passado,  
Porque saiba qualquer desesperado,  
Que inda ha outro mais triste, e descontente.

O' vós, que Amor, com mostras de innocencia,  
De novo as lans vontades contamina,  
Sem lhe valer a antiga experiencia,

Quando lerdas em mim quanto ella ensina,  
Fareis dos vossos erros penitencia,  
Que os meus erros serão vossa doutrina.

-O-

SO-

## SONETO

## O T A V O S

**T**emão embora a morte os que afferado  
 Aos grossos cabedães, que possuíão,  
 Nunca tão brevemente presumião,  
 Que lhes fossem das mãos arrebatados:

Temão deixar' cõ a vida os começados  
 Muros das altas casas, que erguão,  
 A cara esposa, os filhos, que crecião,  
 Os brandos leitos, os tremos dourados:

Que eu sem bens, e sem casa, vagabundo,  
 Mal cuberto c' o manto da indigência,  
 Já não temo da morte o horror profundo:

No que me tira não me faz violência;  
 Que o melhor modo de sahir do Mundo,  
 He cheir' õu de miséria, ou de innocença.

O 2

SO.

## SONETO

Já lá vão fôr Dultros, que esse monte  
 Berço me foi da viral jornada  
 Mais de meia carreira está passada  
 E cedo iremos por outro Horizonte.

A mão já meime, já se emoga a fronte,  
 Já branqueja a cabeça, e co' a pezada  
 Confidração da vida mal gastada,  
 Vai-se apagando a luz, deixando a fonte.

Pouco nos resta, que passar já agora,  
 E para as destruidoras agonias  
 De tantos annos, aproveite hum hora.

Esperanças, sonhos, vontades passadas,  
 Paixões, desejos, de-vos emboradas,  
 Favor, que me fazeis por poucos dias.

SONETO

**J**A' me não enganais, rostos fingidos,  
 Inda em mais formas que Prateo mudades;  
 A contrafeitos risos costumados,  
 Quaes em fonte Sardonica bebidos.

Algun fruto dos males padecidos  
 Hão de tirar os bem exprimentados;  
 Que he vir a conhecer dissimulados,  
 Raras vezes no Mundo conhecidos;

Já sou outro; mudei de qualidade;  
 Fechou-se o coração: fcaí de fora,  
 Subtis imitadores da verdade;

De-vos delle, para sempre, embora;  
 Que já não rem as portas da amizade;  
 Tão faccile se abriu, como até agora;

## SONETO

**A**quelles deus, que oppostos sempre andarão,  
 O Amor, e a Fortuna, as mãos se derão;  
 Ambos meus inimigos, se fizerão;  
 Que a não ser isso, nunca se ajuntarão.

Ambos a mim: a falsa fé, e o enganão,  
 Destruindo, e assolando, em fim vencerão;  
 E depois que os despojos recolherão,  
 Entre si repastidos os levarão.

Não me levarão raudos, nem grandezas;  
 Estimações, thesouros, nem privanças;  
 Cozas, que para mim não são riquezas;

Levarão-me a alegria, e a esperança;  
 Joias de mais valor, que vejo prezas;  
 Nas mãos de huma Mulher, e huma Criança

S O N E T O

Chegou, Pafão, o termo de raedero  
 Dessa paixão, que cego me trazia,  
 Tão fria esta, que não esta fria  
 A mesma água na força de pafão.

Já posso esta sempre te hum dia lucido;  
 Hum mez, hum anno, hum fedalo estaria;  
 E c' o mesmo socego te vira  
 Nos braços do mal ruffico vaqueiro.

Odeio o teu nome, e já não dirão aquella  
 Suave coanitoça que experimentava;  
 Custos me p' mas tranfeli da caufa della.

E as cores, p'ens queixada te rematava,  
 Já te não p'ntão ao formoso, e bello;  
 Oha bento a paixão me allucina.

## SONETO

**J**A' me não venço, Amor, de hum gesto lindo,  
 Nem de huma voz de Circe encantadora;  
 Já venci, já triunfei da mão traidora,  
 Da mão daquella, que me andou ferindo.

Dize-lhe, que, o seu jugo facudindo,  
 Os ferros quebro, que arrojé té agora;  
 E, que se rir costuma de quem chora,  
 Que eu já não choro, e que me fico riado.

Que neste dia, da razão armado,  
 Quebrei o encanto, desfatei o enredo:  
 Dia por certo bemaventurado!

Mas que não cuide, que o fugir-lhe hé medo;  
 He odio; e que só vou acompanhado  
 Da viva dor, de lho não ter mais sedo.

## SONETO

**E**M batalha campal me desafia  
 Cupido, só por só. Não sei que faça;  
 Se houvera só valor, e não desgraça,  
 Nenhum receio de o vencer teria:

Mas quem sempre da sorte desconfia,  
 Porque lhe fora em toda a vida escaça,  
 Que triunfos espera de quem traça,  
 Para matar, enganoso cada dia?

Eu bem sei que a matallo só me atrevo;  
 Mas para me vingar, sem desvarios,  
 Bastão as sem-razões, que delle escrevo.

Se elle quer, venha cá; verá meus brios:  
 Que eu amo a Deos, e ao Rei; e obrar não devo  
 Contra a Lei, que prohibe os desafios.

SONETO

Contra o poder de vossas mãos, Senhora,  
Quem ha de resistir? Se basta vellas,  
Para morrer de amor por gosto nellas,  
Para vos declarar por vencedora.

A mesma Natureza se namora  
De tão formosas mãos, de mãos tão bellas;  
E se eu sou digno de jurar por ellas,  
Juro, que outros iguaes não faz já agora.

Por ellas deixa Amor da Mãe os braços;  
E, beijando-as, os ferros passadores  
Nellas vos põe, já feitos em pedaços:

Reis acha nellas mãos, mais superiores,  
Mais suaves farpões, mais doces laços,  
Para prender, para matar de amores.

# SONETO

**V**ai, ó, caro Linao, que a ventura  
 Não se fez para mim, vai ver aquella  
 Como a qual nunca viste outra tão bella  
 Em graça, em discrição, e em formosura.

Pintra-lhe a melancolica figura,  
 Em que aqui fico a suspirar, por ella  
 Pintra-lhe a dor de não poder ir vella,  
 Se he que podes fazer-lhe esta pintura.

Dize-lhe, que te inveja a liberdade  
 De ir ver seus olhos, unico conforto,  
 Que eu teria na minha enfermidade:

Dize-lhe, em fim, que fico tal de abfortol,  
 Que mais te quiz dizer, mas que a faldade  
 Não deixou dizer mais, pois me tem morto.

## SONETO

**S**E quem te vê, bellissima tyrana,  
Morrer por ti de amores se não sente,  
Leite mamou de Libica Serpenté,  
Ou parto foi de alguma Tigre Ircana:

Quem haverá, que, vendo a soberana  
Graça gentil de teu olhar fômente,  
Não se abraze na luz resplandecente,  
Na viva luz, que dos teus olhos mana!

Como pertendes, pois, que eu te resista?  
Se a tua, nunca vista, formosura,  
Para vencer as mais, basta ser vista!

Mas se he porque em mim vês tanta brandura,  
Que tens em pouco a gloria da conquista,  
Culpa quem me não deo alma mais dura,

## SONETO

**E**M ti mil Graças sempre estão chovendo :  
 Se fallas, Graças mil se estão ouvindo ;  
 Mil Graças nella boca se estão rindo ;  
 Graças mil nesses olhos se estão vendo :

Beijão-te humas as mãos ; outras, correndo  
 A teus mimosos pés, te vão seguindo ;  
 Humas por tuas faces vem subindo ;  
 Outras por teus cabellos vão descendo.

Não são só tres as Graças, milhões dellas,  
 Que te acompanhão tão gentil figura,  
 Ficão, postas em ti, sendo mais bellas.

Já quiz contallas, mas achei loucura ;  
 Que he reduzir a numero as Estrellas,  
 Contar as Graças nessa formosura.

## SONETO

Aquelle rosto, aquelle affavel rosto,  
 Cheio d'um não fei que, mais do que agrado,  
 Sempre innocente, sempre delicado,  
 Tanto ao nascer do Sol, como ao Sol posto;

Aquelle fitio, que servio de encosto  
 (Dito fitio!) A tanto bem amado;  
 Aquelle chão, por elle já pizado,  
 Cujas pégadas beijarei por gosto;

Tudo me manda Amor, que n'alma traga;  
 Nem, por mais que nos fuja o tempo leve,  
 Esta viva lembrança em mim se apaga.

Ninguem risar memorias taes se atreve;  
 Pois só a mão da morte he que as estraga,  
 Quando a pena de Amor he que as escreve.

## SONETO

Para que em mim os olhos teus puzeste,  
 Tão cheia de piedade, e de brandura?  
 Para que lhe augmentaste a formosura  
 No lindo movimento, que lhe deste?

Se foi, para ferir-me, que os moveste,  
 Deixa-me agradecer-te esta ventura;  
 Torna a ferir-me, que eu não peço a cura  
 Das chagas immortaes, que me fizeste.

Se me vires cubrir de amargo pranto,  
 Não perguntes porque; pois não duvidas,  
 Que a causa és tu, meu Bem, de eu chorar tanto?

São fangue d'alma as lagrimas vertidas;  
 E á vista do aggressor não causa espanto,  
 Que torne a sahir sangue das feridas.

## SONETO

Nunca mais tomarei a ver teu rosto;  
 Porque Amor, a quem tenho consultado,  
 Diz, que não sabe, que o pergunte ao Fado;  
 De cuja negra mão pende o meu gosto;

De quem foi sempre a meu alivio opposto,  
 Que bem devo esperar? Desenganado  
 Já me tem a experiencia do passado;  
 Nunca mais tornarei a ver teu rosto.

Eu o disse mil vezes, na memoria  
 Eu o disse mil vezes, quando vinha  
 De conseguir do amor tanta victoria:

Que a glória de te ver, que me mantinha,  
 Quando não fosse breve, por ser gloria,  
 Sempre havia acabar-se, por ser minha.

## SONETO

**D**O Téjo as mansas ondas apartava  
 No seu pobre batel, Albano, hum dia,  
 Pescador de miuda peixaria,  
 Com que apenas a vida sustentava:

Com os olhos nas praias, que deixava,  
 Cheio das saudades, que trazia,  
 Da Ninfa o doce nome repetia,  
 Da Ninfa, por quem tanto suspirava:

Chegando à praia opposta se entristece,  
 O saudoso Albano, de tal sorte,  
 Que vivo não, mas morto já parece:

Salta n'areia, e diz: Cruel transporte!  
 Triste de quem se ausenta, que padrece  
 Huma saudade mais cruel, que a morte!

## SONETO

Qual depois de horrôra tempestade,  
De que a vida escapou, sahindo a nado,  
Vem c'ò vestido unico molhado,  
Movendo as gentes todas à piedade:

Tal eu depois da negra escuridade,  
Em que estive até agora sepultado,  
Surjo ante vós, ó Jônia, desttoçado  
Dos procelosos mares da saudade.

Elles no fundo abysmo me tiverão;  
Elles ás altas nuvens me levárão;  
Mas salvei-me onde tantos se perdêrão.

Piedade, oh Jônia! A hums olhos que chorárão,  
E que no mar dô pranto, que fizerão,  
Por milagre de Amor não se affogárão.

## SONETO

**Q**ual muda Réz; de pés, e mãos ligada,  
 Que sem fazer ao céuo resistencia,  
 Quer Jônia que eu me cale, e que a violencia  
 Traga sempre a razão sacrificada.

Quer que hũa alma, de amor ao jugo atada,  
 Tenha em soffrer tamanha persistencia,  
 Que no affrontoso látro da paciencia  
 Vá em triumpho público levada.

Que mais quererá Jônia? Que inda ufano,  
 Da causa vil, por que de novo peno,  
 Adore o erro, conhecendo o engano?

Vá Jônia amar hum coração pequeno,  
 Que antes a Fúria, reduzido Albano,  
 Comerá ferro, beberá veneno.

## SONETO

**E**nganei-me com Jônia : Paciência :  
 Cuidei que achasse hum coração constante ;  
 E que debaixo de hum gentil semblante  
 Morasse huma alma cheia de innocencia :

Achei, em vez de amor, huma apparencia,  
 Que passou por verdade, e a cada instante  
 Huma alma enganadora, hum genio errante ;  
 Enganei-me com Jônia : Paciência.

Oh ! Quem antes de amax a conhecêra ;  
 Então tivera, como tenho agora,  
 Hum coração de bronze, e não de cêra.

Mas se era costumada a ser traidora,  
 Fez muíro bem, obrou como quem era,  
 Que não fora mulher, se assim não fora.

## SONETO

**N**ão vades hoje ao campo, ó Lavradores,  
 Deixai, Ninfas do Têjo, as aureas teas;  
 Cesse nas praias, cesse nas Aldeas  
 Vosso trato, Barqueiros, e Pastores.

Vós Virtudes, vós Graças, vós Amores,  
 Descei do Céu; e em festivaes Choras  
 Serranas, Ninfas, Dryades, Napeas,  
 Dai a Anarda, comigo, altos louvores.

Este he de nós o Idolo adorado:  
 Vede, que Amor, e o Tempo, ante seu vulto,  
 Hum a foice, curto as terras tem quebrado.

Faz annos a pezar do seu insulto:  
 Ah! Festejai hum dia tão sagrado,  
 Que até estes tyrannos lhe dão culto.

## SONETO

**V**ai Gêroveva: os favoráveis ventos  
 Em paz te levem pelas ondas mansas;  
 Que erguendo os olhos, q̄ espathando as tranças,  
 Bem podes serenar os Elementos:

E se de it ver estranhos apofentos,  
 Te hão de seguir altíffimas bonanças,  
 Fiquem sem vida as nossas esperanças,  
 Fiquem com premio os teus merecimentos:

Dos altos dons, que te negou Lisboa,  
 Abrir os cofres á fortuna vejo,  
 E que em Paris com ollos te coroa:

E em quanto se não cumpre o teu desejo,  
 Escuta alêgre, o que de ti pregôa  
 Em frança o Sona, em Portugal o Tejo.

## SONETO

**N** Um tronco Amor á vista dos Pastores  
 O arco, e ás setas pendurado havia,  
 Pois quiz, em teu obsequio, ter hum dia,  
 Ociosos os ferros passadores:

Huma capella de cheirosas flores  
 Elle nas crespas azas te offrecia;  
 E cheio de doçura, e de alegria,  
 Cantado derramou estes louvores:

Vive, Niça gentil, desfruta a gloria  
 Da minha protecção, que, entre os humanos,  
 A ninguem concedi tanta victoria:

Vive a pezar dos seculos tyrannos,  
 Que de teus bellos annos a memoria  
 Ha de durar, em quanto houverem annos.

## SONETO

**A** Narda, vossa Mana ferá bella;  
 Porém a par de vós nunca o parece,  
 Que-huma só graça vossa lhe escurece  
 Todas as graças, que se encontrão nella:

Já que lhe quereis bem, tende a cautela  
 De a não levar comvosco onde apparece,  
 Vós o sabeis, o Mundo o reconhece,  
 Pois á vista do Sol não luz a Estrella.

Bem que mil vezes me digais, que mintô,  
 Tenho razões tão altas de sobejo,  
 Que igualalla comvosco não confinto.

Não sei se he illusão do meu desejo,  
 Só sei que, vendo os olhos feus, não finto,  
 Isto, que finto, quando os vossos vejo.

## SONETO

**O**Ra aqui, ora allí, ferindô a gente  
 Anda Amor, em teus olhos disfarçado;  
 E por não ser (como he razão) culpado,  
 Diz, que lho mandas tu, não sei se mente.

Quando teme passar por delinquente,  
 À teus cabellos voa, onde enredado  
 Dentro delles está, como em sagrado,  
 Armando laços de ouro subtilmente.

Mais do que Amor, és tu quem nos maltratás;  
 Pois as mortes, que faz, tu lhas decretas;  
 Que elle com ser cruel, tem Leis mais gratas

Trazes todas as almas inquietas;  
 Porque tens, com que as prendes, com q̃ as matas,  
 Nos cabellos grilhões, nos olhos settas.

## SONETO

**E**M brando verso celebrar queiza  
 Os bellos annos de Marilia bella;  
 E co' a Lyra na mão, e os olhos nella,  
 Mais que ás Musas, influxo a Amor pedia.

Elle que já mil flores lhe trazia,  
 Em quanto lhe formava huma capella,  
 Mandando-me calar, diante della,  
 Em alta voz em seu louvor dizia:

Tu, ó Jove immortal, que dos humanos  
 Dás, e tiras a vida, em viruperio,  
 Não só dos Ahoz Reis, dos vis Setranos:

A de Marilia, por maior mysterio,  
 Dilata, que, sem ella fazer annos,  
 Não se sustenta o meu famoso Imperio.

## SONETO

Vão de valor, vão de Fortuna armados,  
 A conquistar o Mundo Heroes valentes;  
 E na testa de exercitos rompentos,  
 Voitem de mil despojos carregados.

Soltos ao vento mil pendões ganhados,  
 Co' as já cativas numerosas gentes,  
 Cortem do mar as tímidas correntes  
 Altas galéras de esporões dourados.

Entrem por Grecia, e Roma; á generosa  
 Sombra de arcos triunfaes de palma, e louro;  
 Oução acclamações em verso, e prosa;

Que eu maiores triumphos enthesouto,  
 Contento da conquista glorioza  
 De huns olhos pardos, de huns cabellos de ouro.

## SONETO

**N**Aõ foi, Marília, a tua formosura,  
 Quem me prendeo a solta liberdade,  
 Outras são as cadeias, que a vontade  
 Beija por gosto, arrasta por ventura.

O fragil dom de huma gentil figura  
 Voa nas azas da primeira idade,  
 E da pallida mão da enfermidade  
 O mais ligeiro toque a desfigura.

Teu grande coração, tua alma grata,  
 Teu claro espirito, de virtudes cheio,  
 Desprezador de todo o ouro, e prata,

He só a formosura, em que me enleio;  
 Que esta, quando do corpo se desfata,  
 Para o Ceo torna a ir, de donde veio.

## SONETO

**V**O's, arenosas, Escalabitanas  
 Margens do Têjo, a cujo antigo assento  
 Deo nome o curvo, o bellico instrumento,  
 Que orna o cinto das gentes Africanas,

Croadas de Salgueiros, e Espadanas,  
 Vede alegres o meu apartamento;  
 Que eu vou, como já fiz, n'outro aposento  
 Infamar, com meus ais, outras cabanas;

Mas se a vizinha, se a furiosa cheia;  
 Que já nos traz boiando o Chopo, e a Faia,  
 Ameaçar de mais perto a vossa Aldeia;

Porque respeite o fitio desta praia,  
 Mostrai-lhé, que aqui fica, sobre a areia,  
 Escrito o nome da formosa Olaiá.

## SONETO

**E**M tomo de hum Altar, onde apparece  
 Da bella Orla do magistoso culto,  
 Inquietos amantes lhe dão culto  
 Por mãos d'hum Sacerdote, que lh'offrece.

O devoto Ministro Amor parece,  
 Mas vive n'el disfarçado obisulto:  
 Ah! Foge, Orla, de quem anda occulto,  
 Dizendo que he Amor, sendo interesse.

Não cultes sempre que, em hum peito humano,  
 São de Amor as offeras singulares,  
 Limpas de má renção, como as de Albanos.

E para o sacrilegio castigares  
 Da mão sagrada, que dirige o engano,  
 Fecha-lhe o Templo, esconde-lhe os Altares.

## SONETO

Qual o menino, pela mão levado  
 Para ver algum público festejo,  
 Sem saber regular o seu cortejo,  
 No meio está dos mais, como pasmado.

Tal eu, Senhora; pela mão guiado  
 De hum festival, do hum candido desejo,  
 Junto a' os mais, a illustre mão vos beijo,  
 Sem que possa louvar-vos de admirado.

Mas se os puros affectos da vontade  
 Também são eloquentes neste dia,  
 Sirva de pãnegyrico a humildade;

Pois sei, que para vós tem mais valia  
 Os são conhecimentos da verdade,  
 Do que os dons soberanos d'armonia.

## SONETO

**A** Os santos bosques do Tojal me guia  
 A mão fiel de hum festival cortejo ;  
 E entre as ramas vagando o Monstro vejo,  
 Que faz dos filhos seus crua iguaria.

Co' a curva foice, que na mão trazia,  
 Os louros córta insignias de festejo ;  
 E c'uma voz, que lá se ouviu no Téjo,  
 Trabalhando, cantando, assim dizia:

Para o justo Saldanha, que ennobrece,  
 Que adorna, e felicita a nossa idade,  
 Torne este louro, que á sua sombra cresce.

Quem terá contra elle authoridade?  
 Se a mesma estragadora mão lhe réce  
 A coroa immortal da eternidade.

S O-

*Indo o A. fallar ao Eminentissimo, e Reverendissimo  
 Cardeal Patriarcha, estando na sua Quinta do Tojal, no  
 dia dos seus annos.*

## SONETO

**T** Razei do Ceo medicinal virtude  
 Ao Regio Infante alegre melhoraes  
 Annunciai á tímida Maria  
 Do amado esposo a proxima faude

Por mais que a vasta medicina estude,  
 Em que vâmente o Medico se fia,  
 Não acerta sem vós, não tem valia,  
 Que póde mais a natureza rude.

Os rogos acceitai, que vos entoa  
 O affustado Belém, a pobre gente,  
 Os Vassallos, a Corte, o Rei, Lisboa;

Nem só Pedro, e Maria esmeral fente;  
 Fez-se contagio, e toda a parte voa,  
 E todo o Portugal ficou doente.

SO-

*Na molesta de S. A. R. a Serenissimo Senhor Infante  
 D. Pedro.*

## SONETO

Quiz ver o Sol de noite, o Luar de dia,  
Benigno rosto na horrorosa Aleto,  
Ser de torres no ar novo Arquitecto,  
Vastos seriões atravessar sem guia.

Quiz achar nos Infernos harmonia,  
Na Glória confusão, o mar quieta;  
Quiz ver hum Corvo branco, hum Cisne preto,  
A neve ardente, a lavareda fria;

Quiz contar as arêas do Oceano,  
Do sepulcro de Jove achar certeza,  
De altos mysterios descubrir o arcano;

Quiz em fim, pervertendo a Natureza,  
Formar hum novo cáos, buscando Albano,  
Mulher com fé, Fortuna com firmeza.

SO-

## SONETO

**A**bre as azas de linho, Ave-rasteira,  
 E sobre o campo azul do mar salgado  
 Leva em paz o meu filho idolatrado,  
 Que vai buscar, sem mim, praia estrangeira.

Vai, de seus annos na estação primeira,  
 Do bazo maternal desamparado;  
 O Ceo sereno, o vento socegado  
 Te facilitem a feliz carreira.

Das ferreas unhas as prizões desfata;  
 E leva hum filho de sua Mãi ausente,  
 Carga mais rica, que todó o ouro, e prata:

Se não por filho meu, por innocente,  
 O perigoso baixo, o vil pirata  
 Fuja, fuja de ti: voa contente,

## M O T E

*De meu não quero mais, que o meu desejo.*

## G L O Z A

## S O N E T O

**Q**uem cotre apôs do bem, que não alcança,  
 Porque de Amor algum vil premio intenta,  
 Offende Amor, que Amor não se alimenta  
 Da grosseira materia da esperança.

Feliz o meu amor, que sem mudança  
 No seu puro desejo se sustenta:  
 Com elle satisfeito se contenta;  
 A si se tem, por fim, em si descança.

A causa donde vem, que eu não explico,  
 Tal virtude me dá, desde que a vejo,  
 Que todo nella transformado fico:

Nem outra alguma recompensa invejo,  
 Que se com meu desejo estou tão rico,  
*De meu não quero mais, que o meu desejo.*

M O.

## MOTÉ

*Ou me leva, ou não partas de Lisboa.*

## GLOZA

## SONETO

**A** Partar-me de Marcia pertendia,  
 Marcia, a quem mais, do q̃ a mim mesmo, amava;  
 É tó de imaginar que me apartava,  
 Antes de me apartar morrer temia.

Curvando o corpo sobre a vara hum dia,  
 Da arêa o meu batel desfencalhava;  
 E vendo então, que o barco já nadava,  
 Deitando-o para o mar, partir queria.

Eis-que o vento se agita, a água se altera;  
 E hum mar, que em flor me rebentou na prôa,  
 Torna a pôr-me na praia, onde estivera.

Quando esta voz a meus ouvidos soa:  
*Ab não fujas, aonde vás? espera, . . . .*  
*Ou me leva, ou não partas de Lisboa.*

MO-

## M O T E

*Das indústrias humanas te estás rindo.*

G L O Z A

## S O N E T O

**P**odem contra leões, contra serpentes,  
 Por arte os homens defender a vida;  
 Que a lança, a espada, a setta despedida,  
 São para isso as armas competentes.

Podem contra piratas insolentes  
 Salvar a liberdade na fugida,  
 E nas masmorraes, quando a vem perdida,  
 Pouco a pouco limar grossas correntes.

Tudo podem fazer; mas contra os laços,  
 Que tu lhes rétes, não lhes val, fugindo,  
 Nem pés ligeiros, nem forçosos braços;

Pois como sabes, com teu gesto lindo,  
 Prender-lhe as mãos, embaraçar-lhe os passos;  
*Das indústrias humanas te estás rindo.*

SO.

## SONETO

**O** Roxo Baccho, que espremendo estava  
 Maduros caxos, que em Setembro cria,  
 Porque soube dos Deoses, que este dia  
 A Apardina gentil se dedicava;

Em ricas taças derramando andava  
 O espumante licor, pai da alegria,  
 E em lugar da suavissima Ambrosia,  
 Com elle hum brinde a todos preparava:

Dando final c'o verde Tirso erguido,  
 Beheando forão em louvor daquella,  
 Que o mez honrou de Baccho tão querido:

E a seus annos recendo huma capella,  
 Os mais Deoses ficarão, só Cupido  
 Tornou voando para os olhos della.

SO-

*Fazendo annos a Illustrissima, e Excellentissima Se-  
 nhora Condessa Poimbeiro.*

## SONETO

**F**ugi, prazeres, de quem chora, e sente  
 Não ver de Marcia a divinal-figura;  
 De alegres corações não falta gente,  
 Que, em vão, por vós trabalha, e vos procura?

Mostrai-me, se podeis, a formosura  
 Da minha Marcia, por quem choro ausente;  
 E vinde, então chamar-vos-hei ventura,  
 Que antes não me podeis fazer contente?

Pois se nenhum alivio podeis dar-me,  
 Para que vindes, tendo esta certeza,  
 Para que vindes sem razão cansar-me?

Mostrai-me Marcia, ou desisti da empresa;  
 Porque sem ella sempre haveis de achar-me  
 Posto á sombra das azas da tristeza,

## SONETO

Querendo erguer, em honra d'este dia,  
 Ao teu nome huma estatua, imaginava  
 Sobre a digna materia, e duvidava  
 Se de bronze, ou de marmore a faria;

Mas o Tempo, que tudo destrua,  
 E ao cantando o teu louvor ardava,  
 Das fracas mãos a obra me tirava,  
 E encostado na fonte, assim dizia:

Pede ao teu Lizo, o musico instrumento,  
 Se do bom Telles, com voz clara, e pura  
 Queres cantar o alto nascimento:

O meu poder estatuas desfigura,  
 E no Mundo hum feliz incremento,  
 Mais que nos jaspes em bons versos dura.

SO-

Escrevo annos o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor,  
 D. Francisco Xavier Telles.

## SONETO

**O**S rijos ventos, que as prizões quebrarão,  
 Nos penhascos as ondas desfizerão;  
 E tanto contra o Ceo se revolvêram,  
 Que ao Ceo subindo as nuvens salpicarão:

Batendo, as fracas vélas se rasgarão;  
 No fundo mar o meu bachel mettêrão;  
 Tanto por morto as gentes me tiverão,  
 Que salvo em terra de me veripalmarão.

Ellas nos grossos mares enrolado  
 Sahir-me virão a beijar devoto,  
 O milagroso chão, que me ha salvado:

E ellas me virão, pendurar, por voto  
 Neste Templo, á Piedade confagrado,  
 O meu vestido mal enxuto, e roto.

## SONETO

**A**S negras roupas com felice agouro  
 Depõe, ó Musa, e de prazer te veste;  
 Da fronte arranca o funebre Cypreste,  
 E as tranças orna de Amarantho, e Louro.

Entra d'Apollo no immortal thefouro;  
 Ricas palavras, dize, que te empreste;  
 E em vez do Deos Caprino a frauta agreste,  
 Fere, do Grão Thebano, a Lyra de ouro.

Com ledas azas de formosas penas  
 Vai dar, voando, hum grito no Universo  
 Em companhia das Irmãs Camenas:

E canza, que a pesar do Fado adverso,  
 Hum novo Augusto, hum singular Mecenas  
 Ornou teu vulto, protegeo teu verso.

## SONETO

**A** Mor, por se vingas d'uma alma izetta,  
 Que sempre escarneceo dos seus rigores,  
 Armado de arco, e ferros passadores,  
 Posto em campo, batalha lhe apresenta:

Como ferir hum' alma illustre intenta,  
 D'aljava escolhe hum ferro dos melhores;  
 E murmurando, a força dos Amores  
 Com magicas palavras acrescenta:

Dispara a setta, a setta não fez nada,  
 Porque a pezar do impulso soberano  
 Cahio no chão desfeita da pancada:

Eis-que lhe lembra a que ferira Albano,  
 No arco a põe; e como hia cevada,  
 Gemo Fileno, rio-se o Deos tyrano.

## SONETO

**N**Um valle, cujo nome não sabia,  
Rodeado de tortas Oliveiras,  
Por tolcas escarpadas ribanceiras  
Huma tarde hum Pastor me conduzia.

Abafadas montanhas dalli via,  
Fazendo sombra ás plaçadas ribeiras;  
E as macilentas luzes derradeiras  
Phebo nas negras aguas escondia.

Paster, (the digo) que medonhos ares!  
Parece que mais funebre não fora  
O mesmo domicilio dos pezares.

Pastor, fuja mos, vamo-nos embora,  
Que ficarão, se eu fico, estes lugares  
Inda mais tristes, do que os vejo agora.

## SONETO

**C**Horai Graças, chorai: chorai Amores,  
 Que em fim morreo... Mas não queirais fabello,  
 Que arrancareis o lucido cabello,  
 E quebrareis os ferros passadores.

Mas se de tantas almas os clamores,  
 Chamando por Anarda, hão de dizello,  
 Sabei, que já daquelle rosto bello  
 Não vereis mais as engraçadas cores.

Ligeira mão de negra enfermidade  
 Truncou em flor aquellas esperanças,  
 Que hião já rebentando em nossa idade.

Ah! Confagrai-lhe funeraes lembranças;  
 E nos Altares da immortal faudade  
 Cravai as setras, pendurai as tranças.

D ii

S O-

*Na morte da Illustrissima, e Excellentissima Senhora  
 Condessa Pombeiro.*

## S O N E T O

**Q**ue dons, dignos de ti, offerceria  
 Hoje aos teus pés, Pastor illustre, e honrado!  
 Nascestes Grande, vives abastado,  
 E eu (como tu sabes) sem valia.

Fruta? Caça? Teu campo tudo cria.  
 Fiel rafeiro? Muitos tens ao lado.  
 Huma rez enfézada? Tu tens gado,  
 Que cancei, quando quiz contallo hum dia.

Que resta? O coração? Bem se conhece  
 Que todo he teu, que se te humilha, e dobra  
 Qual boi, que ao jugo o manço colo offrece:

Só passo dar-te; porque em fim me sobra,  
 C'os parabens, que hum dia tal merece,  
 Mil beijos nessas mãos, de quem sou obra.

S O-

*Parendo annos o Illustriſſimo ; e Excellentiſſimo Senhor  
 Conde da Vidigueira.*

## SONETO

**P**obre, ou rico, vassallo, ou Soberano,  
 Iguaes são todos, todos são parentes,  
 Todos nascêrão ramos descendentes  
 Do tronco antigo, do primeiro humano.

Saiba, quem de seus titulos ufano  
 Toma por qualidade os accidentes,  
 Que duas gerações ha só differentes,  
 Virtude, e vicio, tudo mais he engano.

Por mais que affecte a vá Genealogia  
 Introduzir nas veias a nobreza  
 De melhor sangue, do que Adão teria,

Não fará, desmentindo a Natureza,  
 Que seja, sem virtude, a Fidalguia,  
 Mais que hum triste fantasma da grandeza.

MO-

## M O T E

*Accendo as toxas sobre os teus Altares.*

## G L O Z A

## S O N E T O

**O**S versos que cantei já n'outra hora  
Ao baixo som do rustico fiteiro;  
Ora vindo correr claro ribeiro,  
Ora ouvindo cantar ave sonora;

Outros já feitos ao romper da Aurora,  
Dourando o lume do impellido ouceiro:  
Outros aquelle assampre derradeiro,  
Que estimo mais, que todos, ainda agora:

Todos, á vista dos que tu tens feito,  
Estranhos, puros, abysos, singulares  
São, de Musa infeliz, parto imperfecto;

E as folhas dos teus melhores exemplares  
Queima; e com ellas por maior respeito,  
*Accendo as toxas sobre os teus Altares.*

M O .

DE J. X. DE MATOS.

42

M O T E

*Dêstes a morte ao Author da Vida.*

G L O Z A

S O N E T O

**C**Ravados pés, e mãos, e da cabeça  
Inclipada no peito escorregando  
Goras de sangue pelo rosto branco,  
Que a ser cadaver pállido começa;

Do coração, que a lança lhe atravega,  
Remedio para o Mundo está manando;  
E ha povo inda tão barbaro, e nefando,  
Que por Filho de Deos o desconheça!

Se está neste Exemplar da penitencia  
A Profecia de Daniel cumprida,  
Porque fazeis incredula a experiencia?

Que pena a tanto mal será devida?  
Confundistes a culpa co' a innocencia:  
*Dêstes a morte ao Author da Vida.*

3110)

SO-

## S O N E T O

**V** Inde, ó Anjo da paz, e da alliança,  
 Dos Reis, e dos Profetas suspirado;  
 Honra daquelle, por quem sois mandado,  
 E dos Padres do Limbo alta esperança.

Mas ah Senhor! (Tristissima lembrança!)  
 Não venhais, que vos têm aparelhado  
 Os homens, para o hombro, e para o lado,  
 Vergonhoso madeiro, aguda lança.

Porém Vós sabeis tudo; e já fallarão,  
 Cheios do vosso Celestial conforto,  
 Os mesmos, que de vós profetizarão.

Serão sem fruto as petições do Horto;  
 Que aquelles dous primeiros, que peccarão,  
 Não poderão viver, sem ver-vos morto.

O D E S



## ODES

I

I

Nfeliz instrumento,  
Cythara sem ventura, se algum dia  
Adormeceste o vento,  
E o Téjo recoitado a voz te ouvia:

Se os famintos cordeiros,  
Ouvindo os ecos teus no monte agreste,  
Já dos altos outeiros  
Em confuso tropel descer fizeste:

Se as sonoras abelhas  
Para escutar-te, as azas encolhêrão;  
E erguendo as sobrancelhas,  
As cabeças os Satyros movêrão:

Se

Se o tyranno Cupido  
 Com tuas aureas cordas já brincou ;  
 E no ar suspendido ,  
 Mil vezes suspirando te escudou :

Se implacaveis rigores  
 Já venceste de Ninfas desdenhofas :  
 Se déstros tangedores  
 Já te enfeitarão de purpuras rosas :

Já lá vai essa idade ;  
 Dos olhos me fugio tão doce estado ,  
 Com maior brevidade ,  
 Que luz , e morre o lume fuzilado .

Cybara minha , a Deos ,  
 Já não serás das minhas mãos emprego ;  
 Querem que seja os Ceos  
 Esta a ultima vez , que a mim te chego :

Os Ceos , os Ceos o querem ,  
 Que assim a dura Anarda o quer , e manda ;  
 Os ouvidos lhe ferem  
 Os écos teus , e delles não se abranda .

O rouco mar barendo  
 Nos vãos cachepos , com que em vão peleja ;  
 O estampido horrendo  
 Do turbulento Ceo , quando troveja ;

Os

Os espantosos ventos  
 Fortemente abalando os troncos graves:  
 Os lentidos accentos  
 De mil nocturnas, e agourentas avés:

Quer a minha ventura,  
 Que ainda seja mais grato aos seus ouvidos,  
 Do que toda a ternura  
 Das tuas vozes, e dos meus gemidos:

Offendem-na clamores  
 Nascidos de respeito, e de piedade:  
 Não quer ouvir louvores  
 Guiados pela mão da sã verdade:

Outras cordas mais altas,  
 Outra mais d'èstra mão, outro instrumento  
 Virão supprir as faltas  
 Do teu fraco, e mortal merecimento.

De hum susto reverente  
 Eu me confundi, e gelto; a lingua se ata:  
 Quem he que de repente  
 Das mãos tão alto assumpto me arrebatá?

Ouve, Anarda formosa,  
 Dos bellos olhos, do engraçado rizo,  
 Os louvores gostosa,  
 Que eu manchei com meu rustico juizo.

Tu

Tu, Cythara calada,  
 No antigo ramo deste tronco secco,  
 Sempre dependurada,  
 Só ferida dos ventos, farás ecco.

## II

**S**Ocega-te, e respira,  
 Formosa Melibea: que semblante  
 He esse cheio de ira!  
 Ouve-me hum pouco, escuta-me hum instante;  
 Póde ser, se me ouvires,  
 Que em vez de raiva, só d'amor suspires.

**A**mão do vencedor,  
 Que ensanguentada na batalha he gloria,  
 He infamia, he horror,  
 Se depois, abusando da victoria,  
 Se vê de novo erguida  
 Contra a misera gente já rendida.

**F**ormosa vencedora,  
 Como te atreves a ferir o peito,  
 O peito, que te adora?  
 Desses teus olhos ao poder sujeito  
 Não matem teus rigores  
 Huma alma, que por ti morre de amores.

Se

Se a pouca resistencia  
Te diminue a gloria da conquista,  
Desafia a violencia  
D'algum Tigre cruel, que te resista,  
Que eu, inda que pudera  
Resistir a teus olhos, não quizera.

Não são teus olhos bellos,  
Como são os mais olhos, que segura  
Bem póde a gente vellos,  
Sem suspirar de amor, nem de ternura;  
Mas os teus podem tanto,  
Que só de vellos me derrero em pranto.

Formosas sombras, onde  
O criminoso Amor, réo de mil mortes,  
Tão déstro a mão esconde,  
Para ferir os corações mais fortes;  
Que dessas cores pretas,  
Por mais se disfarçar, tingio as settas.

Correm de toda a parte  
Tenros Amores, que voando, e rindo,  
Nas azas vão levar-te  
Os rotos corações, que estás ferindo:  
Tão cruento tributo  
Receber podes com semblante enxuro!

Oh

Oh que de almas humanas :  
 C'o laço na garganta estão pendentes  
 Dessas negras pestanas!  
 Levas hum pezo tal, e não o sentes?  
 E vives descansada  
 De tão tristes despojos carregada?

Tu es a que não queres  
 Mais que hum só coração por teu cativo?  
 E tanto aos outros feres,  
 Que para os escutar lhes dás motivo:  
 Ouve o meu só, que sente  
 Cozas, que juntas se achão raramente.

Nelle negros enganos  
 Não forja a vil, a fordida mentira;  
 Sentimentos humanos  
 He quanto encobre, he quanto em fim respira;  
 He mestre dos amantes,  
 Tem palavras mais doces, que elegantes.

A grosseira esperança  
 De hum fim commum, q̄ iguala a gente ás feras,  
 Não he onde descança  
 Hum grande coração, que ama de véras:  
 Hum grande coração  
 Tem mais louvavel, racional paixão.

Da tua alma os destinos,  
As cousas grandes, que o teu genio encerra:  
Estes são os divinos,  
Doces contrarios, que me fazem guerra:  
Delles ando ferido,  
Delles tenho por gloria o ser vencido.

Ninguem, ninguem me valha,  
Aonde contra mim taes armas vejo;  
Que morrer na batalha,  
He a gloria maior do meu desejo;  
Com tão bello inimigo,  
Inda a gloria he maior, do que o perigo.

Contra mim novos raios  
De teus formosos olhos atremeça,  
Farás, que entre desmaios,  
Em quanto não morrer, mais raios peça;  
Fere, derriba, e mata,  
Que eu te prometto não chamar-te ingrata.

Chama agora fraqueza  
A' minha sujeição: crimina, e infama  
A minha singeleza:  
Dize que he falso o rito, impura a chama  
Deste meu sacrificio;  
Fere-me a alma, faze o teu officio.

Ou-

Outros modos procura  
 De arruinar o meu tranquillo estado ;  
 Segue a minha ventura ,  
 E em campo , contra mim , põe-te a seu lado ;  
 Que por tal humicida ,  
 Em obsequio da mão , beijo a ferida .

## III

**F**ez-se calvo este monte ,  
 Que inda hum lustro não ha que florescia ;  
 Seccou-se aquella fonte ,  
 Que arrebatada para o mar corria ;  
 Murchou-se este arvoredado ,  
 Despegou-se este rigido penedo .

Nestas desconjuntadas ,  
 Carcomidas paredes , algum' hora  
 Eu já vi levantadas  
 Soberbas torres , que não vejo agora ;  
 Choveo , subio a cheia ,  
 E fez o Téjo praia , onde era Aldeia .

Pouco a pouco batendo  
 Cavou o mar tão horridas montanhas ,  
 Como se lhe estão vendo  
 Cada vez mais as humidas entranhas ,  
 Té o ferro deste arado  
 Se tem feito ha tres dias mais delgado .

Aç

Affim nos vai levando  
 Hum dia, tão differente de outro dia,  
 O Padre venerando,  
 Que faz dos proprios filhos iguaria:  
 Ah Tempo avaro, e forte,  
 Companheiro da vida, irmão da morte!

Tu, que prendes ousado  
 A teu carro veloz ligeiros ventos,  
 E em gyro arrebatado,  
 Fazendo tão contrarios movimentos,  
 Co' as rodas de diamante  
 Tudo atropelas, que se põe diante.

Derribas a coluna,  
 Desfazes pouco a pouco a rócha erguida;  
 E da mesma Fortuna  
 Fazes mudar a face desabrida;  
 E não podes, ao menos,  
 Vencer em mim contrarios tão pequenos.

Que he do teu soberano  
 Invencivel poder? Se a paixão cega  
 Do fraco peito humano  
 (Por mais que por mim passes) não focega?  
 Esta alma he por ventura  
 Mais do que o ferro, mais que a pedra dura?

Tempo, que tudo gastas,  
Gasta-me esta paixão, que o peito encerra;  
Mas tu, tu só não bastas  
Para a gastar, para fazer-lhe guerra:  
Tempo, não podes nada,  
Se de ti zomba huma alma apaixonada.

Mas que milagre he este?  
Que he isto, justos Ceos, que em mim presinto,  
Que resplendor Celeste  
Me vai allumiando! Eu vejo extinto  
O horror dos olhos meus:  
Foi o tempo? Ou fui eu? Fostes vós, Ceos:

Já os amortecidos  
Olhos, contente para vós levanto;  
Já dou promptos ouvidos  
A'quellas vozes, que desprezei tanto:  
Respiro como d'antes,  
Inda venha igual bem aos mais amantes.

## IV

**A**lviçaras, humanos,  
 Morreo, morreo Amor: A' fria terra  
 Forão, forão com elle os vís enganos,  
 Com que já vos fez guerra:  
 Aqui o Deos vendado,  
 Sem honras funeraes jaz sepultado;  
 Nem merecia tellas,  
 Que os malfeitores são indignos dellas.

Não houve em verso, ou prosa  
 Quem o triste Epicedio lhe cantasse;  
 Não houve mão de amigo, que piedosa  
 Os olhos lhe cerrasse;  
 Ninguém teve a lembrança  
 De lhe dizer se quer: Em paz descança.  
 Acabou desta forte,  
 Rio-se d'elle a Fortuna, o Tempo, e a Morte;

Eu fui quem aos impulsos  
 Da dor de ímpias cadeias, que trazia;  
 Dos denigrados pés, dos roxos pulsos  
 Despedacei hum dia  
 Tão vergonhosos lassos;  
 E já soltas as mãos, livres os passos,  
 Eu fui quem deste modo  
 Venci o vencedor do Mundo todo.

E ñ

De

De hum novo esforço armado  
Triunfar, ou morrer (disse a Cupido)  
Foste no Lago Estigio mergulhado,  
Para não ser ferido?

Se lá houve com tudo  
Para o filho de Thetis ferro agudo,  
Padece o mesmo dano  
Tu, que es hum falso Deos, hum Rei tyrano:

Entre os braços o apérto,  
Dentro d'aljava as settas se quebrárão;  
E de hum mortal frio suor cuberto,  
Os ossos lhe estalárão.

Por Marfiza chamou:  
Mal disse o nome amado, e suspirou;  
Beijando-me na face,  
Pedindo-me por ella que o soltasse.

Com que vergonha o digo!  
Então os braços affroxei hum tanto;  
Quiz perdoar-lhe, contendi comigo,  
Paro, vacillo, em quanto  
Mil cousas me lembrárão,  
Não sei se d'agua os olhos se arrazárão;  
Lembrou-me o quanto excede  
A mão, que dá, á pobre mão, que pede.

Qual

## DE J. X. DE MATOS.

67

Qual Eneas piedoso,  
Vendo Turno a seus pés pedindo a vida,  
Suspendeo por hum pouco duvidoso  
A espada no ar erguida:  
Té que vendo-lhe ao lado  
Render o cinto de Palante amado,  
Com tão triste lembrança  
Nelle executa a ultima vingança.

Tal eu, vendo pendentos  
Do hombro do inimigo os vis farpões,  
Inda c'ò fresco sangue de innocentes,  
Humanos corações:  
De novo me enfureço,  
E c'uma setta o peito lhe atraveço,  
As azas sem conforto  
Bateo espavorido, e cahio morto,

Esta a Tragedia triste,  
Estas as settas, este o arco, e a venda,  
Que serão testemunhas do que ouviste,  
Despojos da contenda:  
Jacte-se Alcides forte  
Menos de seus triunfos; porque a morte  
Do porco de Erimanto,  
E da Hydra fatal, não valeo tanto.

Com

Com a pelle Nemea  
 Cubra a robusta espada victorioso,  
 Que estas insignias dão-vos outra idéa  
 De caso mais famoso:  
 De Amor queixosas gentes  
 Vinguei-vos, e vinguei-me, andai contentes;  
 Já lá vão os enganos,  
 Morreo Amor, alviçaras humanos,

## V

**M**usa minha, voemos,  
 Onde as Virtudes morão;  
 Nossos versos levemos,  
 Por onde nunca nossos versos forão:  
 Já sobre as nuvens levantar-me vejo.  
 Ah não sejamos Icaros do Téjo!

Que Horizontes são estes!  
 Que Paiz! Que habitantes!  
 Tóco os Orbes Celestes!  
 Bebo o lume dos Astros rutilantes!  
 Como já vejo deste sitio estranho,  
 A Terra tão pequena, o Sol tamanho!

Tu,

Tu, que as cascas passeas  
 Dos Animaes Celestes,  
 Que as terras allumeas,  
 Que as flores pintas, que as montanhas vestes;  
 Mostra-me o Signo, dize-me que Estrella  
 Virão nascer de Anarda a filha bella.

Mas aqui chega a armada  
 Tésta do roubador,  
 Da sempre celebrada,  
 Formosissima filha de Agenor;  
 Tão enfeitada a fronte não trazia,  
 Quando com ella pelo mar fugia.

O' Signo venturoso,  
 Alegria do Mundo,  
 O' Nuncio do formoso  
 Verão, a que abre a porta Abril fecundo;  
 A quem serás fatal de hoje em diante,  
 Vendo em ti Marcia o seu Natal brilhante.

Constellação propicia  
 Serás a toda a gente;  
 Nos campos de Fenicia  
 Não pascias por certo tão contente,  
 Como depois que vás nos soberanos  
 Orbes de Marcia assinalando os annos.

No

No Zodiaco ardente,  
 Tu não tens companheiro,  
 Que não gyre contente:  
 Sacode o vello o humido carneiro:  
 Os abraços redobráo de alegria  
 Os dous Irmãos em honra deste dia.

Olhando-te de inveja,  
 Cada hum delles arde;  
 Quer o Ceo que assim seja,  
 Hum por não vir mais cedo, outro mais tarde;  
 Não he assim a casta Caçadora,  
 Que entre o rebanho das Estrellas mora,

Não he assim Lucina;  
 Porque logo que nasce  
 Esta illustre Menina,  
 Disse; beijando-a na virginea face:  
*Descei, ó Musas, a cantar-lhe em verso;*  
*Vinde, Virtudes, embalar-lhe o verso.*

Deos te salve, mimosa,  
 Tenra, innocente planta,  
 O' mão, ó voz ditosa,  
 Que primeiro que as outras te acalanta:  
 O Ceo, de quem es fruto abençoado,  
 Te livrará do fascinante olhado.

Des-

Dessas Graças Celestes,  
 Que sobre ti descêrão,  
 Guarda intactas as vestes:  
 Por ti as Virgens do meu Coro esperão:  
 C'ò pé descalço accezas brazas piza,  
 Serás do Templo meu Sacerdotiza.

Se hoje fora o insulto  
 Desse vão Horostrato,  
 Que estragando o meu culto,  
 Se fez odioso ao Mundo, ao Ceo ingrato:  
 Ardêra o Templo, o Simulacro ardêra,  
 Sem que outro filho de Filippe houvera.

Não são os ascendentes,  
 De que elle procedia,  
 Que os teus mais excellentes,  
 De mais conselho, de mais grão valia:  
 Faça dos filhos cru manjar Saturno,  
 Darás materia de maior Coturno.

Quando Cloto engrossado  
 O branco fio tenha  
 Do tempo teu dourado,  
 E a Primavera fazonando venha;  
 Quando a luz da razão dobrar seus raios,  
 Tornem a vir Abris, voltarem Maios.

En-

Então cheia de gloria,  
 De affombro, e maravilha,  
 Lerás a antiga historia  
 Dos generosos Pais, de quem es filha;  
 E elles tendo em ti glorias iguais,  
 Verão a filha, de quem forão Pais.

Inda agouros mais dinos  
 Eu li no volumoso  
 Livro dos Destinos  
 O quinto dia deste mez famoso;  
 Dia capaz, de que os Varões mais castos  
 Te verão lançar nos Lusitanos Fastos.

Vós, Thagides vizinhas,  
 Ide escolher redondas  
 Quatro brancas pedrinhas,  
 Que mais polirão as lambentes ondas,  
 Com ellas numerai, entre os humanos,  
 Quatro formosos apraziveis annos.

Tu,

*Fazendo annos a Illustrissima, e Excellentissima Senhora Dona Maria Rita Castello-Branco.*

## VI

**T**U, brilhante Chiméra,  
 Sonho dos acordados,  
 Vai tentar essa gente, que te espera;  
 Que os já defenganados,  
 Não crem promessas vans, faustos agouros,  
 De sonhados thesouros:  
 Fortuna, não es nada,  
 Nem tu podes ser mais que imaginada:

Chamem-te nas campanhas  
 Arbitra das victorias,  
 Chamem-te protectora das façanhas  
 Nas corruptas historias;  
 O primeiro, que os gellos mal seguros  
 Forçou dos Alpes duros,  
 Confesse que te deve  
 Esses triunfos, que de Roma teve.

Mas de que lhe serviste?  
 Se no meio da gloria,  
 Sacudindo os cabellos, lhe fugiste,  
 Levando-lhe a victoria?  
 N'um Templo aerio, hum culto imaginario  
 Te dê Jugurtha, e Mario,  
 Scipião, e Pompeo,  
 Nenhum destes Varões te conheceo.

Di-

Dizem, que o cofre abrindo  
 Das riquezas avaras,  
 As vás depois ás cégas conferindo;  
 Que os remos, e as Tiaras  
 Pendem das tuas mãos; que quando queres,  
 Sem escolha as conferes;  
 Que os Sceptros, e os cajados  
 Dás a quem estes premios não são dados.

Dizem, que favoreces  
 Os timidos Pilotos;  
 Que es o Iris da paz, que lhe appareces  
 Sobre os mastros já rotos;  
 Que a ti só deve o havido dinheiro,  
 Vem dizendo o Mineiro;  
 Diz o Cultor de Ceres,  
 Que mil frutos terá, se a mão lhe deres,

Ah gentes infelizes,  
 Que chamastes Fortuna  
 As acções mais infames, mais ingratas!  
 Essa Deosa importuna  
 Não influe nada nas tenções humanas,  
 São desculpas tyranas  
 Dos Atilas, dos Neros,  
 Dos crueis Scylas, dos Dionysios feros.

Da

Da montanha Tarpeya,  
Vendo abraçar-se Roma,  
O filho de Agripina se recreia,  
E por Fortuna o toma:  
A maldadé de Fálaris cruenta  
Contra os mortaes inventa  
Tormentos exquisitos;  
Elle os tem por Fortuna, e são delitos.

Vai o Gráo Macedonio  
A terra devastando;  
Vai Octavio, vai Lepido, e Antonio  
Cidades arrazando;  
E os horrendos estragos, que fizerão,  
Por Fortuna tiverão;  
Que a falsa heroicidade  
Não he Fortuna, senão he crueldade.

Monarchas poderosos,  
Que viveis entre sustos,  
Deixai de ser Octavios sanguinosos,  
Se quereis ser Augustos:  
Os vencidos descalços prizioneiros,  
Que em triunfos-guerreiros  
Levais ao carro atados,  
Não vos faz ser, ó Reis, affortunados.

Só quando ferrolhares  
 Essas portas de Jano,  
 Quando cheios de amor do Throno olhares  
 Para o genero humano,  
 Então sereis Heroes, tereis o nome,  
 Que o tempo não consome:  
 Isto he que he ser invicto,  
 Seguir a Cesar, hobrear com Tito.

Fortuna do Universo,  
 Que mão te fez senhora?  
 He indigno o teu nome do meu verso:  
 Foge perturbadora,  
 Que tu não tens que dar, mais do que enganoso  
 Aos miseros humanos:  
 Se es tão forte, tão rica,  
 Que podes tudo, a Jupiter que fica?

Não tens, Fortuna avara,  
 Dominio sobre a terra;  
 Quem fertiliza a próvida seara,  
 Quem triunfa na guerra,  
 Quem salva a Não, quem desencanta a mina,  
 Quem muros arruina,  
 He a necessidade,  
 A força, a industria, a misera vaidade.

Mal

Maldita a mão primeira,  
Que estatuas te eregira;  
Digna de Fama não, mas de fogueira:  
Maldita a voz, e a Lyra,  
Que louvores te der: proscrito seja  
Algum, que te proteja:  
Extinga-se o teu vulto,  
O Templo, o Altar, o Sacerdote, o Culto.



## IDILIOS

## I

**H**Um dia ao pôr do Sol, hum triste dia,  
 Que nunca para mim amanhecêra,  
 Encontrei desgarrada  
 A mais formosa Rez, que o Téjo cria;  
 Do rico Melibeo a grão manada,  
 Não traz outra tão bella;  
 Se quereis, ó Pastores, conhecella;  
 Para dar-lhe louvores,  
 Estes são os sinaes, ouvi Pastores:

Formoso, e largo o peito, erguida a fronte,  
 Negros os olhos, os cabellos negros,  
 O passo mais airoso  
 De rez, que o monte vio, desde que he monte;  
 Até do seu balar brando, e mimoso,  
 Pende como pasmado,  
 Por mais faminto que se veja o gado;  
 Que he mais doce mil vezes,  
 Que o grosseiro balar das outras rezes.

Esta a formosa Rez, que achei sózinha,  
 Julguei-a sem Pastor em monte estranho;  
 E porque a noite escura  
 Já estendendo a triste sombra vinha  
 Pelos desertos campos da espeçura,  
 Fui levando-a comigo  
 Para lhe dar no meu curral abrigo,  
 Antes que o tempo dêsse  
 Lugar a vir o Lobo, que a comesse.

Não vai elle tão soffrego levando  
 Sobre o faminto queixo atravessado  
 O tenro cordeirinho,  
 Pela faudosa mãe em vão balando,  
 Como eu contente de a levar caminho.  
 Pelo meu mesmo braço  
 Hum novo aprisco para ella faço  
 De Cédro, e de Loureiro,  
 Que lhe repare o Sol, vêde o chuveiro.

Ora de verde myrto, e rosas bellas  
 Para a fronte grinaldas lhe tecia,  
 Ora para o pescoço  
 Festões de flores brancas, e amarellas;  
 Por mais que diga, encarecer não posso  
 O cuidado, que tinha  
 De apascentalla na mais branda hervinha,  
 Que por estes outeiros  
 Nunca pizada foi dos meus cordeiros.

Nunca a beber co' as outras á levava ;  
 E ao brando som da minha doce avena,  
     Comigo aos saltos hia :  
 Ora corria alegre, ora parava ;  
 E a cabeça inclinando, o côlo erguia,  
     Como para escutar-me.  
 Ah ! que inda disto tanto sei lembrar-me,  
     Que até das mais antigas  
 Repito, em seu louvor, estas cantigas.

Minha linda Achada,  
 Que nesta espezura  
 Tu achaste abrigo,  
 E eu achei ventura.

Tua formosura  
 Dá-me tal cuidado,  
 Que até zelos tenho  
 Do meu mesmo gado.

De mim apartado  
 Anda o meu desejo ;  
 Quando em mim o busco,  
 Só em ti o vejo.

Todo o que he no Tejo  
 Baixo, ou grão Pastor,  
 Se da inveja escapa,  
 Cabe nas mãos de Amor.

Gil,

Gil, outra melhor  
 Diz que sem de cria;  
 Que de leite hum tarro,  
 Enche cada dia.

E eu apostaria  
 Todo meu curral;  
 Que se elle te achára,  
 Não dissera tal.

Não ha Rez igual  
 Em qualquer manada.  
 Ah, benza-te Deos,  
 Minha linda Achada.

Agora se quereis saber, Pastores,  
 O premio disto tudo, ouvi o premio:  
 Hum dia, que acabava  
 De entoar-lhe contente estes louvores,  
 Vi, que como os mais dias não brincava:  
 Não sei que me dizia  
 O triste coração, e a fantasia!  
 Inda agora esta mágoa  
 Me enche o peito de susto, os olhos de agoa.

Finalmente fugio, sem que até agora  
 Alguem por estes campos dê fé della,  
 Faz hoje tres semanas.  
 Busco-a sem descansar a toda a hora  
 Por montes, valles, moitas, e choupanas.  
 Pastores, nas Aldeias  
 Fugi de agazalhar Rêzes alheias,  
 Que deixão quem as ama  
 Pelo primeiro, que talvez as chama.

## II

**N**ÃO são dos passarinhos os reclamos,  
 A' sombra buliçosa  
 Dos moveiços ramos,  
 Pela alta césta da estação frondosa,  
 Tão gratos, como as breves,  
 Simples palavras, com que Amor descreves.

Não he ás flores tão preciso o orvalho,  
 O cudeço ás cabrinhas,  
 A's terras o trabalho,  
 Como as tuas letras ás faudades minhas:  
 Discorre, escreve, falla,  
 Marcia te cede, Ulinda não te igualla.

Dize, formosa Isbela: Onde hebeste

Hum estilo tão grato?

Dize: Quando escreveste,

Molhaste a penna no licor de Esato?

Não me agradára tanto

Posto à meza de Jove o Nectar. santo.

Da Náo, que vem de longe, o passageiro

Ouvindo dizer, terra,

Ao excelso gageiro,

Menos contentamento n'alma encerra,

Do que eu ouvindo a pura

Voz da tua suavissima escriptura.

Fluidas vozes, frases innocentes

Te cahem da boca em fio;

Não em grossas correntes

Por catadupas de estrondoso rio;

Es fonte de alta graça,

Que murmurando, os corações raspaça.

Estas são as palavras poderosas

Da Magica sciencia

As hervas virtuosas

Que mudão pouco a pouco a minha essencia?

Já creio que ha Medas

Que he possivel o tanto das Sereas.

Quan-

Quando na boca tuas palavras tome,  
 Que em teus escritos leio,  
 Não sei como os não como:  
 Ser mais fuzve o nosso mel não creio,  
 Nem eu creio que fosse  
 Dos mesmos favos de Hybla o mel mais doce!

Andão de regra em regra os Amorzinhos  
 Cada letra beijando,  
 Quaes andão nos raminhos  
 Ao redor as abelhas suçurrando;  
 Os Risos, e os Enfadados  
 Andão brincando nellas abraçados.

Todas as Graças para ti fugirão;  
 Fizerão-te hum thesouro  
 De quanto repartirão  
 Nas Marinhas do sal, nas Minas do ouro;  
 Na boca te estão dando  
 Lascivos beijos; quando estás fallando.

Ellas te dictão quanto escrever deves,  
 E das azas lhe tiras  
 A penna, com que escreves;  
 Ouvem-te suspirar, se tu suspiras;  
 E se brincar te vem  
 Brincão comigo, alegrão-te também.

Vós,

Vós, mulheres, que tendes decorado  
 Em rançosas novellas  
 Hum fallar estudado,  
 Que nada significa: Longe dellas,  
 Longe frase importuna  
 Em crystaes d'alma, em Roda da Fortuna.

O livro abri da mestra Natureza,  
 Vereis como reparte  
 O gosto, e a tristeza:  
 Clamem embora os professores da Arte,  
 Que hum fallar innocente,  
 Fará sentir o peiro, que não sente.

Consultai, como Isbela, o que em vós passa:  
 Exprimi, se puderdes,  
 C'o mesmo estilo, e graça  
 Da vossa alma as paixões, quando escreverdes;  
 Isbela encantadora,  
 Quem te fallára, quem te ouvíra agora!

## III

**G**ostosa companhia,  
 Onde acharei sem ti, gentil Pastora,  
 Onde verei, sem ver-te, a luz do dia,  
 Por mais alegre, que amanheça a Aurora?  
 Aonde o triste rosto  
 Voltarei, que não veja o meu desgosto?

Sem

Sem ti, sonoras fontes,  
 Amenas sombras, virações suaves,  
 Verdes campos, rosados Horizontes;  
 Ao pôr do Sol a musica das aves,  
 A prática de amores,  
 Canto de Ninfas, baile de Pastores.

Sem ti, Marcia querida,  
 Em vez de gosto, me fará tristeza;  
 Não pôde haver tamanho bem na vida,  
 A quem eu não perverta a natureza;  
 Nem cousa tão gostosa,  
 Que a não corrompa esta paixão faudosa.

Sem ti, desconsolado,  
 Esquecido talvez de que há ribeiros,  
 Pelo monte andarei como pasmado,  
 Sem levar a beber os meus cordeiros:  
 Magros se tornarão,  
 Como eu, de pena, á sede acabarão.

Verei crescer meus males,  
 Como algum dia as minhas esperanças;  
 E lá n'outros outeiros, n'outros vales,  
 Em vez de ovelhas, guardarei lembranças;  
 Lagrimas, que a alma encerra,  
 Sementes serão lá, que eu lance á terra.

No meu triste semblante  
Lerão, sinaes de mágoa, o Ceo, e a gente:  
Que ou a luz se sepulte, ou se levante,  
Testemunhas serão continuamente  
    Desta minha agonia  
As Estrellas de noite, o Sol de dia.

Irei ao mais sombrio,  
Mais deserto lugar, que o campo tenha;  
E na margem saudosa de algum rio,  
Que só a hum melancolico convenha,  
    Marcia, de quando em quando,  
N'alma os teus géttos estarei pintando.

Agora o peregrino  
Rosto da cor do Ceo, quando amanhece;  
Agora aquelle espirito Divino  
D'uns olhos cor do Ceo, quando anoitece;  
    Agora as tranças bellas,  
Com que Amor brinca, por prender-se nellas.

Agora as mãos formosas,  
Onde a minha vontade ficou preza;  
Agora a boça de jasmins, e rosas,  
Onde a Graça se ri por natureza;  
    Agora o peito, aonde  
Contempla o gosto, o que a modestia esconde.

De

De lá meu pensamento  
 Te virá visitar nestes lugares ;  
 De lá suspiros meus soltos ao vento ,  
 Noticia te trarão dos meus pezares :  
     Ouve-os compadecida ,  
 Que podem ser os ultimos da vida.

Quantas vezes no dia  
 Não recordarei n'alma aquelle instante ,  
 Instante de prazer , e de agonia ,  
 Que misturou Amor no teu semblante !  
     Mil morres , que eu padeça ,  
 Nunca farão que tal favor me esqueça.

Quantas vezes olhando  
 Para as aguas do Têjo vagaroso ,  
 Que vem para onde estás escorregando ,  
 Quererei vir com ellas de saudoso !  
     Mas eu chorarei tanto ,  
 Que nellas venha transformado em pranto.

Ditosos estes prados ,  
 Que irão só com te ver reverdecendo ;  
 Mais que ditosos , bemaventurados  
 Aquelles olhos , que te ficão vendo :  
     Os meus pois te perdêrão ,  
 Não para ver , para chorar nascêrão.

Qual ramo, que cortado  
Do tronco radical no chão exposto,  
A ser dos pés de todos maltratado,  
Vai ficando sem folhas descomposto;  
Té que secco, e despido,  
Já não parece o mesmo, que tem sido.

Tal eu, sem ver teus olhos,  
Aonde deixo co'a esperança a vida,  
Em vez de flores, pizarei abrolhos  
Co' a macillenta face descahida;  
Ficarei tão differente,  
Que a mim mesmo por mim pergunte a gente.

Affim, gentil Pastora,  
A vida passarei, (se isto he ter vida)  
Até que chegue (se chegar) a hora  
Por mim continuamente aos Ceos pedida:  
Só este allivio quero,  
Só este allivio (se he allivio) espero.

## E P I C E D I O

**D**A chara vossa Irmã, illustre Conde,  
 Jaz o frio cadaver sepultado,  
 Por final', que o lugar em que se esconde,  
 Deixei com minhas lagrimas banhado:

He do cofre medonho  
 A fatal chave, que na mão vos ponho.

Alli ficou depositada aquella,  
 Que Idolo foi do nosso amor na vida,  
 Sem lhe valer o ser illustre, ou bella,  
 Para escapar desta mortal partida.

Que differentes lugares,  
 Hoje em sepulchro, hontem nos Altares!

Eu vi, Senhor, (ó quem tirar pudera,  
 Por não ver tal, os olhos magoados)  
 A boca muda, o rosto cor de cera,  
 Prezas as mãos, os olhos encovados,  
 Fluctuante a cabeça  
 Da defunta Illustrissima Condeça.

Quaes pelo chão aos impetos do vento,  
 De antigos troncos seccas folhas jazem,  
 Quaes despegadas taboas no violento  
 Naufragio á praia horriveis ondas trazem:  
 Tal, Anarda querida,  
 He Não desfeita, he arvore despida.

Eis-

Eis-aqui os thesouros, que esta chave  
 Esconde, guarda, e para sempre encerra;  
 Onde, por mais que se profunde, e cave,  
 Ver-se-ha só o ouro convertido em terra;  
     Que he no fraco, e no forte,  
 Hum sonho a vida, huma verdade a morte.

Mas feliz vossa Irmá, que depois della  
 Voou ao Ceo; e já batendo as azas,  
 Vê, se o Sol he tamanho de huma Estrella,  
 Como gyra do anno as doze Casas;  
     Já sabe de mais perto,  
 Qual dos varios systemas he mais certo.

Contempla as Leis eternas, com que estão  
 Os Orbes em perpétuo movimento;  
 E onde não se atreveo chegar Platão,  
 Chega ella só c'o puro entendimento:  
     Ouve, e vê sem desmaio,  
 O éco do trovão, a luz do raio.

Lá no clima dos Bemaventurados,  
 Onde impuras particulas não gyrão,  
 Como nos ares cá inficionados  
 Da corrupção, que os vís mortaes respirão,  
     Já não teme a presença  
 Da intempestiva, da mortal doença.

De impassíveis espiritos cercada  
 Está hombro com hombro c' os famosos  
 Progenitores seus, que a mesma estrada  
 Seguirão cá no Mundo virtuosos:

Já não cura da vida,  
 Em materias mais altas embebida.

Pagou em fim á morte o seu tributo,  
 Que he sujeito a morrer todo o que nasce;  
 E forão nossas lagrimas de fruto,  
 Se ella só com chorar resuscitasse;  
 Porém a Lei, que o manda,  
 Nem com pedir, nem com chorar se abranda

Não quer, Senhor, quem morrê este suffragio,  
 Perturbador da paz de huma alma bella;  
 He cruel, mas preciso este naufragio.  
 Contra quem não valeo força de vèla:  
 Embora a Não se alague,  
 Mas nunca o soffrimento em nós naufrague.

C A N-

*A' morte da Illustrissima, e Excellentissima Senhora  
 Condessa Pombeiro.*

## C A N Ç Õ E S.

## I

**T**U, que tens feito na minha alma assento,  
Nume fatal, cruel melancolia,  
Mereça-te este dia,  
Que me deixes, que mudes de aposento;  
Possa huma vez com gosto  
Erguer a voz, alevantar o rosto.

Aquelle negro humor, que derramaste  
Sobre meus tristes versos até agora,  
Hoje lancemos fóra:  
Das aguas, que com elle invenenaste,  
A beber não tornemos:  
Outras mais puras, mais vizinhas temos.

Ninfas, que sois custodras de huma fonte,  
Que há de ser hoje consagrada ás Mufas  
Nas nossas praias Lufas,  
Fazei que á terra, ao mar, e ao Ceo se conte,  
Que da Samaritana  
O licor de Aganipe corre, e mana.

Não

Não escrevo c'ò dedo em solta arêa  
 Moles versos de Amor, mais alto intento  
 Levar meu pensamento ;  
 Creai, Ninfas, creai na minha idéa  
 Coufas dignas de Conde,  
 Vós me influi, meu animo disponde.

Vinde enramar-me a Cythara de louro,  
 A pôr-lhe os rudes dedos ensinai-me ;  
 Ah Ninfas, emprestai-me,  
 Vossos cabellos para cordas de ouro ;  
 Farei, se puder tanto,  
 Que tambem seja vosso este meu canto.

E tu, longiquo, affamado Oriente,  
 Que cá mandaste o vulto luminoso  
 De dia tão famoso,  
 Tanto te fica agradecida a gente,  
 Que só por hum ral dia,  
 Toda a tua riqueza engeitaria.

Desse atrevido Lavrador primeiro,  
 Que sulcos fez nos campos de Anfitrite,  
 A pezar do limite,  
 Que nelle em vão poz Hercules guerreiro ;  
 E que tão longe fora,  
 Que vio nascer em seu regaço Aurora.

Def-

Desse teu immortal descobridor,  
 Por quem chorarão sempre o Gange, e o Indo,  
 Para os Pais nasceo rindo  
 Hum justo herdeiro, hum digno successor  
 Do titulo, e da gloria  
 Das virtudes, dos bens, e da memoria.

Logo em seu nascimento os Vates Santos,  
 Que a urna dos futuros revolvêrão,  
 Dia, ó dia, disserão,  
*Amanhecido para bem de tantos:*  
 As Mufas se alegrarão,  
 Mordeo-se a Inveja, as Parcas suspirarão.

*Vem, hum dizia, ó rama generosa,*  
*Honrar de teus Avós o tronco antigo:*  
*Vem a servir de abrigo*  
*Com tua sombra á gente desditosa,*  
*Que em ti os olhos tem*  
*Da mais certa esperanza, do seu bem.*

*Mette, adorado, prodigioso Infante,*  
*A tenra mão nos cofres da ventura;*  
*E por troféo pendura*  
*No teu portal a roda de diamante;*  
*Porque a Virtude bella,*  
*Já no teu coração triunfa della.*

Outro as doces prizões lhe vaticina,  
 De que Hymineo a faxa lhe prepara:  
     Elege a esposa chara,  
 Que de conjuge tal, ha de ser digna,  
     Dá-nos para o respeito  
 Imagens tuas no devido leito.

Outra nova figura lhe levanta  
 De coroas, e palmas, disse, eu vejo  
     Cercado o Padre Téjo,  
 Que para o teu Palacio aponta, e canta,  
     Meneando a cabeça,  
 Que a fabricallas para ti começa.

Mas hum, que aos mals interpretes preside,  
 Soltando as roupas auguraes, prepara  
     Na dextra a fatal vara,  
 Em quatro partes co' ella o Ceo divide;  
     E dando hum ai primeiro,  
 Assim disse o fatidico Agoureiro:

*Esse, que corre á discrição do vento,  
 Entregue ás tempestades do Destino,  
     A quem fez de menino  
 Forçado na Galé do soffrimento,  
     Já perdendo a esperança  
 De ver hum dia a fase da bonança.*

Do Pindo as fraldas semeará sem fruto ,  
 Que em vez de Louro lhe darão Cypreste ;  
 E ao som da franta agreste ,  
 Em vão ás portas cantará de Pluto ,  
 N'um , e n'outro perigo  
 Cabirá , fóra aquelles , que eu não digo.

Depois , com tudo , de cantar chorando  
 A livre vida de embaraços cheia  
 Na comprida cadeia  
 De seus antigos males tropeçando ,  
 A ti virá correndo ;  
 Seu Fado o deixará logo em te vendo.

Mais queria dizer ; mas a Alegria ,  
 Que voando ao redor do berço andava ,  
 Lhe disse , que turvava  
 C'o canto seu a gloria deste dia :  
 Mudou de tom , e rosto ,  
 E encheo , cantando , os corações de gosto.

Quem não dirá , excelfo Vidigueira ,  
 Que eu sou o triste , de que o Vate falla ;  
 A quem , a quem igualla ,  
 Senão a mim , Fortuna tão rasteira :  
 Quem me enchugára o pranto ?  
 A tu não seres , quem podia tanto ?

Tu no naufragio ao porto me levaste  
 Unico porto, que encontrei de abrigo :  
     Eu me abracei contigo,  
 A taboa foste, a vida me salvaste;  
     Que em final da victoria,  
 Inda hei de ir pôr no Templo da Memoria.

Não nasce o grande para si sómente,  
 Ha de ser util, ha de ser piedoso :  
     Sabe, ó Conde virtuoso,  
 Que não es todó teu, que es da mais gente :  
     Sem estas preeminencias,  
 De pouco importa illustres descendencias.

Que importa aos Reis o Sceptro seu dourado,  
 Grão poder aos Senhores, e aos Dinastas,  
     Se a aculeos, e catastas  
 Inda c'ò fresco fangue derramado  
     De tantos innocentes,  
 Os fez indignos do louvor das gentes?

Descender de Varões, que em mil batalhas,  
 Cheios de fangue, e pó, se affinalarão,  
     De que depois deixarão  
 Para memoria authenticas medalhas;  
     Póde honrar os sujeitos,  
 Mas não fazellos, se o não são, perfeitos.

A' carroça triumphal levem mil vezes  
Varrendo a terra mil pendões ganhados,  
Corpos desconjuntados,  
Douradas lanças, inclytos arnezes;  
E com as mãos atadas,  
Sobre as costas mil gentes desgraçadas.

O teu triumpho, ó Conde, he mais luzido;  
Não se compõe de ferro, ou sangue alheio:  
Por mais illustre meio  
Tu es o vencedor, e es o vencido:  
Não te vingas, podendo,  
Dissimulas do ingrato o crime horrendo.

Não podes ver o rosto descórado  
Da encolhida pobreza, sem que logo  
Da caridade o fogo  
Te não abraze o peito magoado:  
Em quem nunca foi pobre,  
Não ha, Senhor, estímulo mais nobre.

Não te chegas a vís aduladores  
Para ser da lisonja bafejado,  
Pois tens esprimentado,  
Que he a mentira quem lhe finge as cores;  
E ainda assim pôde tanto,  
Que não lembrou ás Circes este encanto.

Se te enfureces, porque se não infra,  
 Que esta paixão c' o odio se mistura,  
     Huma doce ternura  
 Acode logo a temperar-te a ira,  
     Escusas o conselho  
 'De te veres colerico no espelho.

Tu pizas a Soberba por mil modos,  
 Salvo o respeito, a ordem não confundo,  
     Pois sabes que he no Mundo  
 O Chefe das Nações o Pai de todos:  
     Se ha algum mais que humano,  
 He quem se faz por obras soberano.

Eis-aqui a materia, em que tu és  
 Do teu benigno coração a gloria,  
     Despojos da victoria,  
 Que gloriosamente a todos levas:  
     Elles são neste dia  
 Quem o faz claro, quem lhe dá valia:

Estas novas insignias, que se adoráo,  
 E inda hão de ser no escudo teu gravadas  
     Com fabulas forjadas  
 Nas fornalhas de Lipari, não foráo  
 ' Pelos Cyclopes rudes,  
 Sim pelas mãos das immortaes Virtudes.

Em

Em quanto, ó Conde, no regaço dellas,  
Dos annos teus os parabens escuras,  
E das musgosas grutas  
Te vem beijar a mão as Ninfas bellas,  
Co' a lança escreva Marte  
O teu nome no bellico estendarte.

No Reino escuro dos tormentos vivos  
Pofsão, primeiro hum dia, descansando  
Do trabalho execrando,  
Seu tanque d'agua encher c'os rotos crivos  
As Belides ímpias,  
Que se terminem teus famosos dias.

Canção, quando chegares  
Diante dos Altares  
Daquelle Heroe, de quem tu só es digna,  
Encolhe as azas, a cabeça inclina,  
Em meu nome o corteja,  
E o pedestal da sua estatua beija.

Aquel-

*Fazendo annos o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
Conde da Vidigueira.*

## II

**A** Quelle, que furcando  
 Vai procelosos mares,  
 Ao vento ás vélas dando  
**Em demanda de inhospitos lugares:**

Aquelle, que sózinho  
 De enroscada serpente,  
 Em deserto caminho,  
**Expõe a vida ao venenoso dente:**

Aquelle, a quem succede  
 Passar serra mui alta,  
 Que olha debaixo, e medo  
**A grande altura, que subir lhe falta:**

Aquelle, que apostando  
 Chegar primeiro á raia,  
 Perde o triumpho, quando  
**Cheio de pó, e de suor desmaia:**

Menos afflicto accusa  
 O seu arduo projecto,  
 Do que hoje a minha Musa  
**Pezço valor para tamanho objecto.**

Estende, ó Musa nossa,  
 As crespas azas bellas,  
 E permite que possa  
 Hoje a penna melhor arrancar dellas.

Escrevamos o dia  
 Maior, que o Sol tem feito,  
 Para quem fer devia.  
 Melhor que pedra branca, o nosso peito:

Dia, dia ditoso,  
 De quem o esquecimento  
 Fugirá respeitoso,  
 Em quanto houver no Mundo entendimento:

Dia, Illustre Condessa,  
 Em que a nossa memoria  
 Não descança, não cessa  
 De honrar, podendo, do teu nome a gloria

Dia, em que os Amores  
 O berço te embalarão,  
 E os ferros passadores  
 Dos olhos teus, na viva luz forjarão.

Tomarão-te nos braços  
 As tres gentis Donzellas,  
 E ficaste entre abraços  
 A quarta Graça, entre as Graças bellas.

Ao

Ao som do teu louvor  
 Então adormecias ;  
 Era o sabio Cantor  
 O doce genio , que depois terias.

Já nos dons soberanos,  
 Que em ti vemos agora,  
 Promettia a teus annos  
 Frutos Pomona na Estação de Flora.

Hum raio intelligente  
 Ferio a tua infancia,  
 Oh como vivamente  
 Brilhar o vemos na maior distancia!

Que virtude celeste  
 Por ti se não reparte!  
 Mas se do Ceo viste,  
 Como havia deixar de acompanhar-te?

Com ellas te coroas  
 Em final da victoria,  
 São azas, com que voas  
 Ao respeitavel Templo da Memoria.

Em torno dos Altares,  
 Que a teu nome erigirão,  
 Verás subir aos ares  
 Louvores taes, que nunca lá subirão.

Por

Por mais que a morte estude,  
Zomba do seu desígnio,  
Que está fóra a virtude  
Das implacáveis Leis do seu domínio.

O Tempo devorante  
Encoستا a foice injusta;  
E absorto, em teu semblante,  
O relógio lhe cahe da mão robusta.

O Odio, que embebia  
Duro punhal no peito,  
Em honra deste dia  
Se arrepende dos males, que tem feito.

A mesma torpe Inveja,  
Dando menos gemidos,  
Porque melhor te veja,  
Concerta hum pouco os olhos retorcidos.

Desfaz-se a noite escura,  
Quando a Aurora amanhece:  
He noite quem murmura,  
He luz do claro dia quem merece.

Ah! Respeitai humanos  
Hum dia tão sagrado:  
Destes mesmos tiranos,  
Para maior assombro respeitado.

Can-

Canção minha, se fores  
 Beijar a mão daquella,  
 De quem cantando vás estes louvores,  
 Dize, jurando nella,  
 Inda que venho falta  
 Dos brilhantes adornos deste dia,  
 Virtude só se exalta  
 Com a verdade honrosa,  
 Quanto mais nua, tanto mais formosa:

*Fazendo ánoos a Illustrissima, e Excellentissima Senhora  
 a Condesja de Oeyras.*

## III

**J**A' sobre os Horizontes  
 Sobem os aureos crinos facudindo  
 Os rapidos Etontes:  
 Já Phebo, novos circulos abrindo,  
 Nos vem apparecendo;  
 E os rutilantes eixos revolvendo  
 Do coche etereo, que modera, e guia;  
 Traz aos mortaes o mais brilhante dia.

Co-

Como vem debruçado,  
 Tomando as redeas do immortal governo,  
 Para ver se parado  
 Póde fazer-nos este dia eterno:  
 Ah que em vão curva o braço /  
 Para deter dos seus frizões o paço!  
 Que a pezar seu, e a meu pezar o vejo  
 Nascer no Hydálpe, e vir morrer no Téjo.

O livido veneno,  
 Que derramado em frivolos Altares,  
 He no grande, e pequeno  
 Sustento só das almas populares:  
 Aonio meu, não creias  
 Que no teu diá me corrompe as veias;  
 Bem longe do teu halito maligno  
 Respiro, ó monstro da lisonja indigno.

Não esperes que diga,  
 Que torne a vir o Seculo dotrado;  
 Que nasça a verde espiga,  
 Sem a cultura do engenhoso arado;  
 Que esteja doce, e brando  
 O loiro mel dos ramos gotejando;  
 Ou que sem riscos metta o innocente  
 A tenra mão na boca da serpente.

Que

Que possa animo egrogio  
 Correr livre das Leis da humanidade,  
 Que tenhas privilegio  
 De passar, sem morrer, á Eternidade:  
 Minha Musa não finge  
 Cor, que do Tempo a negra mão distingue:  
 Pinte Alexandre sem defeito Apelles,  
 Porque eu não tenho que esconder em Telles.

Em ti, Aonio, vemos  
 Nascer outro Alexandre mais perfeito,  
 Para ti só sabemos,  
 Que inda mais Mundos, erão campo estreito:  
 Aquelle peleijava,  
 Só para dar as coufas, que tirava:  
 Olha a diffrença, com que tu suspiras,  
 Que para dallas, a ti mesmo as tiras.

Já quando te embalarão,  
 Cuido que ao som de musica celeste  
 As acções te concárão  
 Das almas grandes, que por Pais tiveste:  
 Se ha Heroes pequeninos,  
 Tu só nasceste Heroe entre os meninos:  
 Do justo nasce o justo, e dos guerreiros  
 Leões, não vem os timidos cordeiros.

Qual

Qual hera retrocida ,  
Que vai trepando aos troncos abraçada ,  
A tua heroica vida  
Co' as florentes Virtudes enlaçada :  
Da Fama ao Santo Templo  
Subindo irá , para servir de exemplo ,  
Que logo a rica , e fertil Primavera  
Aponta os frutos , que o Outono espera :

Oh se assim os mais Netos  
As frias cinzas dos Avós honrassem !  
Erguei-vos , esqueletos ,  
Vinde vello .... oh se aqui resuscitassem  
Co' as frentes enramadas  
Das incorruptas palmas já ganhadas ,  
Os Heroes todos !... Mas bastava hum Gama ,  
De quem es digno de imitar na Fama .

Não fô a mão tingida  
No sangue do contrario em terra alheia ;  
Não fô pôr em fugida  
A grão Cidade , a temerosa Aldeia ;  
Não fô vencer as guerras  
Do vento em foracões , do mar em ferras :  
São cousas dignas de fecunda historia ,  
Tem entre nós mais titulos a gloria .

Em

Em ti, de tronco altivo,  
 Em flor hum novo Heroe vem rebentando;  
 Inda darás motivo,  
 A que esta fraca voz alevantando,  
 Por mim declare o Fado  
 Os altos fins, para que estás guardado:  
 Qual prudente cultor, que a terra amanha,  
 Que antes de tempo, nunca o fruto apanha.

O mesmo Author do Mundo  
 Não o fez todo, como está, n'um dia;  
 O mesmo Author fecundo,  
 Que só com dizer *Faça-se*, podia  
 Formar mil Universos  
 Muito maiores, muito mais diversos:  
 Foi primeiro semente a secca estriga:  
 O grão, primeiro he grão, que seja espiga.

Curtas asteas plantadas,  
 Formando pouco a pouco hum tronco eterno,  
 Tem depois de copadas  
 Nos Ceos os ramos, a raiz no Inferno.  
 Virá tempo, em que possas  
 Ser, claro Telles, as delicias nossas;  
 Fartarás o faminto, e são desejo  
 De fazer cousas, com que pafme o Téjo.

Vai

Vai cultivando a bella  
Virtude, a cujos peitos te creaste,  
Offerece-lhe aquella  
Rara victoria, que ás paixões negaste;  
Piza, como até agora,  
Essa paixão das mais paixões, Senhora;  
Vinga as mais almas, que não podem tanto,  
Daras materia a nunca ouvido canto.

Em veneno banhada  
A negra vista da enfezada Inveja,  
Contra ti revirada,  
Para te dar quebranto, em vão forceja,  
Nem precisas do agouro  
Do Santo Nardo, ou masculino Louro;  
Pois tens mais fante, e eterno defensivo  
Na luz do teu merecimento altivo.

Por mais que abra Pandora  
Do cofre seu as portas refulgentes,  
E dure a vida embora,  
Em quanto o claro Sol der luz ás gentes,  
Entre os fracos humanos  
Não será vida a duração dos annos,  
Sem que a razão de algum merecimento  
Sirva aos nossos espiritos de alento.

Inda durão rochedos,  
 Que do Diluvio as aguas alagáão,  
 Robustos arvoredos,  
 Que os indomitos Euros açoutáão,  
 Na memoria dos homens  
 Tem mil Sphinges estampado os nomes:  
 Quem só mais annos de virtudes conta,  
 Mais nas azas do Tempo se remonta.

Canção, se te notarem de cançada,  
 Responde, 'que não vinhas  
 Para voar tão alto preparada;  
 Mas que contempas na presaga idéa,  
 Que inda has de converter-te em Epopéa.

*Fazendo annos o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
 D. Antonio Xavier Telles.*

## IV

**Q**uem são? Quem são aquelles exemplares  
 De valor, e destreza,  
 Que ora juntos ao Throno, ora aos Altares,  
 São já por natureza,  
 Nos lances mais forçosos,  
 Ao Rei fieis, a Deos Religiosos?

Quem

Quem hão de fer? Os Marialvas são ;  
Que gerar não podia  
Cordeiros vis, magnanimo Leão :  
A virtude, que os guia,  
He outra excelsa herança,  
Que os faz mais dignos de immortal lembrança.

Santo districto da feliz Merceana,  
Em teus silvestres braços  
Vem recebellos, e vem a dar-lhe ufana  
Respeitosos abraços ;  
E de novo em teus montes  
Renação flores, e borbulhem fontes.

Teus redondos, e rusticos Pinheiros  
Em Cedros transformados,  
Teu maro agreste em delficos Loureiros  
Lhe sejam consagrados ;  
Porque outrem appareça,  
Que estatuas lavre, que grinaldas teça.

Que eu posso, apenas de respeito, e medo,  
Cá de longe mostrar-te  
Com balbuciente voz, tremulo dedo  
Do todo a menor parte ;  
Nem póde a minha Muza  
Dizer-lhe cousa, que louvor produza.

Tu os verás no Sacrosancto Templo.  
 Da intacta Maria,  
 A sã piedade promover o exemplo  
 Na nobre companhia,  
 Para que o nobre estude  
 Em lhe ser companheiro na Virtude.

Tu os verás belligeros, e astutos  
 Em campo destemidos,  
 Ora vencendo, ora domando os brutos  
 Por arte conduzidos,  
 Escurecer a nescia  
 Carreira, e luta, da alta Roma, e Grecia.

Mas sóbe a vellos do lugar mais alto  
 Desses teus arredores,  
 Vê-os entrar já no primeiro affalto  
 C'os brutos contendores;  
 Vê-os por força, e geito  
 Ferillos. frente a frente, e peito a peito.

Verás . . . . Mas como o gosto de admirallos  
 Eu te estou demorando?  
 Ah que eu já vejo os fervidos cavallos  
 Os freios mastigando!  
 Já de córagem fremem,  
 Já c'o pezo dos duros Martes gemem.

En-

Entrai sem fusto , ó devoção constante ,  
 Que ao triunfo vizinho  
 Eu já vejo a Fortuna vir diante  
 Abrindo-vos caminho :  
 Fazei , que em vós se veja ,  
 Que mais que o braço , o coração peleja.

Canção , não se te dê de ser pequena ;  
 E saiba quem por isso te condena ,  
 Que basta aos grandes homens  
 Para elogio o repetir-lhe os nomes.

*Festejando o Illustrissimo , e Excellentissimo Senhor Marquez de Marialva , e seus Filhos a Virgem Santissima da Merceana.*

## V

**I**llustre Dom Gastão , sabio Coutinho ,  
 Que nas aguas do Têjo ,  
 Do Têjo teu vizinho ,  
 Qual branco Cisne mergulhar te vejo ,  
 Se não cantas agora ,  
 Que interromper não quero a voz sonora  
 De teu Divino canto ,  
 De huma ave nocturna escuta o pranto.

Que

Que são as aves tristes agoureiras  
De casos defaistrados,  
Dizem almas rasteiras,  
Que bebêrão costumes estragados:  
A tua illustre, e forte  
Pensa de outra maneira, de outra forte,  
Não crê superstições  
De corruptas, de barbaras nações.

E pois tens costumados os ouvidos  
A súplicas, e queixas,  
A prantos, e gemidos,  
A cujo triste som já mais os feixas:  
Tu, que por toda a parte  
Favoreces Apollo, honras a Marte,  
Sobre os seus professores  
Espalhando ás mãos cheias os favores.

Benigno escutarás a voz doente  
De huma Musa, que chora  
Desprezada da gente,  
Da mesma gente, que ella honrou té agora;  
Pedia a dor da injuria  
Que a Musa aqui se convertesse em Furia;  
Que as tranças arrancasse,  
Que em vez de flores, viboras soltasse.

Não

Não que, por tal, meus versos pertendessem;  
Que Louros, e Amaranto  
Capellas lhe tecessem,  
Que eu sei, Senhor, que não merecem tanto:  
Contento-me com menos,  
A pequenos convem premios pequenos:  
Armas, que a Ajax se devem,  
Só vãos Oliffes a pedir se atrevem.

Hum gésto humano, hum doce acolhimento  
Contente me traria;  
Mas onde o pensamento  
Me levais inquieto a fantazia!  
De ricos desenganos,  
Thesouro fiz para futuros danos:  
Longe de mim lembrança  
De acção, que possa parecer vingança.

Só tu, Gastão, só tu, Senhor, es dino  
De hum elogio eterno,  
De hum canto mais Divino,  
Que o que tirou Euridice do Inferno:  
Não presumas, que a arte  
Da lisonja me guia, não tem parte  
Em candido sujeito,  
Tal he minha expressão, tal he meu peito.

Ten-

Tentem de Pindaro a venal poesia,  
 Grecia dracmas lhe offreça,  
 Porque em solta harmonia  
 As acções de Pitheas engrandeça:  
 Louve encontros, e riscos  
 De seccas lutas, de pezados discos:  
 Nada invejo, que eu tenho  
 Mais alto assumpto, se mais baixo engenho.

Bem longe estão meus versos de louvallos:  
 Olimpicas fadigas  
 De espumantes cavallos,  
 Açourados de Heroes destros aurigas;  
 Disputas indiscretas  
 De nús untados corpos dos Athletas,  
 Tudo exercicios rudes,  
 Maravilhas serão, mas não Virtudes.

Foi por mais alto preço que comprarão  
 Sujeitos eminentes  
 O nome, que alcançarão  
 De almos Varões, Heroés resplandecentes:  
 He, Senhor, de outra sorte,  
 Que se triunfa do poder da morte:  
 Outra he a coroa,  
 Outras as azas, com que ao Ceo se voa.

Olha

Olha os teus illustriſſimos Maiores  
Como ſe affinalárão,  
Fazendo-ſe acredores  
Das immortaes memorias, que deixaráo :  
Vê eſte com que empenho  
Pela Fé, pela Patria, em curvo lenho,  
Córta com folto pano  
As Athalanticas ondas do Oceano.

Olhá como nas fervidas areias  
Das praias Africanas,  
Faz ſobre altas ameias  
Deſpregar as bandeiras Luſitanas:  
Tu, Calpe, que divides  
De Abila o mar, em que parou Alcides,  
Vê do teu alto cume  
Se eſte he capaz de lhe fazer ciume.

Eſte he o Alcides, que tentou primeiro  
Dos Nautas Purtuguezes,  
Por mar aventureiro,  
Ir demandar o porto dos Inglezes :  
O primeiro, que ouſado  
Perdeo terra de viſta, e que apartado  
Cá de ſeus patrios Lares,  
No meio a Ilha achou de eſtranhos mares.

A Ilha da Madeira, que povoa ;  
 E depois governára,  
 De que fez em Lisboa  
 Titulo novo, o Rey, que o lá mandára:  
 Vê aquelle, que doma  
 Em Arzila os sequazes de Mafoma:  
 Aquelle, que inda cheio  
 De pó triumphal honrar a Patria veio.

Igualmente lhe ajusta, e se lhe applica  
 A espada, que a balança,  
 A Toga, que a Lorica,  
 Pois nelle vive a guerra, e a paz descança:  
 Preside na Assembléa  
 Fiel, legal moderador de Astréa:  
 Oh Varão sem segundo,  
 Valente em obras, em razões fecundo!

Lá vai sem descançar pôr freio á gente,  
 Que jaz áquem do Ganges;  
 Vê como de repente  
 Lhe cahem das mãos os Indicos alfanges:  
 Ceilão de vello geme;  
 No Çamorim o Malavar o teme;  
 Foge-lhe a Turca Armada,  
 Prova os fios Raju da invicta espada.

Re-

Repara n'um, que sempre guarnecido  
Trouxe o corpo guerreiro  
Do pezado vestido,  
Que lhe forjou de Lipari o ferreiro:  
Hum he dos redemptores  
De Portugal captivo de traidores,  
Que o tirarão do fero  
Poder das garras do Leão Ibero.

Entra em Cascaes, e em seus rebeldes pullos  
Duras algemas deita,  
Dos contrarios expulsos  
A fortaleza a seu poder sujeita;  
Da fardida Galiza  
Vai ver as terras, que triunfante piza:  
Inda por tal Coutinho  
O Téjo chora, ainda chora o Minho.

Vê outro ir, da negra mão da morte,  
A Alcacere chamado,  
Depois que o braço forte  
Andava já de triunfar cansado:  
Ainda agora, entre os nossos,  
Reliquias forão seus honrados ossos,  
Se désse o Fado adverso  
Sepulchro a todos no lugar do berço:

Vê mais hum contra a prole de Ismael  
Ir levantando o braço:  
Vê como ao ímpio Adel  
Tornou do dia o resplendor escaço:  
Leva desembainhada  
Em bruto fangue inda tingida a espada:  
A espada, que já fora  
De Azamor, e de Arzila vencedora.

Nem deixarão meus versos de mostrar-te  
Lá outro em prizão dura;  
Que nem sempre tem parte  
Nas grandes confianças a ventura;  
Seu mesmo esforço bravo  
De barbaro senhor o deixa escravo,  
Tendo por mais acerto  
Ficar cativo, que fugir liberto.

Olha lá outro, que maduro, e grave  
Vai levar tão distante  
Dos negocios a chave,  
Com que abre as portas a huma paz constante:  
Lá lhe offrece partidos  
A frigida Suecia: Dá-lhe ouvidos  
A bellicosa Gallia,  
A sobria Hollanda, a corrompida Italia.

Clha

Olha outro , que vê como se espraia  
Nas costas Guzarates  
O Golfo de Cambaia ,  
Que vio de longe mil christãos combates:  
Olha como defende  
A forte Diu , que o Soltão pertende :  
Lá rompe contra os Mouros  
Nuyens de fumo , chuvas de pelouros.

Vê depois como á sombra em fim descansa  
Da quieta Oliveira ,  
Aonde encosta a lança ,  
Já enrolada a tremula bandeira :  
Lá vê posto em socego  
Escorregar as aguas do Mondego  
Por entre a fertil herva ,  
Que honra pizando a immortal Minerva:

Inda alli a passar não se condena  
Em vão o tempo leve ;  
Porque tomando a pena ,  
Não escreve de Amor , de Marte escreve.  
Destes , e outros honrados  
Varões os nomes nos darão lembrados  
Materia a larga Historia ,  
Em quanto neste Mundo houver memoria.

Mas

Mas não he isto ainda o que mais préza  
 Teu sólido talento,  
 Que a herdada nobreza  
 Sem virtude, não dá merecimento;  
 Por mais que as Leis intentem,  
 Que nos filhos os Pais se representem,  
 Vinculo, ou semelhança  
 As Virtudes não tem c'os bens da herança.

Tu não es dos que, á sombra dos escudos  
 De seus antepassados,  
 Não tem outros estudos,  
 Que andar olhando os porticos gravados:  
 Pentagoras Estrellas,  
 O purpureo Leopardo timbre dellas,  
 As torres, e os rompentes  
 Lobos, que vês nesses portaes pendentés;

Não te corrompe c'ò subtil veneno,  
 Que introduz a vaidade  
 N'um coração pequeno,  
 Capital inimigo da humildade:  
 Tens aquella grandeza,  
 Que só faz o caracter da nobreza,  
 Comtigo o humilde, o pobre,  
 Se não for vicioso, será nobre.

Não

Não péza no teu placido semblante  
Aquelle ar desabrido  
Da Soberba arrogante;  
Jaz a teus pés, do feu Altar cahido,  
O vulto da Jactancia,  
Vilmente atado ao sepo da Ignorancia:  
Ambas irmans inteiras,  
Ambas sem olhos, ambas companheiras.

Em ti não acha a vil lisonja ouvidos,  
Que estupidos criados  
Não são os teus validos,  
Ouves sômente da verdade os brados:  
Só te faz harmonia  
A sonora razão, que o sabio guia,  
E que acompanha o forte  
Até beber em negro vaso a morte:

Os feios, mãos costumes, a Injustiça,  
O Odio ensanguentado,  
A languida Preguiça,  
Despojos são do teu valor ousado:  
Em perpétuas cadeias,  
A mão fechada, os olhos nas alheias,  
Vás levando arrastada  
A mortal Avareza costumada.

Esta he a estrada pública da gloria,  
Tão falta de viajantes  
Ao Templo da memoria,  
Onde tantos Varões entráráo d'antes:  
Tu, que a elle subiste,  
Que as portas estelliferas lhe abriste,  
De lá, grande Coutinho,  
Acena aos mais, amostra-lhe o caminho.

E em quanto as Ninfas vão, do venerando  
Antigo, e Patrio Téjo,  
Perolas apanhando,  
Para as grinaldas, que tecer te vejo:  
Em quanto as lá do Pindo  
Com teus versos na mão cantando, e rindo,  
Estão vendo, entre flores,  
Brincar nelles as Graças, e os Amores:

Em quanto o braço para a guerra ensaias,  
E te não faz Mavorte  
Sinal, para que faias  
Em campo a contender co' a mesma Morte:  
Em quanto altas coroas  
Te preparáo de Náos agudas proas,  
E em quanto cresce o Ouro,  
A Azinheira, o Carvalho, a Murta, o Louro:

A's

A's Musas dá licença, que estes Hynos  
 Em meu nome te offreção,  
 Do teu os fará dinos  
 A tua inclinação, quando a mereção:  
 Bustos de Cedro erguidos,  
 Vasados bronzes, marmores polidos,  
 São pezada materia,  
 E voar não podem á morada Etheria.

Sobre o seu firme pedestal quieta  
 A muda estatua pára,  
 Milagroso Poeta  
 Leva seus versos a Região mais clara,  
 Gira a immortal Poesia  
 Os luminosos círculos do dia,  
 Vai no carro de Apollo  
 (De quem he filha) de hum a outro Pollo.

Irá por ti, se acaso puder tanto,  
 Cá do frio Occidente  
 Espalhar-se o meu cantq  
 Sobre os berços do Sol resplandecente:  
 Ah! Possão seus clamores,  
 Acordando Cimerios moradores,  
 Levar pelo Universo  
 O teu louvor, peregrinando em verso.

Não, mais Canção, que já voar não podes  
 Com as pezadas pennas, que sacodes:  
 O Coruino descalça, as azas fecha,  
 Que já de ti Caliope se quecha:

Vem com teu canto roco,  
 Vem como d'antes tropeçar no foco;  
 E cá debaixo do teu patrio ninho,  
 Adora o nome do immortal Coutinho.





que pretendia usurpar á posteridade de Olisses. Entreteve-os a Rainha , com a esperanza das noticias , que esperava de Olisses , pela diligencia , com que Telemaco (já neste tempo mançabo) o buscava por varios Reinos da Grecia. Chegando este com as de que era morto , se vê a Rainha no maior aperto obrigada a aceitar por Esposo o Principe , que a pretendia amante , posto que sempre duvidosa da certeza da morte de seu marido. Neste mesmo tempo apparece Olisses em Itaca como naufrago , e estrangeiro , não querendo dar-se a conhecer á sua familia ; porém encontrando-se com Eumé seu Secretario , a elle se descobre , e finalmente a sua mulher , e filho , com quem se une para atacar os pretendentes , que destroe , matando Antinois , e obrigando a que Eurimaco se affogasse na precipitada diligencia de fugir para as suas Ndos , que tinha naquelle porto. O mais se verá do contexto da Obra.

ACTO.

# A C T O R E S

|                  |                           |
|------------------|---------------------------|
| <b>PENELOPE,</b> | Mulher de Oliffes.        |
| <b>OLISSES,</b>  | Rey de Itaca.             |
| <b>TELEMACO,</b> | Filho de Oliffes.         |
| <b>EURIMACO,</b> | Rey de Samos.             |
| <b>IFIZE,</b>    | Filha de Eurimaco.        |
| <b>EUMÉ,</b>     | Ministro de Itaca.        |
| <b>ANTINOIS,</b> | Principe sujeito a Itaca. |
| <b>ERICLEA,</b>  | Aia de Telemaco.          |
| <b>EURINOME,</b> | Confidente da Rainha.     |
| <b>ARGINA,</b>   | Confidente de Ifize.      |
| <b>ARCÁS,</b>    | Confidente de Antinois.   |
|                  | Guardas.                  |

**A Scena he em Itaca no Palacio de Oliffes.**

**ACTO**





# ACTO PRIMEIRO

## SCENA I.

*Penelope só encolada em hum vestibulo , olhando para o mar.*

*Penelope.*

**E**M vão Olisses chamo. Oh fatal dia!  
A que violenta escolha es reduzida  
Triste , triste Penelope! Os contrarios  
Perseguidores meus , e a Sorte adversa.  
Nada constrangerá esta vontade  
A fazer eleição de outro consorte :  
Primeiro acabarei a insaulta vida ;  
E este mar menos barbaro , primeiro  
A unir tornará por minha morte  
Estes dous corações , que hoje separa.  
Tu , sagrado Neptuno ! A cujas ondas  
Entreguei o deposito querido ,  
Que de ti confiei , e que mil vezes  
Surdo a meus ternos rogos me negaste :  
Oh quanto melhor fora que tivesses  
Em teu furioso seio sepultado.

O iniquo roubador dessa belleza,  
 Culpavel, e funesta a tantos povos!  
 Em desesperação me não verião,  
 Em gemidos, e lagrimas afflicta,  
 Os momentos contar dos tristes dias.  
 A chamma devorou a iniqua Troia:  
 Vi os Gregos alegres, e vingados;  
 Só para mim o Ceo inexoravel  
 Armou o seu furor, e a meus desejos  
 Do vencedor me difficulta a vinda.  
 Se será morto, ou vivo? Onde? Que praias  
 Me occultarão o seu Destino incerto?  
 A sua faulsta vinda este me agoira:  
 Diz-me aquelle, que o vira naufragante:  
 Quantas vezes levada da incerteza,  
 Ahim! como não sei se he vivo, ou morto,  
 Não sei ( injustos Ceos! ) se morto, ou vivo.  
 Ai de mim! Nesta ultima tormenta  
 Cuidava ver Olliões espirando  
 Sobre a humida areia desta praia:  
 Choro a sua desgraça: Eu me consumo:  
 Eu soffrerei por elle novos males;  
 Os males sentirei, que elle não sente.  
 Tantos impedimentos, e perigos.  
 Serão somente aereos? Voluntarias  
 As tardanças serão? Dos meus suspiros,  
 Dos meus tristes suspiros, de cuidado  
 Talvez, que hum clima mais diabo habite  
 Em novos laços de amoroso affecto.  
 Da minha fé tão pura, e tão constante  
 O premio será este? Mas eu posso

For-

Formar em mim estas injustas dores?  
 O seu fatal, e ultimo Destino  
 He só das minhas lagrimas a causa.  
 Olysses meu!...

## S C E N A II.

*Penelope, Ericlea, e Eurinome.*

*Eurinome.*

**P**orque da nossa vista,  
 Oh Rainha, fugis? Vós fois a mesma,  
 Que estaveis prompta a apparecer aos povos:  
 Das nossas direcções fiar quizestes  
 O remedio mais prompto a vossos males,  
 Dando' hum novô realce á formosura,  
 Que em tão Diviño gesto se contempla,  
 Porém vós suspirais? Gemeis ainda?  
 He possível que em prantos, e-suspiros  
 A vossa amavel vida se consuma  
 Em dia tão solemne?...

*Penelope.*

Infaulto dia!

Neste horrivel momento, que resolve?  
 He tempo de metter: Evite a morte  
 Tão duro laço, que o cruel me ordena.

*Eurinome.*

Ah, Senhora, vencei-vos! E enxugando  
 Esses formosos olhos, novamente  
 Ostentai aquelle ar victorioso,  
 Com que sobordinais a vosso Imperio

152 **PENELOPE. TRAGEDIA**

Os mais rebeldes corações. Senhora,  
Rogai, e procurai novas escusas,  
Que tudo alcançará vossa belleza.  
Lembraí-vos, que Telemaco inda pôde  
Tornar a vir; hum filho, cuja infancia  
Só de mim confiou a vossa escolha;  
Este amavel Heroe, nossa esperança  
Não tem mais, do que a vós: Vivei por elle.

*Penelope.*

Sou de infinitos males combatida;  
E do meu filho amado a triste ausencia  
Me desespera mais. Em vão procura  
Achar seu Pai, e ignoro se elle mesmo  
Inda goza talvez da luz do dia.  
Ah, não sei se deseje a sua vinda!  
Por elle, e não por mim em tal estado  
Temo a Antinois, o homem mais terrivel,  
O mais falso dos homens: (Enganada  
Talvez serei de todos) neste sitio  
Unicamente Eumé ama a justiça,  
Os Deoses teme, os racionaes ampara:  
Tudo obedece a meus perseguidores.  
Onde acharei remedio em tanto aperto?  
Em tal consternação? Eumé cercado.  
Mas chega, Eumé: A sua lealdade,  
Seu zelo, seu valor, que fazer pôde?

SCE.

## S C E N A III,

*Penelope, Eumé, Ericlea, e Eurinome.*

*Eumé,*

**N**este zelo, Senhora, que renova  
 O vosso pranto, as vossas agonias,  
 Eu vos venho offercer minhas tristezas,  
 Que unir pertendo agora ás vossas mágoas:  
 Deixar não posso de chorar com vosco  
 O vosso Esposo, o meu Senhor Augusto,  
 Mortal dor! Hei de ver que se arruina  
 Este florente, afforunado Imperio:  
 Hei de eu ver estes miseros penhores,  
 Que em minhas mãos depositara *Olisses*,  
 Gemer, debaixo de humas leis tyrannas:  
 Já, Senhora, esconder-se-vos não pôde,  
 Que desta Ilha os povos se declarão  
 Em favor de Eurimaco; porque entrando  
 Como triunfante neste Regio Paço,  
 Imagina que tudo neste dia  
 Será a seus desejos favoravel.  
 Já o apparato festival se ordena,  
 Onde em presença de huns, e de outros povos  
 Públicas se farão as vossas nupcias.

*Penelope.*

Mais depressa verão a minha morte.  
 Este hymineo, que hoje Eurimaco intenta,  
 Aborreço, e não quero nem ouvilho:  
 Mude-se a pompa em funebre apparato.

*Eu-*

*Eumé.*

Dissimulai: Ouvi nossos conselhos:  
 Seja qual for de Olisses o Destino,  
 Mais certas próvas esperar devemos:  
 E lembrai-vos, que tendes hum só filho,  
 Que se vós lhê faltais, fica elle expósto  
 A seus féros contrários; que Laertes  
 Seu decrepito Avô, já com o pezo  
 Dos annos encurvado, o seti partido  
 Mal pôde sustentar; que Telemaco  
 Em sua pouca idade desfarmado,  
 De balde se opporá a seus tyrannos:  
 De os desunir só temos a esperança.  
 Ah! Temei Antinois, que elle medita  
 Para reinar a mais cruel perfidia;  
 E tendo em seu favor o Rey de Samos,  
 Nada poderá mais que seus tumultos.  
 Pensai nisto, Senhora, porque ainda  
 Tudo podeis neste perigo extremo:  
 Eurimaco vos ama; sua filha  
 Mover do Pai o coração bem pôde:  
 Vós não o desprezeis: Vede com susto  
 A quanto de Antinois chega a violencia.  
 Deste traidor os laços da amizade,  
 Que tem com elle, desfatar se devem;  
 Porém, Senhora, alimentai-o sempre  
 Co' dourado veneno da esperança.

*Penelope.*

Essa esperança vá, que lisongea  
 Esse odioso amante, he huma injúria  
 Da minha eterna fé. Ah quanto sinto,

Que

Que por minha fraqueza injustamente  
 O meu amado Olisses offendesse!  
 Mas eu sempre esperei que a minha morte,  
 Ou sua vinda, prevenir pudesses  
 Os tragicos horrores deste dia:  
 Depois de arder em fogo tão suave  
 Pelo meu caro Olisses, impossivel  
 Será que esta alma inda abraçar se veja  
 Em outra chamma, que não seja a sua:  
 E em vão pretende obter o Rey de Samos....

*Eumé.*

Senhora, cuidai menos.... Mas eu vejo  
 Que chega o Rey, e que Antinois o segue:  
 Lembrai-vos de Telemaco: Lembrai-vos  
 Que dominão Itaca estes tyrannos:  
 Que hum povo tem por si, que desconhece  
 A fé, a gratidão, e a fortaleza:  
 Que está primeiro a salvação de hum filho....

*Penelope.*

Supremos Deoses! Inspirai-me agora.

S C E N A IV.

*Penelope, Antinois, Eurimaco, Eumé, Eurinome, e Arcás.*

*Eurimaco.*

**G**rande Rainha! Em fim he este o dia,  
 Que para ser feliz me destinára  
 O Ceo compadecido. Já chegarão  
 Esses doces instantes da minha alma  
 Em vão ha tantos tempos suspirados,

E

E de vós tantas vezes differidos :  
 Já mais as perfeições de vosso gésto  
 A meus olhos tão bellas parecerão.

*Penelope.*

Eu, Senhor! Que illusão da vossa vista.  
 Entre tantos pezares, tantas dores,  
 Que póde merecer-vos, e encantar-vos  
 Hum semblante abatido, huns lacrimosos,  
 Huns aggravados olhos, que se affogão  
 No largo mar de meu continuo pranto?  
 Ah Senhor! Não queirais... (sede mais justo)  
 Que vosso amor me sirva de supplicio.

*Eurimaco.*

Vós olhais para mim, como quem olha  
 Para o primeiro author de vossos males:  
 Já vos esquecem os rivaes, que eu tenho.  
 Para render os corações mais duros  
 A vossa vista basta: Se pudessem  
 Os mais Reys conhecer-vos, no Universo  
 Hum só não ficaria, que arrastado  
 Iguamente comigo, não viesse  
 A suspirar de amor nos vossos laços.

*Penelope.*

Todòs esses amantes odiosos,  
 Que me tem-perseguido, já vos cedem:  
 Sei que com-vosco competir não podem,  
 E diante de vós desaparecem.  
 Mas acabai, Senhor, e em liberdade  
 Permitti que os meus males chorar possa;  
 Que até para chorar me falta o tempo.

*Eu-*

*Eurimaco.*

Não, Senhora! He já tempo de enxugar-se  
 O vosso terno pranto, e de pôr termo  
 Aos males, que igualmente nos affligem.  
 De Samos vinde honrar o throno Augusto;  
 Depois descansareis tranquillamente  
 Das vossas afflicções; rudo conspira  
 A fazer nosso estado venturoso....

*Penelope.*

Deixai, deixai correr, Senhor, meu pranto,  
 Que está meu coração, por desgraçado,  
 Bem longe dos descansos prometidos.

*Eurimaco.*

Não tendes vós as próvas mais seguras  
 Do meu amor constante? Como ainda  
 Pertendeis enganar minha esperança?  
 Depois de tanto tempo, e escusas tantas,  
 Que artificio, oh Rainha! Inda vos resta?  
 Depois de huma palavra....

*Penelope.*

Não formemos  
 Deste hymineo, Senhor, tão tristes laços:  
 Vós mesmo pezaroso da injustiça,  
 Que me fizestes, vos vereis hum dia.  
 O amor não he filho da violencia:  
 Dar o meu coração, como he possível?  
 Sois generoso; devo confessar-vos,  
 Que Olisses seu Senhor, d'elle não pôde  
 Separar-se já agora hum só momento:  
 Só hum allivio (se he allivio) tenho  
 Nos meus justos pezares: A faudade,

Que

Que delle sinto , e as lagrimas , que choro.  
 Como vos não desgosta , e vos confunde  
 Ouvir com meus suspiros misturado  
 O doce nome do meu grande Olisses  
 A todos os momentos ? Fugi antes ,  
 Fugi de mim ; e longe de obrigar-me ,  
 Compadecei-vos só do meu tormento.

*Eurimaco.*

Como podeis ainda , deshumana ,  
 Conceber novos modos de affligir-me ?  
 Quereis que toque os ultimos extremos  
 Da desesperação ? Até que ponto  
 Pertendeis contra mim levar os vossos  
 Simulados projectos ? Por ventura  
 Quereis que outro rival , fundando a gloria  
 No esforço da eloquencia , vença , e ganhe  
 Do vosso coração todo o triumpho ?  
 Quereis segunda vez , que eu mesmo seja  
 De tão crueis affrontas testemunha ?  
 Inda tenho presente na memoria  
 Os passados enganos : Inda sinto  
 Do meu competidor a preferencia ,  
 Como hum flagello , que me opprime á alma :  
 Naquelle tempo do maior transporte  
 Me deixo possuir : desesperado ,  
 Impaciente , inadvertido , e cego  
 Me arrastarão de amor outras cadeias :  
 Cioso diffimulo , e vejo alegre ,  
 Longe de vós , o meu rival em Troia.  
 A amante esposa , a quem eu só devia  
 Os mais castos amores , dos viventes

Em

Em fim se aparta, dando á luz Ifse.  
 Soube que Ollisses: desgraçado Ollisses!  
 Victima fora de Nepruno irado:  
 Então se atea novamente a chamma  
 Do meu primeiro amor, minha defunta  
 Esperança renasce, cresce, e vive:  
 Corro a buscar-vos, e a adorar-vos torno  
 Vós consentistes que esperat pudesse;  
 Mas em vão esperai: passou o tempo,  
 Hum dia, e outro dia; mas o fruto  
 Forão fômente frivolas escusas,  
 Fingidas dilações, que prolongarão  
 Da minha alma os freneticos desejos:  
 Entre as ansias cruéis, que mal supporto,  
 Do meu debilitado soffrimento  
 Não abusareis mais; bastantemente  
 Tenho esperado os merecidos premios  
 Do meu amante empenho; e se mda agora  
 Vos mostrais insensível, oh Rainha!  
 Temei as consequencias do meu odio.

*Penelope.* Que me queres?

Eu que vos prometi? Já mais...

*Eriteia.* Não vos prometi nada.

*Penelope.* Senhora!?

*Penelope.* Senhora!

Ah Senhor, moderai-vos! De mais doces,  
 Mais suaves tenções, que eu vos mereço,  
 O vosso grande coração he digno  
 Concedei-me alguns dias: sustentai-vos  
 Hum pouco de esperar mais algum tempo:  
 Póde ser que esta minha resistencia

Tom. II.

K

Pa-

Para vós se converta em suavidade:  
Vindo meu filho, delle saberemos  
Se de Olifles a morte se confirma.

*Eurimaco.*

Por muitas vezes se vos tem contado  
O naufragio de Olifles: Elle he morto,  
O tempo he proprio, vosso Pai consente,  
Tudo vos põe na vossa liberdade.

*Penelope.*

No estado, em que estou, viver não posso.  
Triste de mim, se de meu filho a vinda  
A meus justos pezares não põe termo!  
Alguma compaixão se quer vos deva  
Huma má triste, que chorar só pode  
Do filho a ausencia, de seu Pai a morte.  
Se estes suspiros meus puderem tanto,  
Que o Ceo por elles me conceda, ao menos  
De Telemaco a vinda, consolando  
Irá hum filho a perda de hum esposo.

*Eurimaco.*

Será possível que também se opponha  
Contra mim vosso filho! Por ventura  
Arbitro sou do seu fatal Destino?  
Tive parte em seus erros voluntarios?  
Eu posso em favor seu, e em vosso obsequio  
Reger as ondas, dominar os ventos?  
Senhora, pode ser que o vosso filho  
Já não respire, porque morto fosse  
Das insolentes mãos de alguns piratas.

*Penelope.*

Já vos enredo: Sei a vossa inveja:

De-

Temeis o seu valor; a sua morte  
 Ha muito, perdesdes occultamente.  
 Do vosso amor, que prova manifesta!  
 Querer tirar-me a posse do meu filho  
 Unico bem, que nesta vida tenho!  
 E prezais-vos, Senhor, de ser amante?...  
 Pelo seu interesse, eu vos attendo:  
 Eu mesmo morrerei para salvá-lo: ...  
 Eu vencerei a extrema repugnancia  
 Deste meu coração: D'ante os meus olhos  
 Fugi de todo: Não torneis a ver-me,  
 Senão volta meu filho, se o não vejo.

*Eurimaco.*

Ou elle venha, ou não, será preciso...  
 Mas! Eu vos deixo já, para livrar-me  
 Das ansias, que me opprimem: Neste dia  
 Vossa final resolução espero...  
 Quando não, vede bem... que aos meus affagos  
 Succederão do meu furor as iras.

*Penelope.*

Faze, faze morrer huma innocente  
 Rainha, que aborrece o teu affecto,  
 E só pede o teu odio.

S C E N A V.

*Antinoüs, Penelope, Ericlea, e Eurinoté.*

*Antinoüs.*

J A' Senhora...

*Penélope*  
 Antinois, nada temo: Aos ameaços  
 Sou inflexivel: Saberei livrar-me  
 Das vossas leis ao barbaro dominio. (1)

S C E N A VI.

*Antinois, e Arcás.*

*Antinois.*

**D** Este hymineo a hora differida  
 Ha tantos tempos, apressemos hoje:  
 Nelle a sorte o caminho me franqueia  
 Para subir ao throno: Este faminto  
 Desejo de reinar, de que esta cheio  
 Todo o meu coração, farte-se agora.  
 Quando a morte de Olisses se fez certa,  
 Viste, Arcás, a invasão dos pertendentes,  
 Que entrarão nesta Ilha: Com seu povo,  
 Que facilmente ás minhas leis sujeito,  
 A escolha da Rainha lhes disputo.  
 De seu Regio hymineo a preferencia  
 Lisonjeava as minhas esperanças;  
 Porém do Rey de Samos, receando  
 As armas, e o partido ventajoso,  
 Determineo sem armas de vencello.  
 Elle era amante, e eu reinar queria:  
 Se o Estado me deixa, case embora  
 Com a mesma Rainha; em paz a leve:  
 Na sua ausencia o Sceptro me pertence,  
 E do Principe a vinda só receio.

*Ar-*

(1) *Vai-se*

*Arcás.*

Feliz annúncio de melhor successo  
 Protege a vossa empreza. Ha muitos tempos  
 Que Itaca seu Senhor vos reconhece;  
 Se Telemaco do furor das ondas  
 Escapado tiver, dos vigilantes  
 Navios nossos escapar não pôde:  
 Nada o pôde salvar; mas estas praias  
 Cubertas são de nauticos despojos,  
 E elle nesta ultima tormenta  
 Sem duvida morreo.

*Antinois.*

Ainda he precisa:

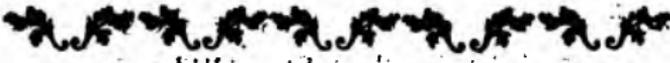
Mais exacta certeza. Eu conjecturo  
 Que contra a sua vida conspirado  
 Eurimaco já teve. Elle temia,  
 Como eu temo, este moço temerario;  
 Porém talvez que enternecido olhando  
 Para o pranto da Mãe, a bem do filho  
 Tenha tomado novos sentimentos;  
 E com esta lisonja da Rainha  
 Ganhar o coração lhe será facil.  
 He dos povos o espirito mudavel:  
 E pôde deste Principe a presença  
 Contra nós revoltallos. Não he isto,  
 Arcás, ainda o mais: Tu não ignoras  
 Que escolha fiz de Ifise para esposa,  
 Ou fosse amor, ou fosse utilidade  
 Do brilhante esplendor de huma alliança  
 Digna de minha proxima grandeza:  
 He meu rival ainda Telemaco:

OTDA

Das

Das minhas pertencções elle fômente  
 He o unico estorvo; em fim a empresa  
 De que elle morra já por nós disposta;  
 Agora mesmo em pratica se ponha:  
 Falla aos que hão de ajudar-nos, que eu pretendo,  
 Sem perder tempo, que Eurimaco irado,  
 Estavel nas tenções, em que vacilla,  
 O genio vença, e o orgulho abata  
 De huma inflexivel, contumaz Rainha:  
 A seu lado contente parta embora  
 Entre nupcias acclamações, com tanto  
 Que aqui Senhor pacifico me deixe:  
 Reinemos; e se Odisse dessas praias,  
 Que mais distão de nós, ou da perpetua  
 Escura noite do sepulero triste,  
 Ou do profundo baratro do Inferno  
 Tornar á luz do dia, e ousado queira  
 Arrancar-me da fronte este diadema,  
 Firme, sem balançar, nettes meus braços,  
 Eu o verei primeiro; fim primeiro  
 Eu o verei, entre terriveis géstos,  
 Lançar gemendo o ultimo suspiro:  
 Não haja mais demora; eu já não posso  
 Prolongar meu cansado soffrimento:  
 Hei de reinar, ou hão de morrer todos.

ACTO



# ACTO SEGUNDO

## SCENA I.

*Ifise, e Argina.*

*Ifise.*

**O**H quanto estas desordens me atormentão!  
 Mais que de amor, de colera inflamado  
 Fica meu Pai: Busquemos a Rainha,  
 Vejamos se podemos consolalla.

*Argina.*

Vós sempre acompanhais os seus desgostos  
 Com os vossos suspiros. De piedade  
 Qual extremo, Senhora, vos obriga  
 A ter tão grande parte nos seus males?  
 Podem sentir-se, podem consolar-se;  
 Mas vosso terno coração não soffre  
 Que não sejam com vosso reparvidos:  
 Tudo a Mãe pelo filho vos merece.

*Ifise.*

Todo o meu coração se abre contigo:  
 Eu nada tenho que esconder te possa.  
 Ah quantas turbações, quantas angustias  
 (Sete lembras Argina) me cercarão  
 Neste lugar! Aos pés desta Rainha  
 Vi suspirar meu Pai inutilmente:  
 Ella chorar de seu esposo a ausencia,  
 E achou, não sei que gosto, em seus pezares  
 De

De ambos erã reciprocas as queixas  
 De dor, e fulto o peito me batia,  
 E horrorizada deste exemplo, irro  
 Fugir de huma paixão, que o Mundo errado  
 Anda chamando amor, sendo tormento;  
 Mas eu temo que seja inevitável  
 Este doce veneno; Telemaco,  
 Mais que nenhum do meu amor he digno:  
 As virtudes, as Graças o rodeão;  
 E a par de seu rival aborrecido  
 Realça mais o seu merecimento.  
 Dous contrarios objectos me combatem:  
 Ameaçada de Antinois me vejo:  
 He para mim odiosa, e o mesmo impulso  
 Com que fugir lhe quero arrebatada,  
 Mais então para o Principe me inclina:  
 Se devo, ou não deixar prender-me tanto,  
 Aconselha-me tu.

*Argina.*

Sinceramente,

Se quereis attender-me, eu fallo, ouvi-me:  
 Os corações, que penetrar se deixão  
 De paixão, como a vossa, muitas vezes  
 C'os bons conselhos ainda mais se irritão,  
 Que amor com seus contrarios se accrescenta:  
 Mas vós não conheceis o vosso engano.  
 Tem por vós Telemaco igual cuidado?  
 Se tambem vos amasse, por ventura  
 Teria coração para deixar-vos?

*Ufe.*

Se he erro amar, eu gosto do meu erro.

Ah

Ah que os suspiros seus já me tem dito  
 Seus ardentes desejos! Em seus olhos  
 Mil finaes de ternura tenho achado.  
 Inda quando me lembro da suave  
 Conversação, que tive só com elle . . .  
 Elle os olhos em mim, eu nelle os olhos,  
 Inquietos os seus, os meus turbados,  
 Julgo que inda lhe lembro, que impossivel  
 Sera, que verdadeiro amor não fosse  
 O seu antigo amor. Não passa instante,  
 Que na minha memoria o não retrate:  
 Não ha lugar, onde o Amor não finja,  
 Que o encontro, que o vejo, que lhe fallo;  
 E pôde ser, Argina, que algum dia  
 Torne a fazer meus olhos venturosos;  
 Alegre a triste Itaca, e á vista della  
 Jure nas minhas mãos solemnemente  
 Immortaes votos de huma fé constante.

*Argina.*

O coração, Senhora, de hum mancebo  
 Poucas vezes he firme. Seus cuidados  
 Longe de vós em outro amor se empregão.  
 Ha nas Cortes da Grecia outras bellezas:  
 A vista dellas, o poder da ausencia,  
 O seu esquecimento, o seu silencio . . .

*Ifise.*

Argina, porque augmentas o meu pranto?  
 Das esperanças de tornar a velho  
 Não me tires o gosto. Grandes Deoses!  
 Vós, que tudo podeis, restitui-me  
 O meu Principe amado; providentes

Sal-

Salvai-α dos perigos. A soberba  
De sua Mãi fazei que abrandar possa;  
Que aos rogos de meu Pai ceda benigna;  
Que a minha fé o filho corresponda;  
E que possa...

*Argina.*

Callai-vos, que o Rey chega.

## S C E N A II.

*Eurimaco, Antinois, Ifise, e Argina.*

*Eurimaco.*

**N**Aõ ... Não posso viver, se continúa  
NO odio da Rainha. Não, eu quero ...  
Porém fois vós Ifise? ... Ides acafo  
Ao quarto da Rainha? Ide, fallai-lhe:  
Para me ouvir feu animo disponde,  
Em quanto eu a seus pés não vou pedir-lhe  
Da minha injusta colera piedade.

## S C E N A III.

*Eurimaco, e Antinois.*

*Antinois.*

**C**omp. pôde, Senhor, a falsa gloria  
De huma esperança vá lisonjear-vos?  
Não vos deixeis vencer. He sempre activo  
O genio das mulheres; e abusando  
Da submissão dos homens, par systema  
De hum caprichoso extremo, se encaminhão  
Ao cume da soberba. A vossa grande

Re-

Reputação não sei se já padece  
 Entre os povos da Grecia. Elles murmurão,  
 E o vosso injusto amor lhes dá materia.  
 A vossa alma obstinada, as vís cadeias,  
 Que arrasta ha tantos tempos, a constancia  
 Nos continuos desprezos da Rainha,  
 Nutre a sua soberba; e em seus altares  
 Ah, Senhor! Quanto temo que algum dia  
 Sejais de amor a victima funesta!  
 Huma mulher querida faz estudo  
 De saber até aonde levar pôde  
 A sua tyrannia. Desprezada  
 Esta ingrata, talvez que reconheça  
 As suas sem-razões, e se confunda.  
 Resisti ao estímulo indiscreto  
 Do vosso coração: armai o braço:  
 Com seu grande poder ameaçai-a:  
 Fazei por huma vez, que esta Rainha  
 Ou vos ame, ou vos tema. Ambiciosa  
 Talvez então, que facilmente ceda  
 Ao gostoso interesse de livrar-se  
 De huma triste viuvez, em que se firma  
 Toda a sua soberba; que hum estado  
 De dor, e luto, e de pozares cheio  
 Sempre huma alma, Senhor, afflige, e cança.  
 Apressai-vos...

*Eurimaco.*

Não ha para abrandalla  
 Neste meu coração mais que suspiros;  
 Mas se vão contra mim os seus desprezos,  
 Tomando nova força... que faremos?...

Se-

Senão fugirmos della ... Sim: Fugamos...  
 Mas, ah tyranno amor! Que o teu injusto  
 Poder augmenta mais os meus defejos,  
 Quanto mais te resisto. Desagrados,  
 Desdens, injúrias, sem-razões, soberbas  
 De novo atêa a chamma; em que me abraço;  
 E ás perfeições da sua formosura  
 Não sei que estranha graça lhe acrescenta.  
 Tantas lagrimas tristes derramadas,  
 Tantos suspiros váos soltos ao vento  
 Já puderão ter feito na minha alma  
 Impressão bem diffrente: Já puderão  
 Ter convertido as altas qualidades  
 Nos defeitos mais vis: Ella devia  
 Já menos agradar-me; mas de novo  
 O fraco coração tender se deixa:  
 O seu abatimento armas empresta  
 Ao seu proprio inimigo: Aquelles olhos,  
 Aquelles bellos olhos, assim mesmo  
 Languidos, e turbados, os sentidos,  
 As potencias me encantão: Vamos, vamos  
 Honrar suas virtudes, e offrecer-lhe  
 Huma alma terna, hum coração submisso,  
 Salvar-lhe o filho, e mereber-lhe a graça.

*Antinoiç.*

Ve de que he este filho aquelle mesmo,  
 De que já contra nós na sua infancia,  
 Por defender seu Reino em odio accezo  
 Vimos o braço vingador armado:  
 Soberbo, e melancolico affectando  
 Desprezar as delicias, se entretinha.

Da

Da ambição nos mais soffregos desejos:  
 Elle, vós o sabeis, do grande Olisses  
 Bem mostrou que era filho: Elle mistura  
 Em si o atrevimento, e o artificio:  
 A' nossa mesma vista quantas vezes,  
 Mal podendo fingir-se, com seus olhos  
 Chegou este cruel a ameaçar-nos?  
 Mas com que ardor, com que segredo, e manha  
 As nossas praias deixa, e corre á Grecia;  
 Hum anno he só passado, quando intenta,  
 Valendo-se de intrigas, malquistar-nos  
 Com os Principes Gregos. Sim; vós mesmo  
 Sabeis as causas, por que justamente  
 Deveis desconfiar desta viagem:  
 Vossos continuos sustos lhe preparão  
 Ha muito tempo a morte: Agora vede,  
 Que para arrepender-vos he já tarde:  
 Ao mar, q' o cerca, ás minhas náos, q' o buscão,  
 Já não pôde escapar: De qualquer modo  
 A vida perde.

S C E N A IV.

*Arcás, Eurimaco, e Antinoís.*

*Arcás.*

**O** Principe he chegado:

Os Deoses o livráão; e em Palacio  
 Entrando encontra Eumé: Como attrahida  
 Do seu aspecto, a multidão do povo  
 Corre de toda a parte alegre a oxello.

*An-*

*Antinois.*

Deuses! Que escuto! Telemaco vive!

*Arcás.*

Elle cahir devia na cillada  
 Junto aos rochedos de Asteris disposta;  
 Mas, Senhos, nesta ultima tormenta  
 Hum esforço da forte ainda o ampara  
 Deste risco evidente; e desviado  
 Do porto, que buscava pela força  
 Das ondas bravas, dos contrarios ventos  
 O cabo de Forcim demanda, e toma:  
 A tempestade, que o livrou da morte,  
 De Corsire os navios mette a pique;  
 E batendo nas rochas náos, e gentes,  
 Gentes, e náos, foi na passada noite  
 Nas voragens das ondas submergido.

*Antinois.*

Se Telemaco conseguiu salvar-se  
 Das passadas ruinas, nestas praias  
 Encontrar póde o ultimo naufragio:  
 Se no mar escapou, na mesma terra,  
 Que ambicioso busca, novas ondas,  
 Novos ventos, em fim nova tormenta  
 O fará naufragar. Todo o cuidado  
 Nesta causa commua tenho posto:  
 Eu hei de proseguir.

*Eurimaco.*

Ah! Respeitemos  
 A fortuna de hum Principe, que chega  
 A ser hoje dos Deuses tão querido:  
 Não derramemos o estimavel fangue,

Que

Que vem dos altos Reys da antiga Grecia.

*Antinois.*

Pois quereis perdoar a hum temerario  
Mancebo, em damno vosso? Se o arrojo  
Lhe não embarçamos, quanto temo  
Que as suas proprias mãos no nosso sangue  
Inda a manchar se atreva. Sim, bem pode  
Convocar vinte Reys em seu auxilio:  
Ah, morra Telemaco, antes que os chame.

S C E N A V.

*Telemaco, Eumé, Eurimaco, Antinois, e Arcás.*

*Eurimaco.*

Que prazer não será para a Rainha,  
E para mim que gosto, ver que o pranto,  
Que até agora verteo ná vossa ausencia,  
Torna a correr de gosto á vossa vista!  
Muitas vezes tememos que Neptuno  
Irado, perseguindo o Pai, e o filho,  
Para sempre de nós os apartasse;  
Mas forão nossas supplicas ouvidas;  
Dia tão felizmente finalado  
A Epoca tará dos nossos tempos.

*Telemaco.*

Senhor, muita vos devo, mas não posso  
Conhecer donde nasce esta mudança,  
Que tanto me surprênde. Quem dirige,  
E governa estes povos? Que attentados,  
Que violencias são estas? Quem se atreve  
Ser contra minha Mãe, e os meus duminios?

A

A minha ausencia, e de meu Pai a falta  
 O desbocado monstro da injustiça  
 Tem posto em liberdade; e se na morte  
 De hum grande Rey se funda, seus direitos  
 Nestas mãos inda remão; e o seu nome  
 Em mim torna a viver. Minha presença  
 Funesta vos será. Estes rebeldes,  
 Prejuros corações, lembrar se devem,  
 Que seu Principe sou; que posso, e venho  
 Punir severamente os seus delictos.

*Antinois.*

Não sei que haja, Senhor, causa bastante,  
 Para que a vossa cólera vos mova  
 A tão duro castigo; porém temo  
 Que hoje vejais sem fruto a vossa idéa,  
 Assim como he sem causa. As vossas queixas  
 Contra quem são? Queixai-vos da Rainha,  
 Que entreteve, e irritou com vans palavras  
 Mil Principes, que a buscão? Mas vós mesmo  
 Influi na eleição, que fazer deve:  
 Vede, que he tempo em fim....

*Telemaco.*

Vós deveis todos  
 Calar, e obedecer; não condemnando  
 As suas voluntarias resistencias.  
 A huma escolha violenta não se obriga  
 A vontade Real. Obedecendo  
 Deveis só esperar que ella resolva  
 Em tantas pericções, em fim só ella  
 Arbitra pôde ser do seu Destino;  
 Mas eu não deixarei impunemente;

Que

Que da sua, e da minha descendencia  
 Se offusque o esplendor, e a Magestade:  
 Por sustentar o meu poder supremo,  
 Começarei por vós, se for preciso,  
 A mostrar que hum vassallo....

*Antinois.*

*Telemaco,*

Mui colerico estais. Principe! Vede  
 Que hum vassallo, como eu, de nada teme:  
 E muito menos de huma authoridade  
 Inda tão mal segura. Este projecto  
 Póde ser de funesta consequencia.

S C E N A VI.

*Telemaco, Eurimaco, e Etmé.*

*Telemaco.*

**N**ÃO seria Antinois tão temerario,  
 Se a vossa protecção não influísse  
 No seu atrevimento. Encontro cheio  
 De guardas estrangeiras o meu Paço;  
 E nelle minha Mãi como cativa:  
 Eu vejo os meus legitimos vassallos  
 Gemer, e suspirar. Que festa; e jogos  
 Apparelhando estais? Que nova pompa  
 Se dispõe nestes dias? Eu não venho  
 Interromper as vossas alegrias;  
 Mas vós deveis deixar-nos em socego,  
 E ir fazer em Samos estas festas.

*Eurimaco.*

Que grande coração! Principe, eu tenho

Tom. II.

L

(HON)

Horror á injustiça. A razão pede,  
 Que hoje sinceramente vos informe  
 Dos meus desígnios todos. O meu braço  
 Deste sitio cem Principes tyrannos  
 Competidores meus, contrarios vossos  
 Fez desaparecer; porque aspirando  
 Ao amor da Rainha, desolavão  
 Com as armas na mão vossos Estados;  
 E em fim eu só a sua mão mereço.  
 Desposado com ella, irei contente:  
 Os devidos direitos, que vos tocão,  
 Usurpados por mim, vos restituo:  
 A ser feliz, oh Principe, ajudai-me:  
 Vós sabeis que a Rainha, a quem eu amo,  
 Para me dar o premio, que mereço,  
 Não esperava mais que a vossa vinda:  
 Neste dia ditoso concertemos  
 Huma perpétua paz. He morto Olisses:  
 Eu já me esqueço do meu odio antigo:  
 Entre os contrarios meus elle occupava  
 O primeiro lugar; mas da Rainha  
 Unicamente em vós o filho vejo:  
 Com minha filha está. Ide; fallai-lhe  
 Nesta doce união, que inda mais firme  
 Póde ficar por meio de outros laços:  
 Consultai os internos sentimentos  
 Do vosso coração, que o meu he vosso.  
 Eu vos deixo (1)

(a) Vai-se.

SCE-

## S C E N A VII.

Telemaco, e Eumé.

*Telemaco.*

**Q**ue Sorte me destina  
 Vir a este lugar? De que projectos  
 Acharei a Rainha? Respondei-me,  
 Que o Oraculo fois unicamente,  
 Que posso consultar. Diante della  
 Como hei de conduzir-me? Será certo,  
 Que a reduzisse o tempo a ser mudavel?  
 Não he isto de hum Principe tyranno  
 Huma injusta violencia? E eu não posso  
 Armar em meã favor todos os Gregos?

*Eumé.*

Ah, Senhor! Que farão os seus soccortos?  
 Evitar as ruinas, que ameação  
 A consternada Itaca. As esperanças  
 De Eurimaco animai; e do tyranno  
 Dissimulai a falta de respeito.  
 Eu sei, Senhor, que vós nunca pudestes  
 Esconder a ternura, com que Ifise  
 Sujeitou a vossa alma: Eu tenho visto,  
 A pezar vosso, quanto amor vos deve.

*Telemaco.*

Ah meu querido Eumé, eu me envergonho  
 De que amor me domine. Pelo odio,  
 Que injustamente tenho ao Rey de Samos,  
 De Ifise quiz fugir, imaginando

L ii

Já

Já rotas as cadeias ; mas de balde  
 Os meus projectos são , pois torno agora  
 Inda mais prezo dellas. Não sei aonde  
 Levarei meus desejos insensatos !  
 Que contrarios affectos me perturbáo !...  
 Creio que vejo Ifise... Eu fujo... Eu paro...  
 Vós buscai minha Mãi , e preveni-a  
 Sobre as tristes noticias , que me ouvistes ,  
 Que eu vos figo.

## S C E N A VIII.

*Telemaco , e Ifise.*

*Telemaco.*

**N**O mal , que me atormenta ,  
 Hum favoravel , hum benigno aspecto  
 Ainda o Ceo me mostra. Os mais tyrannos ,  
 E injuriosos golpes da Fortuna  
 Ao divino poder dos vossos olhos  
 Cedem , bella Princeza. Os meus desgostos  
 A' vossa amavel vista affugentados. ....

*Ifise.*

Senhor , vossa partida arrebatada ,  
 Occulta , e imprevisita ; este silencio ,  
 Esta demora , tudo me tem dito ,  
 Que os meus olhos comvosco nada podem :  
 Eu já vos esqueci : Toda a vossa alma  
 De mais doçes idéas está cheia :  
 As bellas Damas de Micena , e Esparta  
 São os vossos cuidados. ....

*Telemaco.*

Ah Senhora!

Onde vos levão vossas vans suspeitas?  
 Minhas obrigações indispensáveis  
 Me apartaráo de vós; e era preciso  
 Ou partir, ou morrer ás vossas plantas:  
 Hum indigno descanço escurecia  
 A gloria do meu nome. Os arriscados  
 Trabalhos de meu Pai continuamente  
 A' minha triste idéa se propunhão:  
 Parti a procurallo, e vagabundo,  
 Pintando n'alma sempre a vossa imagem;  
 Aonde quer que vou, ides comigo:  
 Longe de vós de novo a cada instante  
 Do meu amor mais digna vos achava.  
 Eu volto, eu chego, e a buscar-vos torno.  
 Mas como ainda apparecer vos posso?...  
 Eu já não sou senhor dos meus Estados!  
 De que tristes objectos os meus olhos  
 Não são feridos! Vergonhosamente  
 Postos em sujeição os meus vassallos!...  
 Os meus Regios direitos offendidos!...  
 Mais que nunca tratemos de vingança  
 Contra o mesmo Eurimaco...

*Isife.*

Ah que projectos

Tão tristes concebeis! Deliberada  
 Já fica vossa Mãe por hum conselho  
 Saudavel ao Reino, a vós, e a ella.  
 Dexei-a resolvida a esta escolba,  
 Atendendo á demora, e ás muitas vezes,

(Que)

Que fora differida. Ide: Buscai-a. . .  
 Mas ella chega: Vede como prova  
 Na sua impaciencia o seu affecto!  
 Senhor, ide apressar este momento  
 De nós tão desejado. Veneufos,  
 Se o permitis, seremos. (1)

## S C E N A IX.

*Penelope, Telemaco, Ericlea, e Eumé.*

*Penelope.*

AH meu filho!  
 Permite ó Ceo em fim, que eu torne a ver-vos!  
 Mas ah! Com que amargura he misturada  
 Esta minha alegria! De tão longa  
 Trabalhosa viagem, qué do fruto?  
 Do Destino de Oliffes informai-me.

*Telemaco.*

Por todas essas partes do Universo  
 Ouvi mil vezes do seu nome a Fama;  
 Porém todos, Senhora, ao mesmo tempo  
 Chorão a sua morte. Na deserta  
 Praia Seciliana, o destruçado  
 Resto dos seus navios a infamada  
 Caribdes arrojou. Meus tristes olhos,  
 Ainda mal! Que testemunhas forão  
 Do seu fatal, e ultimo Destino!  
 O valor, e a prudencia não puderão  
 Salvar tão grande Heroe: Já não podemos

Du-

(1) *Vai-se.*

Duvidar de huma perda tão funesta,  
Nem d'elle nos ficou mais que a memoria  
Do seu eterno, e respeitavel nome.

*Penelope.*

Em fim, meu filho, já não vive? He certo?...  
O Ceo o permittio? Da sua vinda.  
São estas as promessas? Que impiedade!  
Onde acharei a sua amavel cinza?  
Morreo o meu Olisses, e não pude  
Ir com elle abraçada á sepultura?

*Telemaco.*

O vosso coração ha muito tempo  
Prevenio este golpe, e não devia  
Resistir-lhe tão pouco: O mesmo tempo  
Pode tirar-lhe parte da violencia:  
Dai, Senhora, huma prova de constancia,  
Que distinga a vossa alma: Toda a Grecia  
Outra Sorte mais fausta vos deseja.

*Penelope.*

Ah meu amado filho! Huma tal esposa  
Digno será de copioso pranto,  
Em quanto eu tiver lagrimas nos olhos,  
Em quanto houverem lagrimas no Mundo.  
E por vós, Telemaco! Por vós mesmo,  
Ah quantas vezes! Chorarão ainda?  
De hum filho a vida, de hum esposo a morte,  
A hum tempo choro, e temo. Ah! que não posso  
Chegar a ver-vos sem tremer de susto.

*Telemaco.*

Não cuideis mais que em vós: Não vos affuste,  
Senhora, a minha morte: Este consorcio

Eu

Eurimaco pertende, porque possa,  
 Sem vos fazer violencia, ao seu Destino  
 Unir a vossa Sorte. Por ventura  
 Em vão esperará? Fallai, proponde  
 Ao vosso coração estes designios:  
 Resolva elle, porque he só quem pôde.  
 Vós sois Rainha livre: De vós mesma  
 A unica senhora; e esta escolha,  
 De que a prompta resposta se vos pede,  
 Vós podeis rejeitar. Meu Pai me falla  
 Ainda ao coração, e diz, que devo  
 Seguir o seu exemplo: Os elogios,  
 Que deste Rey magnanimo se contão,  
 Não são mais que lições recommendaveis  
 De conservar a verdadeira gloria  
 De combater por vós; e os mesmos Gregos,  
 Que seu braço vingou em nosso amparo,  
 As armas tomarão.

*Penelope.*

Ah que muito perto  
 Está, meu filho, o golpe do ameaço!  
 A vossa audacia contra o Rey de Samos  
 Por ora reprimi: Vede-o, dizei-lhe...  
 Sim... que pôde nutrir inda a esperança...  
 Que espere... Em fim, que eu posso declarar-me  
 A seu favor; e em tanto segurai-vos  
 No amor destes vassallos, que vos forão.  
 Até agora fiéis; vossos amigos  
 Prudente convocai, e do tyranno  
 Coração de Antinoís detende a ira!  
 Desconfiai de todos, e sómente

**Acro**

Acreditai Eumé. Ide , apressai-vos :  
Fazei-vos ver do povo.

*Telemaco.*

Sim , eu parto  
A examinar os animos daquelles ,  
De quem me hei de fiar ; e sendo prestes  
A defender-vos , tornarei , Senhora.

S C E N A X.

*Penelope , e Ericléa.*

*Penelope.*

**Q**ue disse ! Que farei ! Oh desgraçada  
Rainha mais que todas ! Ah meu filho !  
A colera evitai desse tyranno :  
Podem os meus repudios novamente  
Contra mim , contra vós desafialla.

*Ericléa.*

Oh Deoses ! Se este Rey defenganado  
A vingança renova : e se a violencia  
Do soberbo Antinojs acaso segue ,  
Aonde irão , aonde irão , Senhora ,  
Seus impetos crueis ? Ah que os deveres  
De Mãi , de esposa , e de Rainha pedem  
Huma condescendencia prompta , e firme  
A's leis de vosso Pai , que vos ordena  
Este novo hymineo.

*Penelope.*

Hymineo triste !  
Todos protegem de Eurimaco a causa.  
Mas ai triste de mim ! A lei paterna

Me

Me liga ha muito tempo: De meu filho  
 Os interesses clamão, e a precisa  
 Tranquillidade deste Reino o pede:  
 Eu prometti, meus póvos esperarão...  
 E ainda em vão esperão, que não deve  
 Este meu coração já consentillo.  
 Vizinhos mares, que escutais meu pranto,  
 Encapellai, enfurecei as ondas;  
 Vinde buscar-me, sepultrai-me nellas.  
 Oh feros Aquilões! Sobre essas praias  
 Ide juntar a minha triste sombra  
 A' sombra errante do meu caro esposo:  
 Acabai...

*Erietea.*

Ah, Senhora! Telemaco  
 De outros promptos foccorros necessita:  
 De hum tão querido filho o doce nome  
 Vós deveis conservar...

*Penelope.*

Ah! como?... Eu posso?  
 Reinará só Oliffes na: minha alma:  
 Eu levarei ao centro dos abyfmos,  
 Ah meu amado Oliffes! O bom nome  
 De tua digna esposa; para sempre  
 Se hão de unir nossos nomes, repartindo  
 As honras entre nós: Do meu affecto  
 A constancia immortal fará que seja  
 Igual a minha gloria á gloria tua.

*Erietea.*

A seu filho atendei: Do grande Oliffes  
 Fazei, que nelle se renove a fama.

Que

Que ha de ser deste Principe? Vós mesma  
Tereis valor de o condemnar à morte.

*Penelope.*

Oh grande Deosa, que respeita Itaca!  
Sacrosanta Minerva! Telemaco  
Já em mim não tem Mãi: Por vossa conta  
O seu Destino corra. Sim, dignai-vos  
De lhe servir de Mãi. Ah! Vamos, vamos  
Perder a vida junto a seus Altares.



## ACTO TERCEIRO

### SCENA I.

*Oliffes só.*

**I**Mortal Deosa! Cujá luz brilhante  
Ha tantos tempos os meus passos guia,  
A minha alma allumea! Em fim, são estes  
Os pátrios horizontes?... São de Itaca  
Os ares, que respiro?... Eu sonho?... ou vejo?...  
São estes os lugares, onde abrindo  
Os olhos, pude ver os resplandores  
Do meu primeiro dia?... He este o Paço?...  
He esta a porta?... As praias serão estas?  
De quem continuamente ante meus olhos  
A imagem sempre andava? Que transporte?...  
Que occulta força o coração me agita,  
O sangue me perturba! Amados sitios!

Ain-

Ainda conservais as preciosas  
 Prendas, que busca em vós o meu desejo,  
 E que em tão longa ausencia receava  
 Não ver já mais? A's portas de Palacio  
 Guardas desconhecidas! Povo estranho!...  
 Não sei que me annuncia! Que festivos  
 Nupcias apparatus, serão estes?...  
 Já eu esquecerei!... Será possível  
 Que já não me esperassem!... Tudo excita  
 A minha turbação... Eu já não tenho  
 Onde firmar a minha confiança:  
 Meu passo errante... minha vista incerta...  
 Ah não ousa a informar-me das desgraças,  
 Que temo, e que me affustão! Surprendido...  
 Porém hum vulto chega... Eumé parece...  
 He Eumé. Provaremos o seu zelo.

## S C E N A II.

*Olisses, e Eumé.*

*Eumé.*

Conservai a Rainha, Ceos piedosos!  
 Deuses! Com mão benigna preservai-a  
 Das desgraças, que a córcão, permitindo  
 Que hoje mesmo este Principe adorado  
 Servir-lhè possa de seguro asylo.

*Olisses.*

Senhor, estamos sós, fallar podemos.  
 Se acaso sois Eumé, cujas virtudes  
 Olisses tanto amou, hum desgraçado,  
 A quem o mar, e os ventos arrojáo

Nau-

Naufrago a estas praias, conhecido  
Do vosso Rey, bem pôde sem receio  
Chegar-se a vós, pedir acolhimento.

*Eumé.*

Quanto sou, quanto posso, em vosso auxilio  
Podeis seguramente prometter-vos.

*Olisses.*

Tudo quanto aqui vejo me suspende!  
Outros estes lugares me parecem.

*Eumé.*

Aqui já n'outro tempo o sabio Olisses  
Fez reinar a virtude, amar-se a glória,  
Florecer a abundancia; mas a triste  
Ausencia deste Principe famoso  
Produzio de repente huma funesta  
Mudança para nós. Se o conhecestes,  
Como dizeis, chorai a nossa perda,  
Chorai tal Rey.

*Olisses.*

Penelope, e Laertes,  
Onde estão? Que he feito de seu filho?

*Eumé.*

A triste narração dos seus trabalhos  
Pede mais largo tempo. Eu sei que vivem;  
Mas ah, Senhor! Que o seu fatal Destino...

*Olisses.*

Falla-se do conforcio da Rainha?

*Eumé.*

Eurimaco a pretende por esposa.

*Olisses.*

Por esposa! Eurimaco!... Que dissestes!

Acon-

Aconselhaſte-a vós? Ella consente?...  
 Já Oliffes tão pouco amor vos deve?

*Eumé.*

Os Deoses todos do ſagrado Olympo  
 São teſtemunhas do meu zelo ardente.  
 A incrível conſtancia da Rainha,  
 Que ſerá do ſeu ſexo o exemplo, a gloria  
 Aborrece hymineo; mas a Coroa,  
 E a vida de ſeu filho importa muito  
 Que ella ſegure á cuſta deſte preço.

*Oliffes.*

Senhor, de ſeus tyrannos a injuſtiça  
 Hão de os Ceos confundir. O ſeu ſoccorro  
 Novamente imprecai, que elles bem podem  
 O voſſo amado Rey reſtituir-vos.  
 Oliffes não morreo.

*Eumé.*

Ah! Que mil vezes  
 Deſſa meſma eſperança liſonjeira  
 Temos ſido engariados. Mas o tempo,  
 A ſombra vã da noſſa falſa gloria,  
 Qual paſſageiro ſonho, decipando,  
 Como d'antes choramos noſſos males.

*Oliffes.*

Crede-me que elle vive, e que elle torna;  
 E pelos Deoses, ſe he pretiſo, o juro.

*Eumé.*

Que ainda torne a ver ſerá poſſivel  
 O meu Senhor, o meu Monarca Auguſto?

*Oliffes.*

E ſe o vites!... Será o voſſo zelo

Ca-

Capaz de o defender contra os assaltos  
Da Fortuna cruel? ... Tereis constancia  
De morrer a seu lado?

*Eumé.*

Ah que Fortuna!  
Este peito, este braço, em fim por elle  
Todo o meu fangue...

*Oliffes.*

Pois abri os olhos:  
Este he o vosso Oliffes: Conhecei-lo?

*Eumé.*

Ah! Que escuto? ... Que vejo? ... O' Ceos!  
Oliffes! ...

Sereis vós? Esse traje... Essa mudança...  
O meu espanto... O meu contentamento...  
Ah, Senhor, perdoai, se duvidoso...  
Mas os Deoses piedosos vos salvarão.

*Oliffes.*

Olhai que podem ver-vos: Levantai-vos.

*Eumé.*

Quem ha de ver que o vingador de Troia  
Entra em seu Reino só desconhecido,  
Sem tropas, e sem náos! ... Esses guerreiros,  
Que debaixo dos vossos estendartes  
Com vosco forão. Onde estão? Que delles?

*Oliffes.*

Não tornarão a ver a sua Patria.  
Os seus honrados ossos para sempre  
Por ondas bravas, por agudos ferros,  
Huns sepultados, outros destruidos,  
Heroicamente as vidas acabarão.

O longo sitio da abrazada Troia,  
 Os riscos, e os assaltos não tem sido,  
 Mais que huma breve sombra, hum breve ensaio  
 Dos meus duros trabalhos. Ha dous lustros,  
 Que vagabundo por chegar a Itaca  
 As ondas fórço, c'os Destinos luto:  
 E de todos os meus eu pude apenas  
 Sahir com vida. E praza aos justos Deoses,  
 Que de tamanhos males se contentem!  
 Pois ainda posso ser d'outros maiores  
 Accommettido aqui. Dai-me a certeza  
 Dos que devo esperar: Fallai sem susto:

*Eumé.*

Na vossa larga ausencia apparecêrão  
 Cem Principes rivaes, e ambiciosos  
 De dous objectos igualmente grandes,  
 O throno, e a formosura da Rainha.  
 Ao público rumor da vossa perda  
 Tomarão nova força; e dividida  
 Em differentes facções, foi desolada  
 A infeliz Itaca. Em vão me opponho  
 A seu orgulho. O Principe mancebo...  
 O decrepito, e tremulo Laertes  
 Já inclinado sobre a sepultura,  
 O povo ha tanto tempo interpedido  
 Na mole ociosidade, não podião  
 Rebater dos tyrannos a violencia:  
 Só em vós esperavamos. Affligtos,  
 E sem cessar, pediamos aos Deoses,  
 Que vos trouxesset a vingar severo  
 Estes atrevimentos. Mil noticias

O

In-

Infaustas, e confusas perturbavão  
 As nossas esperanças; mas a triste,  
 A constante Rainha ás importunas;  
 Pertensões destes Principes apenas.  
 Respondia com lagrimas: Seu filho  
 Ella creava entre os seus trabalhos,  
 Nem a força do tempo, que costuma  
 Diminuir a pena mais sensivel,  
 Nem ricos apparatus, nem pompofas  
 Imagens de festejos exquisitos,  
 Grandes promessas, feros ameaços,  
 Em fim, quantas industrias, quantos modos  
 Tem inventado Amor, para vingança,  
 Dos mais rebeldes corações, não pôde  
 Nem reduzilla a que escolheffe Esposo,  
 Nem adoçar-lhe a mágoa. Ella fingia  
 Vacillar na eleição dos pertendentes,  
 Inda a pezar da paternal vontade  
 Assinalava hum dia; porém nunca  
 Este dia chegou. Té que Eurimaco  
 Cançado já da sua resistencia,  
 Entra em Itaca, e o poder lhe usurpa:  
 De Antinois apoiado este invejoso,  
 Sem respeitar as Leis, temer os Deoses,  
 Da reclusa Rainha o triste pranto  
 Despreza ativo, e lhe propõe severo  
 Hymineo, ou a morte....

*Oliffes..*

Que virtude!

Oh que fiel igual correspondencia  
 Não produces Amor num'alma grande!

*Tom. II.*

M

Que

Que bem pagados são tantos extremos  
 De constancia, de amor, e de faudade!  
 Benignos Climias, virações suaves,  
 Estranhas formosuras, mil prazeres,  
 Que as almas nos encantão, não puderão  
 Já mais da minha Itaca hum só momento  
 Esquecer a memoria. Oh grandes Deoses!...  
 Quem haverá que o creia! Os meus vassallos,  
 A quem de tanta utilidade enchêrão  
 Estas mãos bemfeitoras, tão depressa  
 Riscarão da lembrança o amor, a gloria,  
 E o nome, que me devem? Que abandonem  
 A sua Soberaná! E que consentão  
 Que no seu mesmo Paço afflicta gema!  
 Os Gregos, que eu salvei, não a ajudarão?  
 E meu filho?

*Eumé.*

Senhor, heroicamente  
 Seguirá seus Destinos. O seu alto  
 Augusto nascimento já lhe suppre  
 A sua pouca idade; e a pesar della,  
 Conhecendo a grandeza de sua alma,  
 Cheio de heroico ardor nos deixa, e parte  
 Solícito a buscar-vos: Humas vezes  
 Contra seus inimigos, preparando  
 Huma exemplar vingança, suspirava  
 Pela vossa presença; e outras vezes  
 Para os punir a todos discorria,  
 Que bastava só elle. Inutilmente  
 Com moles passatempos procuravão  
 Affeminar-lhe o espirito guerreiro,

Com

Com que por toda a parte prevenia  
 Os futuros, e proximos enganôs.  
 Mas de que iguaes perigos vos não vejo  
 Ambos ameaçados! A Fortuna  
 Inda ao lado se põe desses,  
 Inda o odip nos animos lhe ferve:  
 Temo que ambos sejais de seus furores  
 A victima cruenta. Eu não descubro  
 Mais que desgraças. Sim. Vossos vassallos;  
 Tendo faltado à fé, que vos jurarão,  
 Por hum chefe traidor favorecidos,  
 Para vós olharão, como quem olha  
 Para hum Juiz severo; e de medrosos  
 Ao horror passarão de rebelados.

*Oliffes.*

Qual he o grão Destino dos famosos  
 Vencedores de Troia? Destruida  
 Dos nobres Gregos a triunfante armada,  
 Foi pela mão dos Deoses vingadores:  
 Não ha no largo mar dous rochedos,  
 Medonhas Sirtes, perigosos baixos,  
 Que de algum dos meus tristes companheiros  
 Sepultura não fosse. Ajax valente  
 Da mão de Jove, que fulmina os raios,  
 Cahe sobre as ondas reduzido a cinzas:  
 O grande Agamenon voltando a Argos,  
 Por sua mesma Esposa enfurecida,  
 Se vio affacinado; porém veio  
 Sobre mim toda a colera celeste:  
 De mar em mar as ondas me desprezão  
 A' discrição dos ventos. Tudo quanto

M ii

Em

Em si o Mundo tem de monstros feros,  
 Eu tenho visto na comprida serie  
 Dos meus famosos, mas crueis trabalhos:  
 Depois de ter desafiado affeito  
 Mil atrevidas mortes; ter vencido  
 Lestrigões feros, barbaros Ciclopes,  
 Caribdes, e Sereas arriscadas;  
 Depois de sahir livre dos abyssos  
 De fundas ondas, de sertões salvagens;  
 Depois em fim de triunfar constante  
 Das graves sombras do medonho Averno,  
 Cuidando ser já tempo, em que me fosse  
 Mostrada a minha Patria, então conheço  
 Que para novos riscos sou guardado,  
 Pois não acabão, quando os homens cuidão.  
 Passando vou do Mundo estranhos Climas,  
 Novas Ilhas, incognitas arêas;  
 Depois de largos, e de incertos rumos,  
 Lá onde a terra acaba, e o mar começa,  
 Princípio dou á fundação, que o nome  
 Tem de Olissea, por memoria minha:  
 Dalli saio outra vez cortando os mares,  
 Guiado do desejo, e da esperança  
 De ver Itaca....

*Eumé.*

Mas Senhor! Eu pasmo  
 De maravilhas taes! Dai-me licença  
 Que eu tome a liberdade de pedir-vos  
 Narração mais inteira dessa nova  
 Cidade, que fundastes. Que Destinos  
 Vos fizeram tomar tamanha empreza?

*Olif-*

*Olisses.*

Eumé, posto que o tempo, e as circumstancias  
 Da triste situação, em que nos vemos,  
 O não permite, e nos será sensível  
 A perda de hum instante, eu vos resumo  
 Este grande successo. Navegava  
 O mar Tyrreno, quando me apparece  
 A sagrada Minerva; e reclinando  
 Airofamente o corpo sobre a lança,  
 Me diz: *Vai-te do Téjo á grão corrente,*  
*De par em par as portas Herculanias*  
*Eu te porei patentes; e assoprando*  
*Benignos ventos, te encherão as vélas:*  
*Alli os Deoses querem que tu sejas*  
*O grande Fundador de huma Cidade,*  
*Patria de altos Varões, que do alto assento*  
*Ainda estão por vir. Terá Monarcas*  
*Dignos herdeiros, dignos successores*  
*Da tua fama, e gloria. A quantas gentes*  
*Barbaras, e remotas gira, e banha*  
*O Nilo, e o Ganges, o Hydaspe, e o Indo,*  
*Porá com mão pezada hum duro freio.*  
*Terá varios Destinos, que costumão*  
*Encadear os tempos. Hum theatro*  
*Dos tragicos successos da Fortuna*  
*Será em fim; e as inelytas muralhas,*  
*Que vás erguer, Olisses, algum dia,*  
*Essas mesmas muralhas, arrazadas*  
*Por mão dos homens não, por mão dos Deoses,*  
*Por terra cabirão em pó desfeitas.*  
*Esta Troia feliz, que erguer te mandão,*

Não

Não ficará, como essa que abraçaste  
 Sepultada em si mesma. O braço forte  
 Do maior dos mortaes, a pouco, e pouco  
 Pela mão a erguerá d'entre as ruinas  
 De novo mais formosa; e virá tempo,  
 Que á sombra dos altíssimos Carvalhos  
 Sobre as margens auríferas do Téjo  
 A's pacíficas Leis, aos sãos costumes,  
 Gosfosos cantarão os seus Pastores  
 Devotos Psalmos, sacrosantos Hymnos.  
 Ditosas gerações da Lusa gente,  
 Que tão dourados tempos alcançarem!  
 Este famoso Heroe, este Homem grande,  
 Ao mesmo tempo Filho, e Pai da Patria,  
 Melhor Mecenas de mais alto Augusto,  
 As delicias fará dessa Cidade,  
 A quem porás o nome de Olissee  
 Em honra do teu nome. Disse; e logo  
 Espargio sobre nós Nectar Divino  
 Do meio dia os ventos assopravão  
 Favoraveis ás náos; e obediente,  
 Da belicosa Esperia discorrendo  
 As maritimas costas, entro alegre  
 Pela desconhecida fêz do Téjo.  
 A' Deosa erijo hum Templo, e nelle invoco  
 Sábias inspirações, que me ajudassem  
 A começar a empreza. Hum porto amigo  
 Ao principio encontrei: As gentes erão  
 De peirã, e trato humano; mas dispersas,  
 E quasi errantes pelo monte andavão:  
 Mal reparadas do rigor do tempo

Em

Em humildes cabanas, se entretinhão  
Em lutas, e exercicios vigorosos.  
Com minha pouca gente dou principio  
A' fabrica soberba; os muros crescem,  
Ruas se abrião, Praças se alargavão,  
Fervia a obra, e em toda a parte soão  
Os golpes dos machados, e as sonoras  
Roldanas, e carretas; mas tocado  
Gorgoris de ambição, e de ciúme  
Destá alta empresa, a gloria me disputa:  
Assustado temia, que eu pudesse  
Reinar na Lusitania. O nobre Adrasto  
Socorro me offrece; e eu acudindo  
A' guerra, e ao trabalho, a pezar della  
Via crescer a florecente planta,  
Que á custa do meu sangue dispuzera:  
Até que em fim ás minhas mãos acaba  
O atrevido Gorgoris. Vitoria,  
Vitoria por Olisses clamão todos:  
Mando erigir de transporte jaspe  
Hum soberbo padrão com esta letra:  
*Olissea, de Olisses, tome o nome:*  
*E Olisses, de Olissea, leva a gloria.*  
Manda-me a Deosa, que me parta, e siga  
O caminho de Itaca: Aos mares torno,  
Torno a ver os lugares, que deixára:  
De Corsire ao vizinho porto chego  
Quasi allagado: Offerecem me navios,  
O vento me ajudava; e desfraldando  
A véla, a todo o panno corro; e á vista  
Da suspirada Itaca chego; e tomão

As

As cabeças da Idra a renovar-se.  
 Apôs de huma tormenta, outra tormenta  
 Erão só dos meus olhos os objectos;  
 Não posso tomar porto; e impellido  
 Pela força dos ventos sobre as praias,  
 Sobre estas mesmas praias, que eu buscava  
 Ha tantos tempos, naufragando todos,  
 Escapo eu só por milagroso impulso  
 Da Deosa, que me ampara, e que me ordena,  
 A meu pezar, a minha vinda occulte.  
 E apparecer em tal estado posso  
 A' Rainhá! A meu filho! Não: Não devo,  
 Que a desgraça, em que estou, inda a teus olhos  
 Tem feito por teu Rey desconhecer-me;  
 Mas vê se ha corações, onde o meu nome  
 Inda imprimir se possa. Vê se acaso  
 Inda tenho vassallos, que me sigão:  
 Minha proxima vinda lhes promette;  
 Verei, Eumé, que idéas formar posso:  
 Tomarei meu conselho, que as fortunas  
 Humanas são falliveis; e no Mundo  
 Sempre vai alternando o tempo iroso  
 O bem co' mal, o gosto co' a tristeza;  
 Mas primeiro he preciso ouvir meu filho.  
 Dize-lhe, que tem gosto de fallar-lhe  
 Hum Estrangeiro, que chegou a Itaca;  
 Porém nem o temor, nem a esperança  
 Seja quem o conduza.

*Eumé.*

Vosso filho

Ha de vir logo ao quarto da Rainha,

Já

Já não pôde tardar... Mas elle chega.

*Oliffes.*

Oh suspirado instante! Oh vista amavel!  
Mas he preciso que de Pai o affecto  
Agora dissimule: De meu filho  
Não saberão ainda os poucos annos  
Manejar importantes interesses.

S C E N A III.

*Telemaco, Oliffes, e Eumé.*

*Eumé.*

**E** Ste illustre Estrangeiro, que vos manda  
O Ceo piedoso, acompanhou na guerra  
De Troia a vosso Pai: Elle só pôde  
Do Destino de Oliffes informar-vos:  
Credito deveis dar-lhe; e faz-se digno  
Do vosso amor, do vosso acolhimento.

*Telemaco.*

Bem. Illustre Estrangeiro, descrevei-me  
Desse Heroe as virtudes: Declarai-me  
Sua funesta morte.

*Oliffes.*

Inda respira

O grande Oliffes. Eu me persuadia  
Que já dentro de Itaca descansava.

*Telemaco.*

Oh Deoses immorçaes! Elle não vive  
Mais, que em nossa memoria. Quantas vezes  
Minha Mãi com as lagrimas nos olhos  
Suas acções heroicas me contava!

Def-

Desde os primeiros annos, costumado  
 A ouvir de seu nome o éco, e a Fama,  
 Cheio de assombro respeitava nelle  
 O mais perfeito, o maior Rey do Mundo:  
 Debalde os meus desejos me estimulão  
 A hobrear com elle. Do alto exemplo,  
 Que me deixou, eu vejo mui distante  
 A minha tenra, e froxa mocidade.  
 Ah se eu tivesse sido alimentado  
 Com seus sabios conselhos, eu fizera  
 Acções sómente dignas de seu filho!  
 E pôde ser que elle chegasse alegre  
 A ver por meu esforço n'algum dia  
 Os triunfos de Troia renovados;  
 Mas os Fados tyrannos, que o roubáráo,  
 Nem se quer derramar nos consentirão  
 Sobre o cadaver seu o nosso pranto.

*Olisses.*

Ah que a minha ternura já não pôde  
 Aqui dissimular-se! Que alegria!  
 Que gloria! Que vaidade não resulta  
 A vosso Pai, Senhor, vendo hum tal filho!  
 Não duvides que os Deoses inda possão  
 Trazello aos vossos olhos: Elle vive:  
 Vós o vereis bem cedo.

*Telemaco.*

Oh que suave,  
 Que occulta força me surprende, e encanta!  
 De vós tudo confio, tudo espero:  
 Não sei com que cadeias me ligastes  
 Todo o meu coração, toda a minha alma!

Sou

Sou obrigado a crer: já não resisto:  
 Esperai, se for certa esta noticia,  
 Esperai huma digna recompensa,  
 Igual ao bem, que o Ceo nos annuncia:  
 Não dilateis a minha Mãi o allívio.  
 Desta doce esperança, que só pôde  
 Nos tristes olhos enxugar-lhe o pranto.

*Eumé.*

Importa muito não fazer estrondo.

*Telemaco.*

Mas onde está o Rey? Dizei. Que tempo?...  
 Onde o deixastes?

*Oliffes.*

Só dizer-vos posso,  
 Que não ha muito tempo, que foi visto  
 Na Ilha de Corsire, e que ficava  
 Apressando a viagem para Itaca.

*Telemaco.*

O favoravel vento em paz o traga.  
 Queirão os Ceos!

*Eumé.*

Senhor, este Estrangeiro

Póde ser aos tyrannos suspeitofo,  
 De tudo desconfião. Nós devemos  
 Temer, e evitar qualquer violencia,  
 Que intente contra elle No meu quarto  
 Sem sussurro, ou suspeitas instruido  
 Sereis com mais socego; sobre o caso  
 Resolveremos com maduro acordo.

*Te-*

*Telemaco.*

Sim, já vos sigo: Ide esperar-me ambos. (1)  
 Mas ai de mim! A bella Ifise vejo,  
 E não posso fugir-lhe. Que forçoso  
 Encanto he este, que me prende, e arrasta!

## S C E N A IV.

*Ifise, e Telemaco.**Ifise.*

**P**Reveni o attentado, que prepara  
 O soberbo Antinois: Mostre-se ao povo  
 A Rainha, Senhor, e se declare:  
 Elle instiga meu Pai: Com' importunas  
 Razões elle o accusa: Elle o convence  
 De froxo, e de insensivel: Põe-lhe á vista  
 De huma esperança o manifesto engano:  
 Já de meu Pai no coração não cabe,  
 Já trasborda a paciencia. Da Fortuna,  
 Que ha tanto tempo espera, a segurança  
 Quer hoje da Rainha. Elle me manda  
 Que a busque, e que lhe falle: Vamos, vamos  
 Aprestar este prazo suspirado,  
 Que o povo junto em alta voz o pede.

*Telemaco.*

Justamente a Rainha o difficulta:  
 Ha razões invenciveis: Nem eu devo  
 O Regio alvedrio constrometer-lhe.

*Ifise.*

Porque, Senhor, Olliſes não he morto?

Que.

(1) *Vai-se Olliſes, e Eumé.*

Que razão tão contraria quebrar pôde  
 A promessa Real? Vós conseguistes  
 Não só render-lhe o animo obstinado,  
 Mas com a vossa vinda desejada  
 Espalhar sobre nós tanta alegria.  
 E fereis vós quem della nos separe?

*Telemaco.*

Crede, bella Princeza, que vos amo,  
 E que nunca amei tanto. Mas, Senhora  
 De si mesmo, a Rainha he só quem pôde  
 Deliberar; e de meu Pai a vinda  
 Permitti-lhe que espere, e que se veja  
 Se he verdade, que Olyfles inda vive;  
 Se os Deoses o livrarão; se inda querem  
 Restituillo em paz aos nossos olhos,

*Ifse.*

Inda desta esperança mentiroza  
 Vos deixais enganar? Inda cançado  
 Não estais de soffrer os impostores,  
 Que vos enganão, que nos lisonjeão  
 Com largas narrações, com vans promessas?  
 Inda fereis tão credulo, tão facil,  
 Que haja algum homem, que de vós abuse?  
 Por ventura será esse Estrangeiro,  
 Que chegou a Palacio? Já lhe observa  
 O furioso Antinois os movimentos:  
 Do abominavel crime da impostura  
 A pena lhe prepara; e os Deoses queirão  
 Que elle só seja a victima culpada,  
 Que vá ao sacrificio. Tudo sabem  
 Já os vossos contrarios: Submettidos

To-

Todos estão de suas Leis ao jugo:  
 Senhores de Palácio, vos preparão  
 Com sua fúria a morte: Em toda a parte  
 Sobre a vossa cabeça a mão levantão  
 De ferro, e fogo, e de furor armada.  
 Onde ireis esconder-vos da vingança  
 Do traidor Antinois? A' sua força  
 Não ajunteis mais força. A que ira ardente  
 Não levará meu Pai! Príncipe, ouvi-me:  
 Pensai melhor, que eu saberei calar-me.  
 Mas que infinitos males não prevejo  
 Com as vossas escusas! Que resposta  
 Tornarei a meu Pai? O meu receio  
 Já mal posso esconder. Ah triste Ifise!... (1)

## S C E N A V.

*Telemaco só.*

**A** H Princesa adoravel! Mas que fazes,  
 Telemaco imprudente? Já te esqueces  
 De que Ifise he do sangue de Eurimaco?  
 Como insensato o coração lhe entregas,  
 Quando contra seu Pai infurecido  
 Agora mais que nunca oppôr-te deves?  
 Que queres tu? Acaba, amor, acaba  
 De trazer a minha alma vacillante;  
 E ao ardor immortal dá minha gloria  
 Ajunta o teu ardor. Vê neste zelo  
 O teu rival, o teu maior tyranno,  
 Vê o unico author dos nossos males.

Ifi-

(1) Vai-se.

Iffe... Ah que eu a perco!... Inda suspira  
 O fraco coração, quando só deve  
 Salvar o Pai, e restaurar o Imperio!  
 Este victorioso está chegando:  
 Vós, tyrannos soberbos, a seus olhos  
 De medo tremereis, fugireis todos.  
 Mas, Deoses immortaes! Que acolhimento  
 Daremos a meu Pai? Este Monarca,  
 Que deixou seus estados florecentes,  
 Poderá vello suspirar debaixo  
 De hum jugo vergonhoso? Ah filho indigno!  
 Não devo ter eu mesmo em todo o tempo  
 Feliz imitador da sua gloria,  
 De seu valor? E contra os inimigos  
 Prevenir-lhe os triunfos? Eu não devo  
 Com seu sangue tingir estes ribeiros,  
 Salpicar estas margens? Vamos, vamos  
 Offrecer á Rainha esta esperança:  
 Consultemos Eumé: Em fim tornemos  
 A ver, a perguntar este Estrangeiro.



# ACTO QUARTO

S. C. E. N. A. I.

*Penelope, e Ericlea.*

*Ericlea.*

**S**enhora, ainda o Príncipe assegura  
Tudo o que vos tem dito. Os vossos males  
Diz que se acabão, porque vive *Olisses*;  
Que bem depressa tornareis a vello;  
Mas á vossa presença vir não pôde  
Este illustre Estrangeiro, que o promete,  
Porque está com o Príncipe fechado  
No aposento de *Eumé*.

*Penelope.*

Com tudo, quero  
Fallar com elle mesmo, e informar-me.  
Em fim, que venha logo.

*Ericlea.*

Não se deve  
Fazer por ora hum perigoso estrondo:  
Póde fallar-vos sim, mas em segredo:  
Vede que os nossos tímidos contrarios  
De tudo desconfião, tudo temem.

*Penelope.*

Previna-se o remedio, ao seu ultraje:  
Poderá ser que *Olisses* sem apoio  
Sobre praias estranhas, hoje mesmo

Corra (piedosos Ceos!) Ignat fortuna;  
 Mas depois de mil vezes enganada  
 Por noticias apocryfas, de novo,  
 Inda credito dou a hum Estrangeiro?  
 Verei o meu Olisses? Grandes Deoses!  
 Eu vou por elle sobre as vossas Aras  
 Fazer queimar o mais devoto incenso:  
 Eu lhe farei mil queixas em chegando  
 Dos grandes sustos, que me tem causado;  
 De que nos seus projectos arriscasse  
 Huma vida, que he minha, e não he sua:  
 Desta fecunda bocca, amado Olisses!  
 Tu me verás prender, quando contares  
 Tantos heroicos feitos; e entre abalos  
 Inda de gosto, e de temor, ouvindo  
 As bem representadas aventuras  
 De reus passados riscos, farei delles  
 O mais doce prazer. Mas que desculpas  
 Tu me darás de tão comprida ausencia,  
 Que no meu tetno coração tem feito  
 Tão justas, tão trueis desconfianças?  
 Mas torna, amado esposo, que os meus males  
 Todos serão contentes, se inda vives.  
 Que estranho, que interior contentamento  
 Eu sinto agora, que não senti nunca,  
 Depois que se apartou! Já me parece  
 Que os ventos a meus olhos o conduzem;  
 Que já ao longe sobre as ondas vejo,  
 E distingo o seu vulto; mas quem sabe  
 Se he isto hum bem sonhado, que o desejo  
 Me finge na esperança; e de repente

Tom. II.

N

De-

Decipado de todo em novos males,  
Acabarei a vida! Seus contrarios...  
Mas oh Ceos! Elles chegaram.

SCENA II.

*Eurimaco, e Penelope.*

*Eurimaco.*

**N**ão he tempo,  
Senhora, de pôr termo á vossa escolha?  
Nem que temer, nem que esperar já tendes,  
O Principe he chegado: Olisses morto:  
Satisfeito o meu gosto, eu vos seguro  
De vosso filho a sorte: O doce laço  
Desta união já toda a Corte o pede.

*Penelope.*

Ha outra Lei mais forte, que o defende.

*Eurimaco.*

Mais forte! Eu não descubro, hum só motivo,  
Que a vossa decisão demorar possa.  
Que peregrino he este disfarçado,  
Que está com vosso filho? Será este,  
Que talvez, com segredo, e artificio  
Anda espalhando com submissas vozes,  
Que vive Olisses, que esperar se deve?

*Penelope.*

Eu, Senhor, nada sei deste Estrangeiro;  
Mas desprezar, por ora não se deve  
De todo este rumor.

*Eus*

*Eurimaco.*

Sabei, Senhora,  
Que eu instruído estou bastante,  
Este Estrangeiro, que se diz chegada  
Da Ilha de Córfire, vem acaso  
Inda de Odisses desmentir a morte?  
Que vós lhe não dais credito supponho;  
Mas inda vós procurareis desculpas  
Para a demora de huma justa escolha  
Unicamente a meu amor devida?

*Penelope.*

Bem pôde a minha escolha retardar-se  
Por alguns dias mais, Senhor: Vejamos  
O fuzillo espalhado, em que se funda.

*Eurimaco.*

Ah que vós fôis sem dúvida inventora  
Destas noticias vans, destas quimeras  
Tão pouco verosmeis. São pretextos  
Para dourar a québra vergonhosa  
Da fé, e da palavra: A vossa industria  
Comigo em vão trabalha: Nada pôde:  
De todo está perdido o soffrimento:  
Na minha alma abrazada só dominão  
Os incendios da colera: Por certo  
Que por tantas demoras insoffríveis,  
Tantos suspiros, tantas amarguras,  
Eu merecia, ao menos por piedade,  
Mais feliz recompensa. Mas ingrata!  
Punirei vosso indigno fingimento:  
Vosso cruel repudio me constrange  
A ser cruel por força: Esse artificio,

N ii

Que

Que de novo buscais ; não , não demora ,  
 Accelera inda mais este conforcio :  
 Eu sou Senhor , eu mando , e he preciso  
 Que hoje mesmo daqui ao Templo vamos.

*Penelope.*

Piedosos Ceos ! Que extremos de injustiça !  
 Ah barbaro Eurimaco ! Que pretende  
 O teu cego poder ? Cuidas que devo  
 Prezar tão pouco a gloria do meu nome ? ...

*Eurimaco.*

Afsás que ha muito tempo a vossa gloria  
 Das minhas etheis dores se alimenta :  
 Afsás que ha muito tempo os Gregos todos  
 Sabem , que as minhas sujeições provocão  
 Mais os vossos desprezos : que a constancia ,  
 Com que os soffri até agora , inda soprata  
 Mais a vossa vaidade ; em fim triunfe  
 De huma vez a violencia da brandura.

*Penelope.*

Sedo hum Heroe verás , que me defenda ,  
 Ou vingue a minha morte : Sim , Oliffes...  
 Não estremeces , só de ouvir-lhe o nome ?  
 Elle vem castigar os teus delictos.  
 Tu , fraco ! Que dormias no descanso  
 De hum ocio vil , quando elle peleijava  
 Péla honra da Grecia , vencer podes.  
 Hum coração , onde este Heroe só reina ?  
 Vai , temerario , para Samos foge.

*Eurimaco.*

De que vos aproveita invocar hoje  
 O nome vão de Oliffes fraudulento ,

Tão

Tão odioso aos Deoses, que irritados  
 Nem se quer consentirão que espirasse  
 Entre os braços dos seus heroicamente  
 Sobre os campos de Troia! Sobre as praias  
 De alguma Ilha incognita, e deserta,  
 Ou no fundo das aguas, he que pôde  
 Achar o seu sepulcro: Confundi-vos  
 Já de lisonjear-vos de huma vinda  
 Sómente imaginaria: Crede embora  
 Que Olisses não morreo. E que juizo  
 Fazeis, Senhora, de tão longa ausencia,  
 Mais que hum esquecimento, huma inconstancia?  
 Vós não sabeis que da formosa Circe  
 Ferido Olisses, suspirara amante?  
 E depois que a deixou, quem vos segura  
 Que alguma nova Circe não pudesse  
 Encantar este Esposo fementido?  
 Se algum indigno amor não prendesse  
 Por lá que estranho caso o deteria,  
 Que a fama não dissesse! Mas, Senhora,  
 Por todos se confirma a sua morte:  
 Inutilmente aqui não confundamos  
 O tempo em váos discursos: Nós sabemos  
 Que hum d'um naufragio consumio seus dias  
 E se o vosso impostor inda se atreve  
 A desmentir noticias tao seguras,  
 Eu o farei no meio dos tormentos  
 Confessar a verdade: Eu vos seguro  
 Que as vossas vans promessas s'ima, e paguei  
 Sim, se vos recusais as minhas nupcias  
 Em vosso mesmo filho executado,

(9)

O meu odio vereis: Não: Mais piedade?  
 Não espercis de mim, o vosso pranto  
 A meus pés cahirá inutilmente:  
 Eu já o vosso gosto não consulto:  
 Eu mesmo arrancarei das mãos da Sorte  
 Este premio feliz, que se me deve;  
 Se isto não for amor, será vingança. (1)

## S C E N A III.

*Penelope, e Ericlea.*

*Penelope.*

AH querida Ericlea! Eu bem temia  
 Ser a minha esperança pouco estavel:  
 Deste hymineo indigno ameaçada  
 Eu me vejo de novo: Esse tyrantio  
 Já lançou sobre esta mortal sentença;  
 E accendeo com suspeitas na minha alma  
 O fogo do ciume.

*Ericlea.*

Não he tempo,  
 Senhora, deffas lagrimas inuteis!

*Penelope.*

Ah que elle diz, que Ciro e Idalvea  
 Com suaves cadeias, Grandes Deuses?  
 Já eu lhe esquecerei? Será possível  
 Que Oliffes me abandone, e que me deixe  
 Batalhar só c'os males, que me cercão?  
 Não tem nelles do que eu ainda mais parte?  
 E não vou eu morrer por hum tyrantio?

(1) Vai-se.

Inda quando a Fortuna o constrangesse  
 A entrar no seio dos sertões medonhos,  
 Que o Oceano mar de nós aparta...  
 Lá nesses termos ultimos do Mundo,  
 Se amasse quanto deve a mim, que o amo,  
 O seu esforço, e o seu amor teria  
 Forçado o mar, vencido as tempestades:  
 Provera aos Deoses, que eu soubesse aonde  
 A sorte occulta o meu querido Olifés:  
 Já me terião visto sobre a terra,  
 Sobre as ondas voar, correr mil vezes,  
 Mil vezes os limites do Universo.

## S C E N A IV.

*Penelope, Telemaco, e Eriçlea.*

*Telemaco.*

JÁ por informes finalmente dignos  
 De toda a fé, Senhora, nós sabemos  
 Qual he do Rey a Sorte venturosa.  
 Elle em Corfiro está: Huma Princesa,  
 Cujó merecimento esclarecido  
 Toda a Grecia conhece, de hum naufragio  
 A vida lhe salvou. Promptos remedios  
 A seus males prepara, em seu soccorro  
 O mesmo Rei seu Pai interessando,  
 A Corte de Alcinois o estima; e aia;  
 E só espera o dia assinalado  
 Para a tua partida; e os seus navios....

*Penelope.*

Meu filho! Elle virá; mas virá tarde;

De

De hum funesto hymineo com toda a pressa  
 Ao sacrificio vou. Por hum tyranno  
 Condemnada a morrer, eu já não posso  
 Ter o prazer de vello; mas eu morro,  
 Dando sinaes do meu amor eterno:  
 Querido filho! Eu não terei o gosto  
 (Unico gosto, que só ter podia):  
 De o ver entrar aqui cheio de glória,  
 Fiel, e generoso, rodeado  
 De famosos triunfos! Bens tão doces  
 Só vós desfrutareis. O meu Esposo  
 Nunca mais me verá; e vós, meu filho,  
 Olhai por vós. Dos nossos adversarios  
 Confundi os projectos, consultando  
 C'o sabio Eumé o modo mais prudente  
 Para evitar de seu rancor as iras.

*Telemaco.*

Olisses bem depressa será visto.

*Penelope.*

Fazel-me ver somente esse Estrangeiro:  
 Eu quero perguntallo: Este refugio  
 Permitir se me deve, antes que a morte...

*Telemaco.*

Senhora,...

*Penelope.*

O meu Destino não permite...  
 Mas ide; Eu vos espero... em fim, trazei-o. (1)

(1) Vai-se.

S. C. E.

## S C E N A V:

*Telemaco, e Eriçlea.**Telemaco.*

**A**H que perturbação! Oh grandes Deoses!  
*Eriçlea.*

Salvemos a Rainha; e procuremos  
 Algum prompto remedio a seus desgostos:  
 Ide: Ide, Senhor. Com Eurimaco  
 Empenhai vossa esforço: Suspendei-lhe  
 A execução das barbaras idéas:  
 Implorai o soccorro da Princeza:  
 De Antinois demorai a ardente furia;  
 E se quereis embaraçar-lhe a morte,  
 Trazei-lhe esse Estrangeiro, que lhe affirma:  
 Que Olisses inda vive; que hoje mesmo  
 Sobre estas praias descera contente  
 A soccorrella... Tempo não se perca. (1)

## S C E N A VI.

*Telemaco só.*

**A** Que estado não somos reduzidos!  
 Sepultada nos seus mortaes desgostos,  
 Eu vejo minha Mãi. Este consorcio  
 Então se apréssa, quando espera Olisses.  
 Tyrannos! Basta já de soffrimento:  
 Hoje devo morrer, ou castigavos...  
 Da minha justa colera os furores...

(1) Vai-se.

S C E -

## S C E N A VII.

*Oliffes, Telemaco, e Eumé.**Oliffes.*

**P** Ríncipe, humda noticia perigosa  
 Me obriga a procurar-vos: O tyranno  
 Renova os ameaços: Neste dia  
 Se prescreve á Rainha a Lei violenta  
 De hum hymineo, indigno a vós, e a ella:  
 Attenção contra vós: Importa muito  
 Passar as ordens, prevenir os meos:

*Telemaco.*

Sim. Estou resoltio a castigallos:  
 Quer morrer a Rainha. O triste pranto,  
 Em que fica banhada, me penetra  
 Todo o meu coração. Eu não escuro  
 Mais do que o meu furor desesperado:  
 Ao menos em morrer faço o que devo.  
 Desleal Antinois! Eu fim me perco,  
 Porém ambos a vida acabaremos.

*Oliffes.*

Contra os vossos tyrannos inimigos  
 Eu offrecer-vos o meu braço venho:  
 Devo ou perder a vida, ou dar-lhe a morte.  
 Basta de soffrimento. . . . Sem castigo  
 Não fique o seu orgulho: O Ceo parece  
 Que o tempo apressar quer desta vingança:  
 Elle me falla: Escuro os seus conselhos.

*Telemaco.*

-De tão alto projecto, oh grandes Deoses!

Quaes

Quaes serão os preparos! Que motivo  
 A perder-vos por nós vos persuade?  
 Vós por hum cego acaso da Fortuna,  
 Que vos lançou aqui! Vós Estrangeiro!...  
 Ah! Ide procurar mais feliz sorte:  
 Deixar-nos sentir só os nossos males,  
 Que para nós sómente se fizeram.  
 Parti; e se os Destinos vos levarem  
 Outra vez a Corsica, e então puderes  
 Tornar a ver meu grande Pai; dizei-lhe...  
 Que a pesar das desgraças, que me cercão,  
 Inda me lembro de que sou seu filho;  
 E que até dando os ultimos alentos,  
 Mostrarei de qual sangue generoso  
 Nasce Ollisses, procede Telemaco.

*Ollisses.*

He tempo em fim, Senhor, de descobrir-vos  
 Os meus designios todos, e ajustarmos  
 Os nossos corações: As mãos nos demos:  
 Eu venho suspender a accelerada  
 Carreira das desgraças, que vos seguem;  
 Antes que tomem nova força, a nossa  
 Unica salvação, he de repente  
 Atacar os tyrannos: Declarai-vos  
 Com os vossos amigos: A seus olhos  
 Co'as mais subidas cores da verdade  
 Retratai-lhe a razão, pintai-lhe a gloria;  
 E dizei-lhe, que Ollisses neste instante  
 Se fará conhecer: Os usurpados  
 Direitos vossos recobrai; que os feros  
 Inimigos da paz, dê hum mortal golpe

Aos

Aos pés vos cahiráo, e entre os descuidos  
 Dessa esperança vã, de todos elles  
 A mais justa vingança tomaremos.

*Telemaco.*

Santo designio! Zelo incomparavel!  
 Do Ceo nos sois mandado por expressa  
 Disposição dos Deoses; Vós sois mesmo  
 Como hum Deos Tutelar: Vós fereis hoje  
 Meu Pai, meu defensor: De homem terreno  
 Esse aspecto não he: Elle annuncia  
 O mais ditoso termo á minha Sorte

*Oliffes.*

A tão doce transporte já não posso,  
 Não posso resistir: Toda a minha alma  
 Penetrada de gozto abrir se sente  
 De huns impulsos suaves. Ah meu filho!  
 Meu suspirado filho! Nestes braços  
 Dão fim o vosso engano, e os meus disfarces;  
 Conhecei vosso Pai; mas vós ficastes  
 Inda no berço, quando eu fui de Itaca.

*Euné.*

Sim, Senhor, este he o Rey...

*Telemaco.*

Como he possivel,  
 Ah meu Pai! que eu vos veja? Na garganta  
 As truncadas palavras se me pégão.  
 Mas meu Pai dessa sorte, neste estado,  
 Quem podia esperar-vos?

*Oliffes.*

Este estado  
 Não deve surpreender-vos. N'um instante,

Se

Se he vontade dos Deoses, nós podemos  
 Do mais erguido monte da Fortuna  
 Cahit no baixo valle da miseria.  
 Eu sou, depois de hum misero naufragio,  
 Dos companheiros meus, unico resto:  
 Nestas praias incognito devia  
 Sómente apparecer, proporcionando  
 Este meio conforme a meus trabalhos.  
 Mas vós, e vossa Mãi, que amargo pranto  
 Me não tendes custado!... Em que pezares  
 Se não vio a minha alma submergida!...  
 Ah meu filho, eu vos vejo! Neste instante  
 Só me lembro de vós, delles me esqueço.

*Telemaco.*

Ah Senhor! Ah meu Pai! Ah que alegria!  
 Raro favor dos Ceos! Ouvidos rogos!  
 Nesta Ventura apenas me conheço.  
 Mas ai! Vossos trabalhos se acabaráo?...  
 Eu sei, que hum sabio inteiro soffrimento  
 Guia vosso valor reconhecido  
 Por todos os mortaes. Sei quantas vezes  
 Buscou o vosso espirito guerreiro  
 De proposito empresas arriscadas.  
 Mas, Senhor, esta empresa he mais que todas  
 As empresas passadas: Vossa perda  
 He quasi neste sitio inevitavel.  
 Logo que estes tyrannos possão ver-vos,  
 Vereis juntar-se contra a vossa vida  
 Tropa estranha, vassallos rebelados:  
 Fugi, Senhor, a tantas mãos contrarias,  
 Que he indigno de vós este perigo;

E

E sem expôr a vossa vida amavel  
 Aos sacrilegos golpes, he preciso  
 Que armando em vosso nome toda a Grecia;  
 Sobre estes infirios cahindo, estalem  
 Os fulminantes raios da vingança.

*Oliffes.*

Não, meu filho. He preciso que hoje mesmo  
 Ou me perca, ou me vingue: Estes instantes  
 Preciosos são, aproveitállos vãos:  
 Ide: Ajuntai; mas sem fazer estrondo,  
 Esses nobres mancebos, cujo esforço  
 Sei, que a favor da Patria se interessa,  
 Já Mentor, Halimercio; Phileticio  
 Seguem nosso partido; e avifados  
 Dê minha vinda por Eumé já forão.

*Telemaco.*

Mas que podem fazer? Hum povo mole,  
 Inerme, e dos tyrannos seduzido  
 Querera por ventura neste assalto  
 Dar a vida por vós, se for preciso?  
 Querera por Senhor reconhecer-vos?  
 Mas, meu Pai, a Rainha acaba, espira:  
 Só vós podeis livralla deste aperto:  
 Correi, correi, a vella. Pouco importa  
 Que combata por ella o vosso braço,  
 Se a vida perder por deixar de ver-vos.

*Oliffes.*

Ah, que o meu coração arder se sente  
 Por hum tão doce objecto? Sim, hu tempo  
 Que me falte o espirito, se a vejo;  
 Não poderei vencer-me. Podem muito

De

De hum Esposo as ternuras; e he preciso  
 Fugir de que ellas possam delectar-me,  
 Os meus olhos, e os seus... de ambos o pranto,  
 Ah! Dirão tudo, sem querer dizello:  
 Basta que a salve; e vós buscai, meu filho,  
 De a consolar, os melos mais suaves.  
 He preciso que ás portas de Palacio  
 Tornemos a ajuntar-nos: Buscaremos  
 Proporcionado tempo á nossa empreza:  
 Tudo nos favorece; o dia, os jogos,  
 E o tumulto da Corte. Sim, meu filho,  
 Prudencia com valor, vencerão sempre  
 As mais fortes desgraças: Apressai-vos,  
 Que logo todos tres seremos juntos.

S. C. E. N. A. VIII.

*Olifses, e Eumé.*

*Olifses.*

**J**Á do nosso mais alto precipicio  
 Tocámos, a fatal extremidade  
 Encubrir-vos não posso; inda que eu queira  
 O meu justo receio. Eu vos infuso  
 Ainda huma esperança, que não tenho.  
 Entre os braços dos meus o peito exponho  
 Aos tiros da Fortuna descubro;  
 E no meio da Patria, sim, na centro  
 Do meu proprio Palacio a infusta Sorte  
 Do triste Agamemnon ferozmente espero.  
 Mas que digo! Será o meu Destino

(A) Vai-se.

207 PENELOPE TRAGEDIA.

Ainda, mais cruel: Eu vejo, e vejo  
 Hum a Esposa adoravel: Hum a Esposa  
 Digna do meu amor. Quando eu podia  
 Ser venturoso, bruto comigo acabou.  
 O Pai, a Esposa, o filho, tudo perco;  
 Mas fignos a Sorte. Vinde

*Eunice.*

Os nossos inimigos se apercebem.

*Olisses.*

Eu vou reconhecellos; e dispoño  
 A occasiã, e o futo, cuidaremos  
 No modo mais seguro de atacallos:  
 Segui-me, que o meu animo recobra  
 O seu valor, o seu socego antigo.  
 Eu não tenho perdido tantas vezes  
 Emprezas muito mais difficultas?  
 Quando na immunda, na medonha cova  
 Do bruto Polifemo, á minha vista,  
 Pelas nervosas mãos fanguinolentas  
 Despedaçados os meus locios forão,  
 Vendo pendente por hum fio a vida,  
 Não escapei trinfante? Castigando  
 De hum só golpe mortal tão mortaes golpes?  
 Porém contra qualquer Destino, ou Sorte,  
 Que pelo Ceo me esteja reservado,  
 Grande Minerva! Sábia Protectora!  
 Desce: Vem ajudar-me. Em meu espirito  
 De novo infue; Sustenta-me este braço:  
 Accende em mim aquelle fogo heroico  
 De zelo, e de vingança, que algum dia

Me

Me fez triunfar dessa soberba Troia ;  
 E se a minha desgraça puder tanto ,  
 Que em fim deva ceder-lhe , faze ao menos  
 Que me coroe de huma morte honrada.



## ACTO QUINTO

### SCENA I.

*Penelope, Eumê, e Eticlea.*

*Eumê.*

**O** H Ceos ! Onde correis precipitada ?  
 Com que motivo ; com que impaciencia  
 Quereis vós mesmo destruir as nossas  
 Felices esperanças ? Ah Senhora !  
 Detende-vos hum pouco ...

*Penelope.*

Em vãos discursos

O tempo não gasteis : Esse Estrangeiro  
 Quero ver : Sei que está no vosso quarto :  
 Lá mesmo vou fallar-lhe : A' vossa instancia  
 Nem mais hum só instante attender quero.  
 Porque a fallar-me se resiste tanto ? ...  
 Eumê , dizei-me : Que mysterio he este ?

*Eumê.*

Por vós mesmo , Senhora , neste instante  
 O seu zelo trabalha : O seu desejo ...

*Penelope.*

Eu não pretendo que elle exponha a vida:  
 Longe de me tentar com vans quiméras,  
 Quero só que falle, e deste porto  
 Se retire depois.

*Eumé.*

Senhora, crede  
 Que a mão benigna do Destino pôde  
 Restituir-vos hoje o vosso Odisseu.

*Penelope.*

Por este vasto mar estendo a vista  
 De meus faudosos, meus cançados olhos;  
 Com elles vou, e venho; as ondas corro,  
 E de ver não acabo o meu Esposo:  
 Eumé, virá; mas virá tarde Odisseu:  
 Já mui perto de mim vejo da Morte  
 O pallido semblante; e para ella,  
 Qual paciente ovelha, nie preparo:  
 Odisseu me abandona, assim o julgo,  
 De occultar-se de mim esse Estrangeiro:  
 Que he vivo o meu Esposo, me segura;  
 O mais, querido Eumé, de mim esconde:  
 Não se atreve a dizer-mo, receando  
 De acrescentar, talvez, os meus tormentos.

*Eumé.*

Vosso Esposo he fiel: Poucos instantes,  
 Senhora, passaráo, que esse Estrangeiro  
 Não ponha termo a vossos váos temores.

*Penelope.*

Quanto mais o escondeis da minha vista,  
 O desejo de vello-mais se accende.

Sim,

Sim, eu quero fallar-lhe: Já superfluas  
São as vossas escusas: Se elle tarda,  
Hum instante sequer, não torna a ver-me:  
A huma Rainha, que morrendo implora,  
Já he muito esperar: Venha o Estrangeiro.

*Eumé.*

Oh que extremo cruel! Será preciso  
Avisallo da vossa impaciencia:  
Elle ha de obedecer, eu vou buscallo;  
Mas evitai que público se faça.  
Preveni-vos, Senhora, de constancia  
Para esconder os naturaes transportes,  
Que turbarão vossa alma: Moderai-vos...

*Penelope.*

Fazei que os meus desejos satisfaça:  
Ide, apressai-vos: Venha, ou vou buscallo.

*Eumé.*

Vós o quereis assim... virá fallar-vos. (1)

## S C E N A II.

*Penelope, e Ericlea.*

*Penelope.*

**I**nsensível Olisses! Algum dia,  
Condoído talvez do meu tormento,  
Tu te arrependerás. Dentro em Corfire,  
Bem longe do que eu passo, não se atreve  
A deixar as delicias, que o encantão.  
Lembra-te de que eu morro? Tem cuidado  
Ao menos de informar-me, que ainda vivo?

O ii

Que

(1) Vai-se.

Que tem amor? E que esperar o devo?  
 Ah! Que este ingrato, se de mim me lembra,  
 Será para abusar da fé devida  
 A' minha exemplarissima constancia!  
 De huma Esposa fiel zomba, e se esquece  
 Entre novos cuidados: O meu pranto,  
 Os meus suspiros, e os meus ais augmentão  
 O seu doce prazer: Em mim os dias  
 São seculos de pena, e nelle os annos  
 São momentos de gosto: Ao mesmo tempo  
 Tão contrarios affectos nos defunem,  
 Tão pequena distancia nos separa.

*Ericlea.*

Porque accusais, Senhora, o vosso Esposo,  
 Quando torna fiel aos vossos braços?

*Penelope.*

Ai, Ericlea, que me enganão todos!  
 Já nelles estaria, se outros laços  
 De amor o não prendessem. Sim, Oliffes!  
 Teu Pai quasi que éspira de tristeza,  
 Mais que do pezo da cruel velhice:  
 Tua Mãi desgraçada, ouvindo apenas  
 Tua perda fatal, entre os meus braços  
 Quasi desfalecidos, encostando  
 Sobre este peito a languida cabeça,  
 Perdeo a triste vida. A tua ausencia  
 Arruinou Itaca; mas teu filho,  
 O teu unico filho! O virtuoso,  
 O amavel Telemaco, que hoje perde  
 O throno, e a vida, este filho ao menos  
 Obrigar-te pudera: Tu devias

Vol-

Voltar a soccorrello; a conduzillo  
 Pelos caminhos asperos da gloria,  
 Que os Reys heroicamente seguir devem.  
 Injusto Pai! São estas as virtudes,  
 As acções de hum Heroe, que tu lhe inspiras?  
 A mim se me desprezas, porque julgas  
 Que me tem feito a idade menos bella  
 Do que tu me deixaste? Ah charo Esposo!  
 Lembre-te que as faudades ajudarão  
 A consumir meus dias: Não te esqueção  
 Aquelle pranto, aquelles juramentos, ...  
 Em fim aquellas ultimas palavras,  
 Que mal pude dizer.. quando a Fortuna  
 Te arrancou de meus braços; Reconhece...  
 Porém esse Estrangeiro!...

*Ericlea.*

Elle já chega.

*Penelope.*

Deixai-me só por só fallar com elle,  
 E cuidai em que alguém nos não perturbe. (1)

### SCENA III.

*Oliffes, e Penelope.*

*Oliffes.*

**O**nde me conduzis, Deoses supremos?  
 De susto immovel a minha alma sinto!  
 Neste estado em que estou, á sua vista  
 Como apparecerei?

*Pe.*

(1) *Vai-se Ericlea.*

*Penelope.*

Vinde, chegai-vos,

Dizei-me: Vive Olfes? Na memoria

Ainda me conserva? Tem fallado

De mim alguma vez? Quando vem elle?

Seria seu desejo, que escondendo

De mim, que inda vivia, em tantas penas

Submergida acabasse? Como d'antes

Já me não ama?

*Olfes.*

Oh Ceos! O vosso Esposo

A ninguem ama, nem amar podia

Mais do que a vós sómente. Socegai-vos:

De hum amor tão fiel, tão verdadeiro

Vereis a duração, vereis a prova.

*Penelope.*

Deoses! Que sinto em mim? Oh que suave,

Que penetrante voz! O meu Olfes

Affim he que algum dia me fallava!

Que doce encanto a minha dor suspende!

Quanto mais vejo... quanto mais reparo...

Mais... Ah Senhor! Sois vós o meu amado?

Sois vós o meu Olfes? Sois vós mesmo?

*Olfes.*

Eu sou, Senhora, o mesmo: Este he o Esposo

Feliz, que vos adora: He este o mesmo

Que tantas afflicções vos tem custado.

*Penelope.*

Tanta ventura comprender não posso.

Isto será verdade? Inda receio

Que os meus olhos me enganem. Sim; Duvido...

Mas

Mas não! Vós sois o mesmo. Aquelle estranho  
Presentimento occulto da minha alma  
Não podia enganar-me: O meu espirito  
Do erro acautelado, em fim cubertos  
Meus tristes olhos da pezada nuvem  
De tão continuas lagrimas; perdêrão  
O seu perfeito uso. Amado *Olisses!*...

*Olisses.*

Doce Esposa! *Penelope* querida!...

*Penelope.*

Ditoso dia!

*Olisses.*

Instante venturoso!

*Penelope.*

Mas porque retardastes a meus desejos  
Tão suspirada vinda? Conhecendo  
O meu temor, a minha impaciencia;  
Espirando eu por vós? Como pudestes  
Em tão pouca distancia nestes sitios,  
Neste mesmo Palacio tantas horas  
A meus saudosos olhos esconder-vos?  
Vós, Senhor, suspirais? Ah quanto temo  
Que esses suspiros triste annúncio sejam!  
Vós só!... Lançado ao impeto das ondas  
Nas vossas mesmas praias... Esta vinda  
Inopinada os Deuses não quizerão.  
Mais que para entregar-vos neste dia  
A's mãos infames de inimigo vossos.  
Ah, fujamos, Senhor, destes tyrannos:  
São menos ferozes os Leões, e as Tigres,  
Os inconstantes mares, mais seguros:

Vin-

Vinda imprudente! Temerario arrojo!  
 Ah! Para que viestes? Melhor fora  
 Perder a gloria de tornar a ver-vos.

*Oliffes.*

Tornai a vós, Senhora. A minha vista  
 Em vez de moderar, não atrevescente  
 As vossas afflicções: Entre esses duros,  
 Tão diversos trabalhos, que hei soffrido,  
 Unicamente foi a vossa ausencia!  
 Quem me fez suspirar: Se me não virão  
 Ceder aos golpes da cruel Fortuna,  
 Dos elementos, dos oppostos Deoses;  
 Se os mares contrastei, que separavão  
 Os meus dos vossos olhos, foi somente  
 Para tornar a veltos, e entregar-vos  
 De novo a hum coração, que só he vosso,  
 Adoravel Esposa, o vosso pranto  
 Quando deve cessar, não se renove.

*Penelope.*

E eu como vos vejo! Eu não descubro  
 Mais do que as sombras da tectivel morte,  
 Que nos rodeão,

*Oliffes.*

Neste grande dia

Eu venho terminar as vossas penas:  
 Vereis ficar os inimigos vossos!  
 Todos vencidos, quando vós vingada.  
 Da nossa Sorte, os Deoses querem hoje  
 O termo decidir. Eu mesmo espero  
 Que da vossa alma heroica, respeltando  
 As sublimes virtudes, quaes raios

Con-

Contra nós até agora árremeçarão,  
 Da mão lhes caíão, e se voltem todos  
 Contra os nossos crucis perseguidores,  
 Nos Celestes soccorros confiemos.  
 Porém, Senhora, muito me interneece  
 O vosso pranto, quando devo armar-me  
 De hum novo ardor, de hum animo invencivel:  
 Deixai que eu corra...

*Penelope.*

A ir buscar a morte?

*Oliffes.*

Vou defender-vos.

*Penelope.*

E eu acompanhar-vos.

*Oliffes.*

Bem quecia esconder-me aos vossos olhos,  
 Elles são os contrarios, que eu mais temo:  
 As vossas afflicções, o vosso pranto  
 Me farão conhecer. Esses tyrannos  
 Pelos vossos clamores avisados  
 Podem-se prevenir. A Deos, eu parto...  
 Mas que posso eu dizer-vos? Penetrado  
 Desses afflictos ais, tremo, e suspiro;  
 Nem ficar devo, nem partir-me posso...  
 Mas: não he tempo: Eu parto a defender-vos.

*Penelope.*

Sejão, ou não os Deoses compassivos,  
 Havemos ser já agora iguaes na Sorte:  
 Será talvez comigo menos dura,  
 Levando a gloria de morrer convosco:  
 Eu não vos deixo.

*Oliffes.*

*Olisses.*

Que fazeis, Senhora!n  
 Attendei, esperai, que eu já vos busco. (v)

*Penelope.*

Ah! que se vai perder. Vamos com elle.

S. C. E. N. A IV.

*Eurimaco, Penelope, e Ericlea.*

*Ericlea.*

**D**As vossas ansias reprimi, Senhora,  
 Tão extrema violencia. Olhai que chega  
 O tyranno Eurimaco.

*Eurimaco.*

O impostor foge,  
 Sómente por não ver-me: Em vão procura  
 Moderar a colerica vingança,  
 Que me ferve no peito: Eu desejava  
 Diante de vós mesmo convencello.  
 Inda este lance eu esperar podia!  
 Julgais talvez por certa essa noticia,  
 Que espalhou entre nós esse Estrangeiro?  
 Vós o credes?

*Penelope.*

Senhor, creio a verdade:  
 O meu Olisses vive.

*Eurimaco.*

Eu o desejo:  
 Os Deoses o permitão: Mais sensivel  
 Lhe será do meu odio, se inda vive;

(v) Vai-se.

A sua confusão, a sua affronta,  
 Tudo será materia gloriosa  
 Para a minha Fortuna: Sim desejo  
 Que elle me veja dominando Itaca,  
 Pacífico Senhor dos seus direitos.  
 Com vergonhosos, com pezados ferros  
 Em perpetua prizão verá seu filho:  
 Verá seu povo ás minhas Leis sujeito:  
 Triunfarei á vista dos seus olhos;  
 E quando submergido nos abysmos  
 Dos fundos mares, escapar não possa,  
 Do meu triunfo lá no mesmo Inferno  
 O rosto esconderá de envergonhado.  
 Fazei, se podeis tanto, que hoje venha  
 Augmentar os motivos no meu gosto  
 Reflecti, que das minhas Leis não póde  
 Defender-vos ninguem: O vosso filho  
 Fôrma em vão hum projecto temerario:  
 Já tenho prevenido quantos meios  
 Elle póde tentar: As minhas ordens  
 Para ser prezo já passadas forão;  
 Esse impostor, que Olisses resuscita,  
 Em presença do povo ao cadafalso  
 Conduzido será. A Deos, Rainha,  
 Vou de Antinois accrescentar a furia:  
 Dei a sentença, e perdoar não posso. (1)

(1) Vai-se.

## S' C E N A V.

*Penelope, e Ericlea.**Penelope.*

**H**E este o doce, o prometido fruto  
 Das minhas esperanças? ... Grandes Deoses!  
 Era assim, que hum Esposo vos pedia  
 Nos meus constantes votos, suspirando  
 Por elle ha tanto tempo? O meu Esposo,  
 Depois de rebater por tantas vezes  
 Os encontros da Sorte, ter sahido  
 No Mundo vencedor de mil combates,  
 De mil crueis naufragios, virá hoje  
 Dentro do seu Palacio, em fim no meio  
 De seus charos Penates, e parentes  
 Morrer, morrer á vista dos meus olhos,  
 Entre mãos inféis? Mas ah traidores!  
 Contra quem? Contra Olisses! Furiosos  
 O braço atmais? E não vos treme o braço  
 Só de olhar para elle? Sim, tyrannos!  
 Vou morrer a seu lado heroicamente:  
 Ambos de hum golpe a vida acabaremos,

*Ericlea.*

Senhora...

*Penelope.*

Ah Ericlea, que os meus gritos  
 Darão a conhecer o meu Esposo:  
 Sim, póde ser que ainda vacillantes  
 Não descarreguem nelle esses tyrannos  
 De todo o seu furor, e que suspendão

Por

Por algum tempo derramar seu sangue;  
 Mas se descobrem que he o grande Olifses,  
 Indispensavelmente o matão logo.  
 Que resolvo? ... Que faço? ... Oh Ceos! Que pena!  
 Detem-me o fusto, quando amor me arrasta:  
 Corramos, procuremos defendello...  
 Sim, busquemos Ifise.

*Ericlea.*

O Ceo parece  
 Que vo-la quiz trazer. Ifise chega.

S C E N A VI.

*Penelope, Ifise, e Ericlea.*

*Ifise.*

**Q**ue fazeis vós, Senhora? Eu vinha agora  
 De entrepôr com meu Pai as mais ardentes  
 Súplicas de huma filha; porém elle  
 Sem me escutar, sem me attender, com cêga  
 Desenfreada cofera procura  
 A vossa perdição: Os seus soldados  
 Aníma com palavras de ousadia:  
 Arcás, e Antinois, dèsse Estrangeiro.  
 O sangue todo, não lhe farta a sede  
 Do seu rancor antigo: Em Telemaco  
 Tambem vingar-se querem. Vós, Senhora,  
 Não acudis, podendo, ás vossas penas?  
 O povo se alvoroa: Em toda a parte  
 Agudas lanças contra vós reluzem.

*Penelope.*

Ah! Que vós mal sabeis a quantos golpes

Ex-

Exponho o peito, o animo preparo!  
 Minhas desgraças já crescer não podem:  
 He morrer o meu unico remedio.

*Ifse.*

Que impaciencia indigna da vossa alma!  
 Só de fracos espiritos triunfa  
 A desesperação. Ah! Não, Rainha.  
 Vós podeis só c' uma palavra vossa  
 Pacificar os animos de todos,  
 Salvar o vosso filho, e arrancallo  
 Quasi das mãos da Morte. O amor ardente  
 De meu Pai este premio vos mereça,  
 Que elle mesmo de novo sujeitando  
 A's vossas Leis os rebelados póvos,  
 Das aleivotas mãos fará cahir-lhes  
 As lanças, e as espadas: Apressai-vos:  
 Vede que morre o Principe. Ah Senhora!  
 Se he tempo ainda, quero soccorrello. (1)

## S C E N A VII.

*Penelope, Ericlea, e Eurinome.*

*Penelope.*

**M**Inha Ericlea, não tardemos, vamos  
 Mostrar por huma vez o mar de horrores,  
 Em que fluctua, em que se affoga esta alma.  
 De nós a duvidosa gente aprenda  
 A morrer por seu Rey. O meu exemplo...  
 Mas, Eurinome, que temor te affusta?  
 Até onde os tyrannos levar querem

(1) *Vai-se.*

A cruel, injustiça? Esse Estrangeiro...

*Eurinome.*

Dizem que já Olisses se conhece  
 Que o sacrificio, que hoje mesmo o matão.  
 Que furioso combate! Que medonho  
 Espectaculo! Oh Ceos! De horror enchêrão  
 Estes meus olhos tristes! Eu não pude  
 Distinguir quem triunfava, ou quem morria:  
 Era tudo huma trágica mistura  
 De gritos, sangue, e mortes. He Olisses...  
 Entre confusas vozes se escutava;  
 E junto c' o seu nome repetião  
 O nome de Antinoïs. O Rey, disserão,  
 Ao número já cede, que o ataca;  
 Este execravel monstro a vida perca:  
 Cheio de furia, o Principe, torçando  
 A entrada de Palacio, grita, e corre  
 Com a espada na mão. Para buscar-vos  
 Com ella abre caminho, derramando  
 A' custa de mil mortes, outras tantas  
 Fontes de sangue perfido. Tremia  
 Debaixo de seus pés. Mas elle chega.

S C E N A VIII.

*Telemaco, Penelope, Eriolea, e Eurinome.*

*Penelope.*

**M** Eu filho, onde correis? Vinde comigo,  
 Aczbatemos ambos.

*Telemaco.*

Ah Senhora!

O

O Ceo está por nós; meu Pai triunfa,  
 O seu braço invencível... Mas que digo!  
 Não pôde ser: Alguma Divindade  
 Debaxo da mortal visível fórma  
 De Oliffes nos defende. Este milagre,  
 Este prodigio, ah! Senhora, eu mesmo  
 Inda depois de vello o não alcanço!

*Penelope.*

Justos Deoses!

*Telemaco.*

Em fim, esses tyrannos

Com implacavel colera o tratavão  
 Mil vezes de impostor. Elles querião  
 Infamemente á vista deste povo  
 Salpicar com seu sangue os vis Altares  
 Do abominavel Odio: Os inimigos  
 Soldados o rodeão, procurando  
 Impedir-lhe a sahida de Palacio.  
 Ah, Senhora, se o visses!... Quando a cheia,  
 Que engrossa de repente, e os descuidados  
 Pastores accommette, e que os boiantes  
 Troncos, e gados ante si lhes leva,  
 Destruindo-lhes os campos, tanto medo  
 Não põe nos corações, como animoso  
 Por entre as armas da inimiga gente,  
 Dando golpes mortaes, ganhando campo,  
 Faz tremer tudo á vista de seus olhos,  
 Sóbe os degrãos do Templo, e de hum aspecto,  
 Qual Jove tem, quando no Ceo se irrita,  
*Ah traidores! exclama, cujo braço*  
*Na minha ausencia vergonhosamente*

*De-*

Desolou arrevido os meus Eslados ;  
 E que seu resistencia maltratando  
 O tenro filho , a delicada Esposa  
 Pensastes ver , talvez por minha morte ,  
 Sem exemplar castigo as vossas culpas :  
 Inda vivo , inda reino , inda conservo  
 A impreterivel Regia authoridade ,  
 De fazer sobre vós summa justiça :  
 Aos golpes desta ( e levantou a espada )  
 Por terra cabireis , reconhecendo  
 A gloria do meu nome. Eumé , segui-me ;  
 Mentor , e Filiticio , acompanhai-me :  
 Então co' fulminante ferro erguido  
 O infame peio de Antinois traspassa :  
 Este he o Rey : Em altas vozes grito ;  
 Este he meu Pai. Seguindo o seu exemplo ,  
 Contra a guarda estrangeira me arremeço :  
 Arcás , e os outros Chefes todos ficão  
 Ou já sem vida , ou esperando a morte.  
 Nossos fieis amigos inflamados  
 De hum zelo heroico todo o povo animão :  
 O seu furor as armas lhe ministra :  
 Cresce o tumulto , todos se perturbão ;  
 Nenhum resistir ousa. Alguns , que fogem ,  
 O medo sobre o mar os precipita :  
 Por livrar Eumimaco , a seus navios  
 O faço conduzir. Oh quanto póde  
 A presença dos Reys ! Basta escutar-se  
 O nome de meu Pai para entregar-lhe  
 Sem mais contradicção os seus direitos :  
 O seu Augusto aspecto , a sua força

Tom. II.

P

Des-

Desarmou, e punio quantos tyranos  
 Se oppunhão contra elle. Os mais rebeldes,  
 Os mais frouxos vassallos já de todo  
 O seu dever, e as Leis Reaes conhecem.  
 Em quantu de meu Pai inda a victória  
 Pede a sua assistencia, elle me ordena,  
 Que venha procurar-vos. Eu já tenho  
 Affugentado as guardas atrevidas,  
 Que as portas de Palacio defendião:  
 Por essas Praças seu indigno sangue.  
 Inda quente fumeja. A ver Olyfies  
 Vinde pois: Apressai-vos: Vinde vellos:  
 No meio das victorias, que o coroaõ,  
 Quer-vos: a par de si; pois não pertence  
 Outro premio maior dos seus triumphos.  
 Eu vou buscar Ifise, e em seus desgostos  
 Mostrar-me agradecido ao que lhe devo...  
 Que quer Eumé?

## S C E N A IX.

*Eumé, Telemaco, Penelope, Ericlea,  
 e Eurinome.*

*Eumé.*

**E**M fim tudo em Itaca  
 Respira huma pacífica bonança;  
 Porém livrar não pôde o voſso empenho  
 A vida de Eurimaco; pois chegando  
 Já mui perto das náos, foi foçobrado  
 Das ondas o estale, que o conduzia.

*Telemaco.*

E onde está Ifise?

*Eumé.*

Ella inda ignota  
A perda de seu Pai. Por vós espera  
O grande Olisses para ver Laertes.  
Senhora.

*Telemaco.*

Perdoai-me, que eu não posso...  
Ah cara Ifise!

*Penelope.*

He justo o sentimento.  
Vós me ouvistes em fim, supremos Deoses!  
Meus trabalhos crueis recompensastes;  
Mas este bem, meu filho, que conferem  
A meus ardentes votos, imperfeito  
Será, se não permite o Ceo benigno  
Ver-vos reinar em paz, viver ditoso.





# VIRIACIA.

TRAGEDIA ORIGINAL

TIRADA

DA HISTORIA LUSITANA

POR

JOÃO XAVIER DE MATOS.

## ARGUMENTO.

*D*epois de assassinado pelos Romanos Viriato, bem conhecido na Historia da Lusitania, Viriacia sua filha foi eleita pelos povos Rainha desta; e sendo atacada, em Lacobriga sua Capital, por Pompeo, então General das tropas Romanas, se defendeo deste valerosamente. Entretanto chegou a soccorrella Corrobo, Principe de Galeces seu alliado, e amante. Pompeo, temendo o novo soccorro, pede huma conferencia, a que assiste Sertorio, desertado Capitão de Roma, recebido dos Lusitanos, eleito seu General, fa-  
vo-

vencido, e amado da Rainha. Commette  
Pompeo a paz; Viriacia a recusa; e Cor-  
robo desprezado della, e ciioso de Sertorio,  
busca a Pompeo; e com elle, e com Aris-  
tia, sua repudiada mulher, refugiada na  
Lusitania, tratão de atraiçoar a mesma  
Rainha. Descobre-se opportunamente a trai-  
ção; são presos, e convencidos nella Aris-  
tia, e Corrobo. Perdoa Viriacia a am-  
bos. A primeira volta com Pompeo para  
Roma: O segundo se mata com a sua mes-  
ma espada, que se lhe entrega; e Viria-  
cia dando pacificamente a mão de Esposa  
a Sertorio, o constitue Rey dos Lusitanos.  
O mais se verá do contexto da Obra.

ACTO-

# A C T O R E S.

- VIRIACIA,** Rainha da Lusitania, Filha de Viriato.
- SERTORIO,** Romano, General das tropas Lusitanas.
- ARISTA,** Mulher de Pompeo, repudiada, achando-se com os Lusitanos.
- CORROBO,** Principe de Galeces, alliado de Viriacia.
- ESPANO,** Confidente de Corrobo.
- ARCÁS,** Confidente de Sertorio.
- ELMIRA,** Confidente da Rainha.
- FOMPEO,** General das tropas Romanas.
- AUFIDO,** Tenente de Sertorio.
- CURIO,** Capitão das guardas da Rainha.
- Guardas.

A Scena se representa no Palacio da Rainha na Cidade de Lacobriga.

ACTO

# A C T O R

|    |               |
|----|---------------|
| 1  | VERBA         |
| 2  | SUBJECTA      |
| 3  | ADJECTIVA     |
| 4  | VERBUM        |
| 5  | PRONOMINA     |
| 6  | ARTICULI      |
| 7  | CONIUNCTIO    |
| 8  | PREPOSITIONES |
| 9  | INTERIECTIO   |
| 10 | EXCLAMATIO    |
| 11 | ADVERBIA      |
| 12 | NUMERICALIA   |
| 13 | PROVERBIA     |
| 14 | ALIA          |
| 15 | GENERA        |

A. S. ...  
...



# ACTO PRIMEIRO

## SCENA I.

*Viriacia, e Elmira.*

*Viriacia.*

**N**ão, Elmira: Não temas, não te affusto  
Guerreiro estrondo de inimigas armas:  
A multidão dos perfidos Romanos  
Não he sempre quem vence nas batalhas:  
O engano, e a traição, que n'outros tempos  
Lhe tem dada triumphos vergonhosos,  
Não lhe hão de valer hoje: Os bons soldados,  
E os Capitães, que em meu favor pelejão,  
O enfiado rosto nunca virão  
Do susto, e do temor, que te perturbam:  
Quanto mais os perigos crescer vejo,  
Maior valor para vencellos sinto:  
Em vão cerca Pompeo estas muralhas:  
Em vão levar esta Cidade intenta:  
A grande resistencia, que acha nella;

E

E a vinda intopinada de Sertorio

Hum'a breye, mas prompta conferencia

Lhe tem feito pedir.

*Elmira.*

Mas ah, Senhora,

Vede o grande poder dos inimigos,

Que já tendes á vista, que vos cercão

Dentro destas muralhas! Vede as armas,

Vede os preparos!

*Virácia.*

Tudo tenho visto.

Quando este povo me elegeo Rainha

Da guerreira, da antiga Lusitania,

A quem por minhas direcções, e industria

Fiz facudir do jugo dos Romanos

O maltratado, misero pescoço,

Pelo sangue jurei, por esse sangue

De Viriato meu Pai, o Grão Viriato,

Vingar-lhe a morte, e conservar-lhe o nome.

Sim, Elmira, esse sangue grita, e clama

Vingança contra as mãos do impio Aulaces,

Do falso Distalio, do vil Minuro,

Que nelle se manchão.

*Elmira.*

Mas os tempos

Tudo mudão, Senhora: Os Lusitanos,

Que nesse tempo vosso Pai mandava,

Não são os mesmos, que mandais agora

A mole paz por vezes recebida,

Pela ausencia de hum' Chefe experimentado,

Costuma pouco a pouco, ir afrouzando

O valor militar: Desses guerreiros,  
 Por terra os murriões jazem cahidos;  
 As ferrúgentas lanças encostadas;  
 E que soccorros esperais agora  
 De hum braço, que não vive ás armas feito?  
 Dos successos, o Tempo, a face muda:  
 Temei os tempos muito mais que os homens,  
 Que hum zelo igual não fortalece a todos.

*Viracia.*

Não he a multidão, ó almas fracas,  
 Quem só faz o Destino das coroas,  
 Quem decide da Sorte das batalhas:  
 O valor, e a prudencia dos que mandão,  
 He o Astro, que influe; e se se juntão  
 A's forças naturaes altos mysterios,  
 Os Geriões, os Ciclopes, as Fúrias  
 Do mesmo Inferno, em negro campo armados,  
 Não podem resistir. Elmira, sabe,  
 Que esta passada noite hum sonho tive,  
 Em que víra meu Pai; Elmita tremo  
 Quando quero dizello! Os olhos turvos,  
 Nadando já nas afflicções da morte,  
 Como quera lhe oultava levantarlos;  
 Os beiços roxos, o semblante afflicto  
 Tal q'vi sobressa terra iuda vestido  
 Das armas brancas, de que usou na guerra:  
 Ergue o meio corpo, e mal podendo  
 No cotovelo esquerdo sustentar-se,  
 Lançando rios de espumoso sangue  
 Pelos golpes mortaes das rotas tanças,  
 De hum som doante, de huma voz truncada,  
 Po-

Pode apenas dizer-me: *Digna filha*  
*De hum Pai, qual Pai eu fui; estes os premios,*  
*Que recebi dos meus? Estes os louros,*  
*Que a veneravel fronte me cercarão?*  
*Este incansavel defensor da Patria,*  
*Este braço, flagello dos Romanos,*  
*Nem para sustentar-me já tem forças:*  
*Sim, esta boca, Oraculo da guerra,*  
*Que passou tantas ordens, já não pôde*  
*Mais que recomendar-vos, e pedir-vos*  
*Vingança, e mais vingança contra aquelle*  
*Infame Consul, Scipião infame,*  
*Que aos authors creois da minha morte*  
*Suggerio com promessas corruptoras*  
*Em nome do Senado, em voz do povo:*  
*E saiba Lusitania, saiba Roma,*  
*E se he possivel, todo o Mundo saiba,*  
*Que no meu sangue, o meu valor herdaste.*  
*Mas quiz dizer, e dizer mais não pôde.*  
*Tremo de vello, affusto-me de ouvillo:*  
*Não me cabia o coração no peito:*  
*Nelle a respiração me apressava:*  
*Fóra de mim no mais cruel transporte,*  
*Que pôde imaginar-se, de aernura*  
*De amor, de compaixão, entre gemidos,*  
*Para o defunto corpo, abrindo os braços,*  
*Como douda corri; mas neste esforço*  
*Do impulso, que tomei, acôrdo, e vejo,*  
*Que em vez do corpo, que abraças queria,*  
*As sombras vans do meu passado engano*  
*He fomento que abraço: Eu não demoro*

Hum

Hum só momento á íntima vingança,  
 Em que abrazada toda a minha alma sinto:  
 Quem me alenta, não pôde ser só ella:  
 Sim, de meu Pai o espirito parece,  
 Que se me transmittio, se faltou nelle:  
 Meu Pai he só quem falla, quem medita,  
 Quem dirige os meus passos, quem governa  
 Todas minhas acções; em fim quem manda,  
 Que vingue a sua morte.

*Elmira.*

Ah, não, Rainha,  
 Não vos perturbeis tanto, socegai-vos:  
 Póde a nossa estragada fantasia,  
 Pela impressão contínua da memoria,  
 Pintar-nos entre sonhos pavorosos  
 Espectros muito mais extravagantes,  
 Sem que involvão mysterios: Eu não digo  
 Que vos deixeis vencer sem resistencia;  
 Que sem satisfação deixeis a morte  
 De vosso amavel Pai; que deis ouvidos  
 A's infieis propostas dos Romanos;  
 Mas que remais as forças superiores  
 Dos vossos inimigos.

*Viriacia.*

Que inimigos,  
 Contra a razão, contra a justiça, podem  
 O braço levantar, que se não vejam  
 Castigados dos Deoses? Por ventura  
 Elles já não tem raios? Não são elles  
 Que os Celestes avisos communicão  
 Aos míseros humanos, por caminhos

A's

A's vezes naturaes, de que se fervem?  
 Sim, Elmira, este sonho ser não pôde  
 Mais, que hum aviso dos Supremos Deoses:  
 Elles amão a gloria, que resulta  
 Igualmente do premio, e do castigo;  
 E se hum aacção culpavel os irrita,  
 Huma justa vingança os lisongea.  
 Alma benigna, sombra generosa  
 De meu Heroico Pai! Só tu es digna  
 De ir aos Elizios sem passar o Erebo:  
 Espera ver por mim, gostosa espera,  
 Desempenhada a gloria do teu nome  
 Nos maiores assaltos; tudo quanto  
 Póde caber no braço delicado  
 De huma fraca mulher, que mais estima  
 Morrer, dando finaes de filha tua,  
 Que ser Rainha sem ficar vingada.  
 Mas Curio alvoroçado!

## S C E N A. II.

*Viriacia, Elmira, e Curio.*

*Curio.*

**J**A, Senhora,  
 Chega Sertorio ás portas da Cidade,  
 E na frente do exercito marchando  
 Em ordem de batalha, se apresenta  
 Diante dos contrarios, que a cercavão;  
 Os nossos inimigos vão perdendo  
 O posto, que ganharão. De huma parte

Já

Já temos para o campo Lusitano  
Livres os passos, o caminho aberto,  
Por onde entrando o Príncipe Corrobo,  
A Palacio chegou: Sómente espera,  
Que para vos fallar lhe deis licença.

*Viriacia.*

Dizei-lhe, que entrar pôde. Mas dizei-me,  
Os nossos Capitães onde ficarão,  
Que da sua Rainha não procurão  
As ordens, e a presença?

*Curia.*

Ele o campo

Desamparar não podem: Ficão todos  
Já promptos ao combate: Impacientes,  
C'o a prompta vista no seu Chefe, esperão.  
Sinal para envestir: Cada hum delles  
Ser hum Leão Famelico parece:  
N'um desejo marcial arder se sentem:  
Em fim soffrer não podem, que hum instante  
Se lhes dilate a gloria da peleja.

*Viriacia.*

Ide, dizei ao Príncipe, que pôde  
Entrar para fallar-me, que eu o espero.

### SCENA III.

*Viriacia, e Elmira.*

*Viriacia.*

Que mal resisto á repugnancia interna,  
Que sinto dentro n'alma, quando escuto  
O nome deste Príncipe.

*El-*

*Elmira.*

Senhora,  
 A vossa alma sômente com Sertorio  
 He que se ajusta, communica, e entende.  
 Competidor o Principe o contempla:  
 Tem vassallos fieis, e tem debaixo  
 Do seu poder disciplinadas tropas;  
 Do Lusitano, do guerreiro corpo  
 A principal, a maior parte fórmão;  
 Não desgosteis hum alliado amante,  
 Que vos pôde servir: Vede com susto  
 Que he do desprezo consequencia o odio.

## S C E N A IV.

*Corrobo, Espano, Viriácia, Elmira, e Curio.**Corrobo.*

Chegou, Rainha, o opportuno instante  
 De expôr. por vós gostosamente a vida,  
 Se he que deva arriscalla, sendo vossa.

*Viriácia.*

Senhor, não vos entendo: Outros cuidados...

*Corrobo.*

Digo, Senhora, que melhor seria  
 Conservar-vos em paz, viver dâta  
 No meio da pacífica alliança,  
 Que Roma vos propõe: Indecotosos  
 Os partidos não são, quando são justos:  
 Vede bem, que do Mundo são Senhores  
 Nossos feros contrarios; mas com tudo  
 Se vós o permittis, se he gosto vosso

Que

Que hoje me veção acabar no meio  
Das inimigas, das agudas lanças,  
Poderão x luth, por vós tirar-me a vida;  
Mas não tirar-me a gloria de perdella.

*Viriacia.*

Sei muito bem, Senhor, quanto vos devo:  
Tudo quanto he valor, e gloria estimo:  
Do vollo braço o grão poder respeito,  
E torno a respeitallo, porque he vosso.  
Mas eu não sei, Senhor, se estes discursos  
São indignos de vós, e improprios delle.  
Que procurão de nós estes Romanos?  
Cidade he Roma, como as mais Cidades,  
Mais direito não tem: Essa Fortuna,  
Que lhe ergueo a cabeça sobre as outras,  
Não foi para as mandar: E que Destino  
Fez ao Tibre Senhor, ao Têjo escravo?  
As armas fazem só conquistadores;  
Podem fazer, e desfazer Imperios;  
Porém a Natureza, e a Justiça  
He só quem dá legitimos poderes.  
Estas Leis são a unica baliza,  
Que demarcou, que repartio as terras:  
Roma tem Leis iguaes; se abusa dellas,  
Nós faremos o mesmo? Não, Corrobo;  
Crime será não defender o proprio,  
Como injustiça conquistar o alheio.  
Se já não cabe em seus districtos Roma,  
Dentro da Lusitania nós cabemos.  
Fomos queimar-lhe as terras, as Cidades?  
Roubar-lhe as povoações? Pôr-lhe tributos?

Tom. II.

Q

Só

Só para elles será feito o Mundo?  
 Principe, somos livres, temos armas,  
 Valor, e Capitães: Se isto não basta,  
 Temos justiça, somos Lusitanos.

*Corrobo.*

Que isso baste, ó Rainha, os Deoses queirão;  
 Mas se elles forem raes, quaes serão d'antes  
 A favor dos Romanos, que faremos?  
 Vede, lembrai-vos, meditai hum pouco  
 No Destino de Antiocho: Lembrai-vos  
 Daquelle Rei, que dominando a Asia,  
 De hum numeroso exercito seguido,  
 Cuidando ser conquistador do Mundo,  
 C'os soccorros de Anibal, derrotado,  
 Perdeo mil terras, n'uma só batalha.  
 Quem teve máo no throno vacillante,  
 Que herdára de seus Pais? Quem? A alliança  
 Desses mesmos Romanos, que algum dia  
 Tantas vezes olhou de hum ar soberbo:  
 Vede em fim de Mitridates a Sorte,  
 Grande em fortunas, em desgraças Grande:  
 E que fez este Rei em campo armado?  
 Outra cousa não foi vencer os Gregos,  
 Que preparar triunfos aos Romanos:  
 Vede qual fora a Sorte de Jugurta,  
 Outros exemplos.

*Viriacia.*

Principe, não podem  
 Esses, nem outros assustar-me agora:  
 Não temo Roma, nem imito a Asia:  
 Asia soberba, poderosa, e rica,

Eu-

Encurvada co' pezo do seu ouro,  
 As armas manejar não saberia:  
 Nem resiste melhor aos duros golpes  
 O dourado broquel, que a ferrea malha.  
 Não conquisto, defendo o que me toca:  
 As nossas lanças como as outras setem:  
 Frescas memorias ante os olhos temos:  
 Os veneraveis muros de Palença,  
 Testemunhas authenticas, e eternas,  
 Ainda não cahirão, não cahirão  
 Ao impero Romano: O sitio forte,  
 Que Luculo lhe poz, foffinea constante,  
 Té que se retirou de envergonhado:  
 O intrigante, o inconfidente Galba  
 A' traição, (de outra forte o não faria,)  
 A' traição intentou, matando os nossos,  
 Lavar no nosso sangue a sua affronta.

*Curio.*

Já para nós, com passos diligentes,  
 Hum estranho guerreiro se encaminha.

SCENA V.

*Arcás, e os precedentes.*

*Arcás.*

**H**Oje Sertorio aos Deoses soberanos,  
 Co' as mais ardentes supplicas, pede  
 Offerca hum devoto Sacrificio,  
 Para os vos favoraveis na victoria,  
 Que dos Romanos confidenciais  
 Já em torno das Aras...

As

As enfeitadas victimas ficarão :  
 Já o lume sagrado resplandece :  
 Já o cheiroso fumo aos ares sobe.  
 Pende da mão do grande Sacerdote  
 A affiada bipene, e em altas vozes,  
 Cheio da Divindade, que o inspira,  
 O mais feliz successo nos agoura :  
 Tudo está prompto : Só por vós se espera.

*Viriacia.*

Vamos, vamos honrar os grandes Deoses ;  
 Pedir-lhe protecção, render-lhe culto :  
 Principe, confia, que hoje seremos  
 De louros coroados ; porque os louros  
 Não se creárão só para as cabeças  
 Dos soberbos, dos perfidos Romanos.

## S C E N A VI.

*Corrobo, e Espano.*

*Corrobo.*

**E** Que Destino encaminhou meus passos  
 Para vir á ptesença perigosa  
 Desta altiva mulher, desta Rainha?  
 Quem vio alma tão grande, alma tão cheia  
 De hum furor militar! Quem nunca a víra!  
 Quem nunca lhe fallára! Quem tivera  
 Para lhe resistir huma pequena  
 Parte do seu valor! Mais que os Romanos,  
 Os meus desejos temo! Mas que braços  
 Podem quebrar cadeias, que se forjão  
 Pelas mãos da belleza, e da virtude.

2A

Di-

Diante d'ella, eu já não sou Corrobo:  
 De tanta sujeição, eu me confundo!  
 Comigo mesmo em huma guerra vivo:  
 Nas mãos de Amor, d' meu maior contrario,  
 Ponho as armas, e fujo; elle? me segue;  
 Elle me alcança, elle de mim, triunfa:  
 Fraco lhe chamo, quando eu fui o fraco:  
 As palavras escolho, o modo estudo,  
 Com que lhe hei de pintar, sem que a offenda;  
 O ardor interno d' este amor, que sinto:  
 Para dizer-lho, algumas vezes salto  
 Humas primeiras, timidas palavras,  
 Que costumam forçar o amor, e o susto;  
 Mas eu não sei que gesto lhe desoubro,  
 Que não posso firmar a confiança  
 De dizer-lhe o que sinto: Ella me cõsta  
 Co' a mais alta politica os discursos:  
 Arde-me o peito, gella-se-me a boca:  
 Impacientes oíumes me devorão:  
 Que he meu competidor Sertorio, julgo:  
 Mas quem sabe se são estes juizos  
 Imagens vans de frivolas suspeitas!  
 He preciso mais prova.

*Espano.*

Que mais prova?

Senhor, dai-me licença de dizer-vos,  
 Que ardeis em vão, que suspirais de balde.

*Corrobo.*

Fiel Espano, dize-me o que sentes;  
 Esclarece-me, inspira-me se podes;  
 Se he tal a minha Sorte. . . . Grandes Deoses!  
 Mas

Mas com tudo, talvez, não acaba! Espano,  
 Não nos precipitemos. . .  
 Espano, me oulham . . .  
 Bermúdez-me . . .  
 Que vos falle, Senhor, com liberdade: edo  
 De vassallo feli, e de hum vassallo . . .  
 Que vos trouxe nos braços tantas vezes . . .  
 Esta mulher soberbia, que amais tanto, . . .  
 Qui se finge, ou tem alma impenetravel . . .  
 A tudo o que he recorra: Ella se serve . . .  
 De nomes estondosos: Os triumphos, . . .  
 As coroas, a honra, a fama, a gloria, . . .  
 Só se lhe ouve na boca a cada instante . . .  
 Sertorio só, que o Heroismo affecta, . . .  
 Que he o mais falso hypocrita da fama, . . .  
 Digno dos seus affectos lhe parece: . . .  
 O vosso coração não se conforma . . .  
 Com o seu coração: Nelle se reina . . .  
 O amor de Sertorio: Senhor, . . .  
 Crede o fiel, o verdadeiro Espano . . .  
 Quem vos diz, que não quer esta Rainha . . .  
 Dando a este guerreiro a mão de Esposa, . . .  
 Reinár sobre nós todos? Os Romanos . . .  
 São bons para aliados; Viriacia  
 Fraca para inimiga; e melhor fora  
 Viver por vós, do que morrer por ella.  
 As nossas armas. . .

Corrobo:

Não, Espano, a honra  
 He dos Heroes o principal objecto:  
 A traição a destroe; eu a aborreço:

Ao

Ao desbocado monstro do ciúme  
 He preciso lançar por ora hum freio?  
 Veremos... sim, veremos... Mas que digo?  
 Eu não sou igualmente que a Rainha  
 Absoluto Senhor dos meus Estados?  
 Não tenho forças? Armas? Braço? Gente?  
 Não devo ser o Pai dos meus vassallos?  
 Conservallos em paz, vellos felices?  
 Mas, Deuses immortaes! Que ha de ser d'ella?  
 Poderei vella suspirar no mato  
 Dos Romanos furores? Conduzida  
 Indecorosamente; feita escrava;  
 Prezas talvez as mãos, os olhos baixos,  
 Servindo de despojo, e de ornamento  
 A' carroça dos barbaros triunfos?  
 Ou solitaria, fugitiva, errante  
 Pelos montes da Patria? Pelos montes,  
 Que ella já vio coroados de bandeiras,  
 Insignias de victoria? Não, Corróbo  
 Não he tão vil: Quem ama não se vinga;  
 E se se vinga, mente, que não atira.  
 Mas aonde, oh suspeitas inquietas,  
 Me levais o discurso? Essa Estrangeira,  
 Que em nossas tropas segurança busca,  
 A quem tanto Sertorio favorece,  
 Póde ser.....

*Espano.*

Ah, Senhor, abri os olhos:  
 Formais torres no ar? Primeiro ouvi-me;  
 Depois resolvereis como quizeres:  
 Eu sei que esta mulher he da familia

Do

De huns póvos alliados dos Romanos ;  
E que ao odio dos seus fugindo , busca  
Segurança entre nós.

*Corrobo.*

Com tudo eu quero

Saber qual he de todo o meu Destino :

Tentarei novamente resolutio.

A empreza de explicar-me co' a Rainha

Em termos mais precisos : Se a resposta

For á minha esperança favoravel ,

Então por outro modo pensaremos ;

Mas se for defabrida , neste caso

Busco Pompeo , componho-me com elle ,

Vingo-me de Viriacia , e de Sertorio :

O banido Sertorio , nestes braços

A vida acabará ; e sem piedade ,

Hum tyranno ferei , em vez de amante ;

Em vez de hum alliado , hum inimigo :

Sim : Pelos Manes , pelos Deoses todos ,

Se necessario for , prometto , e juro

De não tornar atrás : Postas em campo

Do negro Averno as vingativas Furias

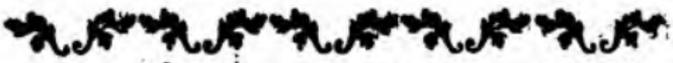
Contra os fracos mortaes , tão dura guerra ,

Tão lamentavel , tão furioso estrago

Não farão , como eu só contra esta gente ,

Movendo o escudo , arremeçando a lança.

ACTO



# ACTO SEGUNDO

## SCENA I.

*Sertorio, Arcás, Aufido, e Capitães.*

*Sertorio.*

**E**M fim, os grandes Deoses se declarão  
 Já em favor das armas Lusitanas:  
 Eu observei nos auspicientes voos  
 Das agoureiras aves, por tres vezes,  
 Certos sinaes da protecção Celeste:  
 As palpirantes, tepidas entranhas  
 Das victimas, sagradas, nos segurão  
 Inda mais a esperança, que ter devo.  
 Nós não temos, leaes compatriotas,  
 Mil favores do Ceo experimentado?  
 Quando fugimos da confusa Roma  
 A' injusta proscricção do infame Silla,  
 Sem Patria, errantes, sem abrigo expostos  
 A's mãos dos mais crueis perseguidores,  
 Esta grande mulher, esta Rainha,  
 Esta Deosa benigna nos recolhe;  
 Dá-nos soldados, armas nos offerece,  
 Com que me faço Chefe do partido,  
 Que vós hoje seguis: A vossa Patria  
 Já não he Roma, a vossa Patria he esta:  
 A obrigação de defendella he vossa:  
 Não receeis; seremos vencedores;

E

E se possível for, mda podemos;  
Perpétuo jugo na cerviz de Italia.

*Aufido*  
Sertorio, como vos respeito os Deoses;  
Sou grato aos beneficios; reconheço  
Que devo dar-lhe graças; mas não posso  
Ver sem rancor, ouvir sem repugnancia  
Huma Rainha cheia de soberbã;  
Huma audaz, temeraria Lusitana;  
Huma filha... (não posso repetir  
Sem suspirar! Oh Deoses!) Huma filha  
De Viriavo, Capitão, que a Roma  
Será sempre odioso.

*Sertorio.*

Mas que importa, se a  
Se aos Deoses agradável será sempre  
Por mais que discorrámos, não podemos  
(Tal he Aufido, a nossa curta estera)  
Exceder os limites finalados,  
Que poz á Natureza o Author della:  
Co' a nossa vista, a nossa intelligencia  
Tem grande semelhança: Distinguimos  
Os objectos sómente em certo ponto;  
Além do qual, não percebemos nada  
Senão confusamente: E se os mysterios  
Communs aos homens, como aos Deoses, fossem,  
Que ficava de grande a Divindade  
Ella só os revela como, quando,  
E a quem quer, como o fez a este indigno  
Miseravel humano: Foi servida  
A casta Deosa, a minha protectora,

Cl-

Clarissima Diana, apparecer-me  
 N'um doce sonho, quando descansava  
 Huma vez sobre as fervidas areias  
 Das praias Africanas: Vai (me disse)  
 Buscar socorros entre as gentes Lusas:  
 Virácia acharás, que mais prezada  
 A mais querida filha do meu Corco  
 Com ella farás guerra aos teus contrarios  
 Darás batalha, e faldás triunfante  
 A' voz do Ceo obedecer he gulto  
 Ao acno dos Deos nós devemos  
 Abaixar a cabeça.

Eu a inclino

A tão altos Decretos

Sertario.

Mais remedio não ha que obedecer  
 Saberás, que Pompeo pede á Rainha  
 Hoje huma conferencia; e devo ouvilla  
 Sobre a resolução deste incidente:  
 Em tanto não convem, que o campo esteja  
 Sem a vossa pessoa; de quem se  
 Que a qualquer movimento dos contrarios  
 Sejais attento; e que animeis de novo  
 Para qualquer successo as nossas tropas

SCE

## S C E N A II.

*Sertorio, e Arcás.**Sertorio.*

**T**U bem sabes, Arcás, que sempre foste  
 Depósito fiel, guarda segura  
 Dos mais particulares sentimentos,  
 Que ha no meu coração: Os inimigos,  
 Que eu mais deuo temer, não são aquelles,  
 Que tu vês comra nós postos em campo:  
 Estes mesmos Romanos fugitivos,  
 Que nos tratão com rosto de amizade,  
 São os maiores.

*Arcás.*

Quem? Esses Romanos,  
 Esses proscriptos, que, fugindo á morte,  
 Achárão só em vós a segurança?  
 Será possível?

*Sertorio.*

Sim: Este despojo,  
 Misero resto das vencidas tropas  
 Do nosso infeliz Mario: Esses ingratos,  
 Que da grandeza' vá dos seus maiores  
 Se jactão, como Silla: Eu sei, que todos  
 Do meu escuro nascimento fallão;  
 Mas o meu braço temem; sim: Murmurão  
 Desta mesma Rainha generosa,  
 Quem em suas terras os recolhe, e ampara,  
 E querem dar-lhe Leis.

*Ar.*

*Arco.*

Esta Rainha,  
 Por vós, e não por elle dissimula:  
 Eu não fei que ternura em vós observe;  
 Por mais que disfarceis, assim que a vedes:  
 Sobresaltai-vos só de ouvir-lhe o nome:  
 Vós, que no meio de cruéis fadigas,  
 Apenas escapando ás mãos dos vollos,  
 Perseguido da Patria, inda tão longe,  
 Que nem aqui vos deixa estar seguro;  
 Vós, que em todos os lances da Fortuna  
 Hum final de fraqueza nunca destes,  
 Ou no rosto, ou no peito, como agora  
 Suspirais, e tremeis? Muito vos deve,  
 Senhor, esta Rainha.

*Sertorio.*

Sim; eu amo,  
 Eu amo a Viriaca; pois conheço  
 Não ser mais, que huma Deosa bemfeitora,  
 Que o Ceo nos deparou: Eu amo nella  
 Igualmente a belleza, e a virtude:  
 Já de meu coração a fiz Senhora:  
 Por ella he que suspiro: Não presumas,  
 Que os homens são de pedra: Quando a vejo,  
 Não cuides que he Sertorio quem suspira,  
 Quem suspira he somente a Natureza.

*Arco.*

Mas dizei-me, Senhor, como he possível,  
 Como he possível, que quem ama engane?  
 Que a façais crer nos Deoses, que vos fallão?  
 Que a façais adorar falsos mysterios?

*Ser-*

*Sertorio.*

Tu, meu sincero Arcas, inda não sabes  
 Conduzir os mortaes: Quem os dirige,  
 Pelo simples caminho da verdade,  
 Difficilfamente os traz sujeitos:  
 As Leis da natureza, e os dictames  
 Da suprema razão, lhes bastaria  
 Para os trazer conformes; porém julgão,  
 Que as acções mais heroicas não são grandes;  
 Se não são reveladas; e os successos  
 Ainda mais communs, mas ordinarios,  
 Só acções grandes são; se são mylterios:  
 Imaginão que os homens, recebendo  
 O espirito dos Deoses, por quem fallão,  
 Nelles os mesmos Deoses se transformão;  
 Convem muito entreter esta Rainha,  
 Co' as apparencias vans de altos prodigios,  
 Por não ir cegamente expôt-se á furia  
 Das lanças inimigas: Deste modo  
 He que das almas credulas riunfe  
 A vá superstição: Os Sacerdores,  
 Que de hum ar magestoso revoltidos,  
 Vês estender as mãos sobre os Altares  
 Contra innocentes victimas, não cuidas  
 Que são mais, que huns hypocritas Ministros  
 Da leve suggestão, que o povo adora:  
 Não vês hum destes co' cabello hirsulto,  
 Torcendo a boca, revirando os olhos,  
 Entre desconcertados movimentos  
 Defatãr sonhos, agulrar futuros?  
 Pois não he mais que hum misto extravagante,  
 Com

Com que affecta no Mundo a industria humana,  
 O raptio excelso de hum furor Divino,  
 Que falla nos Profetas. Mas que vejo,  
 Que já chega a Rainha: O seu aspecto....

## S C E N A III.

*Viriacia, Sertorio, Arcás, Curio, e Guardas.*

*Viriacia.*

**J**A, Senhor, vossa vinda inesperada,  
 Para mim principia a ser gostosa,  
 Para Pompeo a ser fatal começa:  
 Pela parte mais forte da Cidade,  
 Desamparando o campo, se retira:  
 Marchou a unir as tropas, e fez alto:  
 Não sabemos qual seja o seu designio.

*Sertorio.*

Não, Rainha; a mim não; a vós se deve  
 Todo esse favoravel movimento,  
 Que fez o inimigo: O vosso esforço,  
 As vossas providencias, a vossa alma,  
 São os soccorros, que Pompeo mais teme:  
 Atribui, Senhora, esse receio  
 Mais aos vossos dictames, que ao meu braço,  
 De não poder vencer-vos, os Romanos  
 A affronta dissimulão, com pedir-vos  
 Talvez, em vergonhosa conferencia,  
 A paz, e não a guerra: Sois Rainha,  
 Sois Senhora absoluta; e neste caso  
 Vossa vontade decidir só pôde:  
 E estai certa, ó Rainha, que o meu peito,

O meu braço, o meu sangue: . . .

*Viriacia.*

Pois, Sertorio,  
O meu sangue, o meu peito, e o meu braço  
Arriscarei também: Ver-me-heis na guerra  
Sempre junto de vós: E que Fortuna  
Não será para mim ver-me triunfante,  
Para mais generosa, neste dia,  
Os meus triunfos repartir convosco!

*Sertorio.*

Magnanima Rainha, o vosso esforço  
Eu o conheço, o inimigo o teme,  
A mesma Roma o sabe; mas, Senhora,  
A vossa vida, a vossa amavel vida,  
Não deveis arriscar: As nossas bastão  
Só para honrosas victimas da guerra:  
Val menos hum exercito no campo,  
Do que vós na Cidade: Dentro della  
Inimigos domesticos não faltão,  
Que da vossa presença necessitão:  
Não são menos heroicos os triunfos;  
Que se conseguem da perfidia occulta,  
Que sobre as Cortes o veneno espalha:  
Finalmente, Senhora, revelado  
Me foi dos Deoses, que só sabem tudo,  
Que sahir não deveis desta Cidade.

*Viriacia.*

Oh Deoses immortaes! Será possível,  
Que nos peitos freis dos Lusitanos  
A feia nódoa da traição cahisse!  
Aquella mesma gente, aquelle povo,

Que

Que jurou nestas mãos fidelidade!  
 E que á sua Rainha devem tanto,  
 Que ainda não tem as lagrimas enxutas  
 Na morte de seu Pai! O seu abrigo,  
 O seu unico abrigo, o seu remedio,  
 O seu escudo, o defensor da Patria!  
 Se he tal a minha Sorte, eu já não quero,  
 Já não quero viver: Vinde, Romanos,  
 Em mim primeiro exprimentai as lanças:  
 Tirai d'entre os humanos a mais triste,  
 A mais infausta vida.

*Sertorio.*

Socegai-vos;  
 Outra gente, sem fer a Lusitana,  
 He quem deveis temer: Importa muito  
 Cuidar na guarnição destas muralhas;  
 E muito mais, que toda se componha  
 Dos vossos nacionaes: Podeis, Senhora,  
 Confiando-vos delles, dar sem susto  
 As Ordens, que quizerdes; que depende  
 Da vossa duração, da vossa vida  
 Toda a felicidade Lusitana.

*Viriacia.*

Que presagas suspeitas me inquietão  
 O triste coração! Nesta Cidade  
 O Principe siozo, e descontente,  
 Sendo quasi hum garante, hum medianeiro  
 Entre mim, e Pompeo! Eu dependente  
 Das suas tropas! Ah, crueis suspeitas!  
 Valei-me, oh Ceos, em taes desconfianças.

*Fqm. II.*

R

Cu

*Curio.*

Senhora, eu vi o Principe Corrobo,  
 Não ha muitos instantes, neste Paço  
 Confuso, aborrido, pensativo, incerto,  
 Ora fazendo acções, ora soltando  
 Mal compostas palavras, como aquelle,  
 Que revolver costuma na memoria  
 Successos grandes, temerosas cousas!

*Sertorio.*

Não temamos; nós Deuses confiemos:  
 E em quanto eu vou examinar a forma,  
 Que Auido terá dado ao nosso campo,  
 E a inspirar nos soldados novo alento,  
 Sem mais perda de tempo, vós, Senhora,  
 Ide incendiar os Idolos da guerra;  
 Marte nos cubrirá c'o seu escudo:  
 Contra elle vai, quem contra nós peleja:  
 Valor, presteza, accordo, he só quem fazem  
 O bom, ou máo successo das campanhas:  
 Compra-se a Fama á custa dos trabalhos:  
 São os grandes perigos Pais da gloria.

*Viriacia.*

Fiai, Senhor, da minha vigilancia  
 Os mais possíveis, os mais prompts meios  
 De atalhar os enganos, e os assaltos  
 Das intestinas sedições, que possão  
 Ameaçar levemente esta Cidade.  
 Como hum forte soldado, eu mesmo armada  
 Irei rondar da Patria Lacobriga  
 As invictas muralhas, as ameias,  
 Té os medonhos focos, tudo, tudo

Vi-

Visitarei eu mesmo: A mão, que póde  
Com o pezo do Sceptro, tambem possa  
Mover a espada, sopezar a lança. (1)

S C E N A IV.

*Sertorio, e Arcás.*

*Arcás.*

**H**E possível, Senhor, que hajão traidores  
Dentro desta Cidade! E que derramem  
Occultamente o tragico veneno  
Das fedições Romanas!

*Sertorio.*

O receio

He da prudencia amigo inseparavel:  
He meu rival o Principe Corrobo:  
Não sei que má vontade lhe descubro  
Contra o nosso partido: Arcás, eu temo;  
(Os Ceos o não permitião) que os Romanos  
Ainda tenham nelle hum alliado;  
E assim que esta Rainha o desengana,  
Tu o verás traidor. Mas Arístia!  
Tu retira-te, Arcás, que eu já te busco.

R ii

SCE-

(1) *Vai-se.*

## S C E N A V.

*Sertorio, e Arístia.**Arístia.*

**H**Uma noticia, que de ouvir acabo;  
 De hum frio susto, o coração me gella:  
 Dizem, Senhor, que de Pompeo mandado  
 Hum heraldo, do campo aqui chegára;  
 E que á Rainha huma audiencia pede  
 Para tratar, e conferir as pazes,  
 Que propõe receoso aos Lusitanos.  
 Ah! Se sabe, Senhor, o meu Esposo,  
 Que ainda dura Arístia, e que respira  
 Dentro destes lugares!

*Sertorio.*

Nada posso  
 Dizer-vos, Arístia: Sei, que os Deoses  
 Dos humanos respeitão a innocencia:  
 Sois fiel ao Esposo, e elles devem  
 Premear a virtude: As nossas armas,  
 E o seu favor tereis.

*Arístia.*

De vós, e delles  
 Todo o favor confio: Tudo espero.

*Sertorio.*

Eu vos deixo, Senhora, porque entendo  
 Que assim as vossas mágoas lisongeo:  
 Não vos quero tirar o triste allivio  
 De poder suspirar a vosso gosto. (1)

S C E-

(1) *Vai-se.*

## S C E N A VI.

*Aristia só.*

**H**E possível, oh Deoses! Que nem tenha  
 Tempo para ser triste! Que não possa  
 Fartar huma alma triste de tristeza!  
 Quem me diria, oh Fortuna instavel!  
 Oh tempo enganador! Quem me diria,  
 Quando ouvindo os applausos, e os louvores,  
 Que tu dourar costumás, conduzida  
 Entre os affagos da subtil lisonja  
 A ver, e authorizar, por tantas vezes,  
 Os grandes espectáculos de Roma!  
 (Ingrata Roma!) Sim, quando escutava  
 As acções grandes, os heroicos feitos  
 Dos Capitães, dos Consules famosos,  
 Que formayão a serie esclarecida  
 De meus altos Avós! Quando os triunfos,  
 Que pelas tuas ruas mal cabião  
 Em dourados paineis, hia notando  
 Cheia de gosto, cheia de vaidade:  
 Quem diria, oh Fortuna! Oh-Roma! Oh Tempo!  
 Que toda essa grandeza era hum ensaio  
 Do meu abatimento! Quem diria,  
 Que depois de pizar, como Senhora,  
 A Capital do Mundo, como escrava  
 Peregrinar havia os apartados,  
 Desconhecidos montes Lusitanos!  
 Quem diria, que a Esposa, a fiel Esposa  
 Do tyranno Pompeo, fosse obrigada.

A

A buscar nos estranhos a piedade,  
 Que não achou nos seus, nem nelle mesmo!  
 Barbaras Leis, dictames sem justiça,  
 Que permittistes o cruel repudio  
 Das miseras mulheres! Só dictados  
 Pelas bocas infames de imprudentes,  
 Impios Legisladores. Não sei como  
 Tão cuberta de affrontas appareço  
 Na face do Universo! Eu corro, eu fujo  
 A buscar outro Mundo, onde não haja  
 Quem do meu mal se ria: Mas primeiro,  
 Tu, injusto Pompeo, que me abandonas,  
 Dos Deoses te verás desamparado,  
 Dos homens perseguido, feito escravo,  
 Morto, sem sepultura, e vagabundo,  
 A tua negra sombra sem repouso,  
 Sem esperança, sem allivio, nunca  
 Da presença dos Deoses terá digna.



## ACTO TERCEIRO

### SCENA I.

*Corrobo só.*

**Q**ue se veja a grandeza de Corrobo  
 Quasi publicamente atropelada  
 Dos intolentes pés de hum vil desprezo!  
 Desprezado não só, mas preterido!

A

E

E por quem? Por Sertorio! Hum revoltoso,  
 Hum rebelde, hum escandale da Patria,  
 De nós malquisto, e enre os seus sem nome!  
 Que tolere o final desfabrimento  
 De huma activa mulher, de huma Rainha,  
 Que inda fora vassalla, se eu não fora!  
 Que podia a Coroa disputar-lhe,  
 Negar-lhe os meus soccorros! Ah! Tyranna!  
 Se eu não fora, talvez que nem pudesses  
 Firmar a planta no degrão primeiro  
 Do mal seguro Throno, que hoje occupas.  
 Tu verás contra ti o mesmo braço,  
 Que ha pouco tempo em teu favor se erguia:  
 Hoje será hum raio fulminante;  
 Hum raio da vingança, que respiro.

S C E N A II.

*Corrobo, e Espano.*

*Espano.*

**S** Enhor, quem vos offende, e vos obriga?  
 A tão ardente, a tão fatal transporte?  
 Sem sabeis que o meu zelo.....

*Corrobo.*

Ab charo Espano!  
 Sabe, que Viriacia... Mas não saibas  
 Tambem a minha affronta. Não sei como  
 Licendio tal me não reduz a cinzas!  
 As implacaveis Furias me devorão  
 As ciosas entranhas: Huma braza  
 Tenho por coração: Huma faisca

Sól-

Sóto em cada palavra, que artículo!  
 Só relampagos vejo: A meus ouvidós  
 Só troveja a vingança. A ímpia, a ingrata,  
 A cruel Viriacia.....

*Espano.*

Desprezou-vos?

Eu o sinto, Senhor, por vossa honra.

*Corrobo.*

A Corrobo, a hum Principe, não deve  
 Responder-se tão mal. Quiz por mil vezes  
 Dizer-lhe o meu amor: Principiava....  
 E ella, sem me ouvir, interrompia  
 A prática amorosa: Até que exposto  
 Ao que sempre temi, já não podendo  
 Soffrer tanto artificio, tudo quanto  
 Subministra a paixáo, Amor fecunda,  
 Balbuciante lhe disse: Então a ingrata,  
 Sem querer pôr-me os olhos, me responde..  
 (Não posso repetillo!) Em fim de todo  
 As minhas esperanças se acabáráo:  
 Porém o meu amor (ah charo Espano!  
 Olha, tenho vergonha de dizer-to)  
 Não se acabou com ellas: Inda sinto....  
 Eu me confundo, eu não me entendo, eu morro.  
 Amar, e aborrecer como he possível!  
 Como he possível, sim, que ao mesmo tempo  
 Me façáo guerra, o peito me traspassem  
 De Amor as ferras, e o punhal do Odio!

*Espano.*

Inda vós vacillais irresoluto?

Quereis que a Lusitania de vós zombe?

Que-

Quereis ser, ah Senhor! O assumpto, o objecto  
 Da irrisão de Roma? Quereis hoje  
 Ajudar a Fortuna de Sertorio?  
 Essas finezas, que de vós consegue  
 Esta altiva mulher, não são; Corrobo,  
 Mais que triumphos, que de vós alcança  
 Vosso mesmo rival: Abandonai-a:  
 Se ella vos quer perder, que perdeis nella?  
 Não a façais ingrata; se vos foge,  
 Fugi-lhe vós tambem, que nesta guerra  
 As retiradas tambem são victoria.  
 Desamparai, Senhor, estes ingratos;  
 Não vos sacrificueis: Que esperais delles?  
 Não he melhor juntar-vos aos Romanos;  
 Unir ás de Pompeo as vossas tropas;  
 O número augmentar dos descontentes,  
 E talvez dos vassallos? Sim; quem sabe....  
 Bem póde ser que então esta Rainha....

*Corrobo.*

Sim; estou resolute: O teu conselho  
 Será hoje o Senhor do meu Destino:  
 A's tuas sabias direcções me entrego:  
 Busca Pompeo; propõe-lhe os meus designios:  
 De ti confio tudo.

*Espano.*

A confiança,

Que vós fazeis de mim, e a que ter devem  
 Na vossa approvação os meus antigos,  
 Fieis procedimentos, liberdade  
 Para tudo me dá: Já instruido  
 Estou das injustiças, que comvosco

Pra-

Praticou a Rainha; e não soffrendo,  
 Que fosseis por mais tempo de huma ingrata  
 O público ludibrio, por pessoa,  
 Capaz de manejar qualquer destreza,  
 Fiz propôr a Pompeo da vossa parte  
 Hum pacto de amizade: Elle gostoso,  
 Este partido vantajoso acceita,  
 Com que espera trazer ao nosso jugo,  
 Em pouco tempo, as forças Lusitanas:  
 E porque sabe, que anda em nossas tropas  
 Acafo esta mulher desconhecida,  
 Que se diz ser Romana; generoso,  
 Com mil promessas de avultados premios,  
 O animo dispoz do mensageiro,  
 Para poder facilitar-lhe o modo  
 De encontrar-se com ella, ao mesmo passo  
 Que a fallar-vos chegasse.

*Corrobo.*

Ah charo Espano!

Que fieis, que politicas idéas!  
 Que providencias, dignas de memoria,  
 N'um Principe offendido! Mas que vejo!  
 Viriacia! ... E com ella .... oh Ceos! Fuja-  
 mos. (1)

SCE-

(1) *Vai-se.*

## S C E N A III.

*Viriacia, Sertorio, Curio, e Guardas.**Sertorio.*

**A** Sfastado Corrobo, de mim fuge:  
**O** meu receio, ó Rainha, he certo:  
 Mas, Viriacia, não temais, que a falta  
 De hum froxo defensor não enfraquece  
 As nossas forças; temos as que bastão.

*Viriacia.*

Não ha sitio, Senhor, nesta Cidade,  
 Nem lugar importante, que eu não visse,  
 Que eu não examinasse: Os que a defendem  
 São soldados fieis, são Lusitanos:  
 Não he o inimigo o que eu mais temo;  
 De outro susto maior me bate o peito:  
 Pompeo está chegando: A recebello  
 Já enviei as escolhidas Guardas,  
 Com que á minha presença neste instante  
 Será solememente conduzido.  
 Mas elle chega já. O Ceo me inspire.

## S C E N A IV.

*Pompeo, Sertorio, Viriacia, Curio, e Guardas.**Pompeo.*

**R** Espetando, Senhora, o vosso esforço,  
**E** as amaveis Virtudes, que vos cercão;  
 Huma perpétua paz, huma alliança,  
 Que os Deoses amão, que as Nações invejão,  
 Ho-

Hoje, em nome de Roma, vos offereço:  
 Eu já por vós me interessei com ella,  
 Pintando-lhe a grandeza da vossa alma:  
 Aquelle povo generoso, e forte,  
 Nascido só para dar Leis ao Mundo,  
 Quer a vossa amizade, e só pertende  
 Que lhe restituais alguns.....

*Viriacia.*

Ouvi-me?

O povo meu, que me erigio Rainha,  
 Foi para o conservar independente,  
 Foi para o defender; e hei de entregallo?  
 Hei de prender-lhe as mãos, para lhe pôrem  
 Novos grilhões de sujeição Romana?  
 Fazer escravo, a quem nasceo tão livre?  
 A nossa Lusitania he tão Senhora,  
 Como he a vossa Roma: Se orgulhosa  
 Affecta dictar Leis ao Mundo todo;  
 Do alto Capitolio, do meu Throno,  
 Das minhas proprias terras, daqui mesmo,  
 Posso pollir, posso dar Leis aos Póvos,  
 Que me vivem sujeitos: Não pertendo  
 Dirigir os alheios: A Justiça,  
 A Verdade, a Razão, a Temperança,  
 Que fugirão de Roma, aqui se adorão.  
 Em fim Pompeo.....

*Pompeo.*

Ah, eu não fei, Rainha;  
 Não fei, Senhora, se affiaes a espada,  
 Que vos ha de ferir! Pensais muito alto,  
 E temo a vossa proxima ruina:

Os

Os vossos poucos annos, e os conselhos,  
Talvez pouco prudentes, dos que vivem  
Dentro da vossa Corte, alguns Romanos,  
Que escapados da morte, vagabundos,  
E vencidos.....

*Sertorio.*

Quem são esses vencidos?  
Este rosto, Pompeo, sim se tem visto  
Na frente dos exercitos contrarios,  
De sangue, e pó cuberto muitas vezes;  
Porém nunca medroso, nem voltado:  
Essas mesmas campinas, que já forão  
De agonizantes, e de armados corpos  
Semeadas mil vezes, perguntai-lhe,  
Que mãos, que ferros as tingio de sangue;  
Perguntai-lhe quem foi, que dos Romanos  
Tantas almas mandou ao Reino escuro;  
Os Pretores, os Consules serião,  
A quem eu vi as costas? Com Sertorio  
Cuido que não fallais: Os meus soldados,  
Sim, os meus Lusitanos, brevemente....

*Pompeo.*

Basta, Sertorio: Sei o vosso esforço:  
De todos esses miseros Romanos,  
Sei qual fora o Destino; mas, Sertorio,  
Vede bem, que he Pompeo; com quem fallastes.  
E a vós, Rainha, quero dar-vos tempo  
Para pensar melhor: De vans quiméras  
Não vos alimenteis: Senhora, vede,  
Vede, que o tempo corre:...

*Vi-*

*Viriacia.*

A Viriacia,  
 He todo o tempo o mesmo: Eu não procuro  
 Fazer guerra a ninguém; a paz desejo;  
 Mas huma paz segura, honrada, e livre  
 Das vergonhosas condições, que Roma  
 Põe a seus alliados: Renuncio  
 Privilegios, e titulos pomposos,  
 Com que á gente insensata engana, e tenta:  
 Essa doce amizade dos Romanos,  
 Não he mais do que hum ferro, com q̄ imprimem  
 Na vergonhosa face dos viventes  
 A marca vil da escravidão infame  
 Dos pobres alliados: Essa fera,  
 Esse monstro de Roma, cuja boca  
 Sempre faminta, sempre ensanguentada,  
 Quer trazer as Cidades, e os Imperios,  
 Quando he que ha de fartar-se? Por ventura  
 Quererá engolir o Mundo inteiro?  
 Sim; dizei-me, Pompeo, se os Lusitanos  
 Fossem cercar a vossa illustre Roma;  
 Matar-lhe as gentes; destruir-lhe os campos;  
 Pôr-lhe de duras Leis pezado jugo;  
 Com intestinas batharas discordias  
 Envenenar-lhe o Tibre; que dirião?  
 Que dirião os vossos Senadores,  
 Padres conscriptos, povos illustrados,  
 Que querem ser os labios do Universo?  
 Pompeo, reflecti bem, pensai hum pouco:  
 Lisongeiros partidos não me tentão:  
 Protesto conservar livre o meu Reino,

Em

Em quanto tiver vida ; ou sepultar-me  
Com elle juntamente : Em fim , com vosco  
Nem quero a paz , nem me intimida a guerra. (1)

## S C E N A V.

*Pompeo , e Sertorio.*

*Pompeo.*

**N**ÃO sei , Sertorio , como vós , sabendo  
O vantajoso , o desigual partido ,  
Que temos contra vós , vedes , sem mágoa ,  
Correr precipitada esta Rainha  
A' sua perdição ! Contra nós , vede ,  
Que já não valem do passado engano  
As traições , e as industrias : Ellas armas  
Já valer vos não podem.

*Sertorio.*

Nem eu devo  
Aproveitar-me dellas : Este braço ,  
Este peito , essa gente , aquelle campo ,  
A simples força , a natural defeza ,  
A justiça da causa , em fim , aquelles  
Justos Deoses , sagrados Protectores ,  
Que se alimentão da verdade eterna ,  
Que vós desconheccis , serão as armas ,  
Com que vencer espero : Tal foi sempre  
O caracter dos nobres Lusitanos :  
Tal he agora o meu : E vós , bem cedo ,  
Vós , bem cedo , vereis neste theatro  
Das tragedias Romanas , se he preciso

(1) Vai-se.

Para Sertorio, o vil estratagemas  
 Daquella falsa fé, que n'outro tempo  
 Já deo ( se deo ) algum triumpho a Roma.  
 Do vosso braço, e do meu braço, o Mundo,  
 ( Que o Mundo algumas vezes faz justiça )  
 O poder, e o valor julgará hoje:  
 Julgará qual de nós merece o nome....  
 A Deos, Pompeo: No campo nos veremos.

## S C E N A VI.

*Pompeo só.*

**Q**ue soberbo caracter destas gentes!  
 Terriveis, perigosos inimigos.  
 Que faça o nome só de Roma, ouvido,  
 Estremecer o Mundo, e que não faça  
 Todo o poder das armas Consulares  
 Medo a hum canto da terra, tão pequeno,  
 Como he a Lusitania! Que os Romanos,  
 Devastando os limires do Universo,  
 Venhão, cheios de barbaros triumphos,  
 Perder aqui a gloria, que ganharão  
 De Africanas, Asiaticas conquistas!  
 Os mais famosos Capitães de Roma  
 Todos aqui perdêrão, ( que vergonha! )  
 Ou a vida, ou o nome. Ainda o Têjo  
 Corre turvo c'o sangue derramado.  
 De immensas vidas, de milhões de corpos.  
 Porém hoje vereis, ó Lusitanos,  
 Geração atrevida, que só sabe  
 Pompeo vingar a Patria: O pouco tempo,

*Que*

ACTO TERCEIRO 267

Que pedi á Rainha, foi somente  
 Para esperar aqui esta Estrangeira,  
 Que dizem ser Romana: E de Corrobo,  
 Principe de Galeces, acceitando  
 A precisa alliança, espero, espero  
 Com sua gente forte, dar principio  
 A vingança de Roma. Já, Sertorio,  
 Já, soberbo Sertorio, estás vencido,  
 Sem que Pompeo desembainhasse a espada.  
 Sim; para que he manchalla no teu sangue?  
 Não esperarás tanto: Neste dia  
 Porás nas minhas mãos, sem resistencia,  
 Os vencidos troféos: Dos teus soldados,  
 Inda hoje mesmo, os preparados ferros  
 Servirão só para cortar os louros,  
 De que espero croar esta cabeça.  
 Basta escutar-se do meu nome o eco,  
 Basta a minha presença temerosa  
 Para attrahir, para vencer as armas  
 Dos teus mesmos amigos: Com que affronta,  
 Descuberta a cabeça, o pé descalço,  
 Com os olhos no chão; com vis cadeias,  
 Entrarás entre os miseros escravos  
 Pelas portas de Roma! E com que gosto  
 Olharão para ti esses guerreiros,  
 De quem triunfaste já! Mas com que mágoa  
 Os parentes, e amigos! Será esta  
 A mulher, por que espero? Assim parece.



# VIRIACIA, TRAGEDIA

## SCENA VII.

*Aristia, e Pompeo.*

*Aristia.*

**A** Onde vou? Que empenho será este!  
De me fallar... não sei, não sei que fulto,  
Que gosto, e que temor, ao mesmo tempo,  
O inquieto espirito me agita!  
Mas que vejo!

*Pompeo.*

*Aristia!* Como! Oh Deoses!

*Aristia.*

**Pompeo!** Cruel Pompeo, inda tão longe  
Me persegues... fujamos.

*Pompeo.*

Chara Esposa,

Socegai-vos, detende-vos hum pouco:  
Vós neste sitio! Quem vos trouxe a elle?  
Peregrina, sem fausto, em terra estranha,  
Eclipsado o esplendor d'alta grandeza  
Do vosso nascimento! Que imprudencia!  
A vossa condição, o vosso sexo,  
O nome, a Fama, o credito da Patria  
Devieis respeitar: Que dirá Roma,  
Que dirá Lusitania, vendo a Esposa  
De Pompeo neste estado!

*Aristia.*

E neste estado,  
Que dirá Roma, Lusitania, o Mundo,  
Vendo os procedimentos inhumanos,

As sem-razões, a pública injustiça,  
 Que praticou com fúvolos pretextos  
 O Esposo de *Aristia*! Esse guerreiro,  
 Que se jacta de Herói, mas me convinha  
 A fama de etuel; de Tigre o nome;  
 Deixai, que de vos fuja...

*Pompeo.*

Amada Esposa,  
 Não me fuja; amada Esposa, basta  
 A minha confusão para castigo;  
 Para desculpa a minha mocidade,  
 Então inadvertida: Este consorcio  
 A meus loucos desejos se propunha,  
 Qual soberba montanha, que se erguera  
 Entre mim, e a Fortuna: Mas já agora  
 Dos meus erros passados...

*Aristia.*

Desses erros

Offendidos os Ceos, por sua conta  
 Corre a justa vingança: Eu sou quem tenho  
 Menos que perdoar-vos: Os Romanos,  
 Cujas barbaras Leis o permitirão,  
 Basta que vos desculpem: Sim, deixai-me  
 Deixai-me ir acabei, onde não haja  
 Quem seja testemunha das affrontas,  
 De que vos me cobristes: Vede, vede,  
 Que inda sou *Aristia*, e que esse tempo,  
 Que tantas vezes me chamastes *Vossa*,  
 Já se acabou: Ah! Não queirais, tyranno,  
 Segunda vez fazer-me desgraçada:  
 Da minha desventura satisfeito

S ii

Fi.

Ficai, que eu vou sentilla ..

*Pompeo.*

Que transporte

Vos perturba, Senhora? Reconheça  
Que sou réo ante vós; mas réo de hum crime,  
De que os Patrios costumes me livrarão,  
Antes de o commetter.

*Aristia.*

E das promessas.

Daquelle eterno amor, que me jurastes,  
Tambem as Leis vos salvarão?

*Pompeo.*

Senhora,

Não mallogreis o instante favoravel,  
Que a Sorte nos offrece. Ah! Crede, Esposa,  
Se fordes minha, que farei so vosso:  
Triunfastes de mim: fazei agora  
Que triunfe convosco.

*Aristia.*

E he possivel

Que eu me esquega, Pompeo, de que me fostes ...

*Pompeo.*

A ser victorioso neste dia,  
Vós podeis ajudar-me: Neste instante  
Dei a mão a Corrobo, e nos ligamos  
Para esta grande empreza, em que seremos,  
Senhores da Cidade em poucas horas;  
E podeis entregar-vos, sem receio  
A's direcções do Príncipe Corrobo,  
Que vos ha de fallar.

*Aris-*

ACTO TERCEIRO 171

*Aristia se.*

Que novos sustos!

*Pompeo.*

Senhora, não remais: que o Ceo nos guia.  
 Oh instante feliz! Elle parece  
 Que deste dia me duplica as glorias:  
 A Fortuna com ellas, para sempre,  
 Ha de dourar do nosso amor os laços;  
 Amavel Aristia, a Deos: He força  
 Que vos perca de vista estes momentos. (r)

SCENA VIII.

*Aristia se.*

A Deos, Pompeo: Sube a Fortuna, quando  
 Tornaremos a ver-nos: Tanto gosto  
 Tanta Ventura, eu não sei se a creia.  
 Hum coração feriuo, hum Tigre humano,  
 Inda, inda em Pompeo se me figura:  
 Este mesmo Pompeo compadecido,  
 Não he outro Pompeo; he esse mesmo,  
 Que já me fora ingrato: Sim, quem sabe  
 Se serão estes meus contentamentos  
 Letras c'o dedo sobre a agua escritas,  
 Que inda antes de formadas se confundem!  
 Depois de ser a fabula de Roma,  
 Inda serei da Lusitania o risco?  
 Triste imaginação, não me perturbes  
 Huma esperança fragil, que começa  
 Inda agora a nascer. Por hum instante

Dei-

(1) *Vai-se.*

Deixa-me crer no gosto, que me finge  
 O meu Pompeo, o meu amado Esposo:  
 Deixa-me com tão pouco estar contente;  
 Mas a minha alegria he misturada,  
 Não sei com que tristeza, com que susto!  
 Meu coração, (qual vaso, que tivera  
 Amargoso licor por muito tempo,  
 E que difficilmente se lhe tira  
 A força ingrata do sabor primeira)  
 Perder, perder de todo inda não pôde  
 Dos passados desgostos, que o cercarão,  
 Que o enchêrão de sustos, as angustias,  
 As nódoas, e os sinais: Porém sigamos,  
 Sigamos a Fortuna: A ti, Fortuna,  
 A ti, Amor, a ti, Pompeo, me entrego!

## ACTO QUARTO

### SCENA I.

*Sertorio, e Arcás!*

*Sertorio.*

**N**ão sei, Arcás, que novos sobressaltos  
 Trago no coração. Esta Raípha  
 Perturbada, parece que não pôde  
 Acabar de dizer tudo o que sente:  
 Não sei que temo, Arcás!

*Sertorio, Aufido, e Arcas.*  
**Antiosamente**  
 Vigiei este instante, em que pedes  
 Com vosso vassar-me só, para dizer-vos,  
 Que hoje Aristia com Pompeio foi vista  
 Largamente saltar, como em segredo.  
 Que dizeis! Aristia, que affectava  
 Temer a sua vinda ha poucas horas!  
 Que novos ameaços crescer vejo!  
 Que triste aspecto as cousas vão tomando!  
 Que negra tempestade vejo armár-se  
 Sobre nossas cabeças! Descontentes  
 O Principe, o Pompeio! Ah tudo excita  
 Os meus justos peccos! Mas as vezes  
 Desfazem-se em chuveiros de bonanças  
 As pezadas carrancas da tormenta.  
 Confiemos nos Deos. Mas, Aufido,  
 Para vós apressado! Que successo  
 Póde obrigalho a tanto!

SCENA II.

*Sertorio, Aufido, e Arcas.*

*Aufido.*  
**H**UMA noticia,  
 Que espalhada se vai de boca em boca  
 Entre os nossos soldados, me parece  
 Digna de reflexão. Publicamente  
 Dizem, que hoje a Rainha rejeitara

A

A paz em Roma, que Pompeo lhe offrece:  
 Deveis aconselhalla, e influir-lhe  
 Favoraveis tenções a vós, e a ella:  
 Não chaméis a desgraça, que inda vemos  
 Tão distante de nós: As alianças  
 Forão sempre as escoras dos Impérios:  
 Sem ellas, Roma, a mesma grande Roma,  
 Não chegara a ser grande. Ah! Não vós reque-  
 O gosto de mandar!

Sertorio.  
 Auido; a gloria  
 O valor, a razão, a experiencia  
 Por outro modo a discorrer me ensinão:  
 Quem diminua, quem enfraquece os Reinos,  
 São talvez essas mesmas alianças,  
 Que ou temor, ou a illusão vos pintão  
 Se Roma já he grande, nós faremos  
 Que ella seja maior? Essa amizade,  
 Com que se ajudão mutuamente os povos  
 Que os contém moderados nos limites  
 De huma justa grandeza, he quem sustenta  
 Huma certa igualdade, que se chama  
 Entre nós equilibrio: Em fim, no Mundo  
 Todos devem ter parte; e Roma nunca  
 Distingue a vassallagem da alliança:  
 Sempre são seus partidos affrontosos;  
 Quando já sente a mão enfraquecida  
 Com o pezo da espada, então do a ioutra  
 Semea sedições, maneja industrias,  
 Quaes as que vemos hoje: Esse sussurro  
 Hum meio he só de enfraquecer as forças

A

Das

Das tropas lusitanas: Sim; *Aufido*,  
 Para estas fracas gentes sempre foram  
 As traições fiadoras das victorias:

*Aufido*.  
 Ah eu tomo, Sertorio, neste dia  
 O Principe Corrobo! Elle convoca  
 Todos seus Capitães a huma assemblea:  
 Temo a sua resolta? Os seus soldados,  
 Separados dos nossos, formão corpo  
 N'um sitio vantajoso ao nosso campo;  
 De donde, q'uma vista ameaçadora,  
 Medindo estão qualquier dos movimentos  
 Que faz a nossa gente: Em fim receio,  
 Que as nossas forças não possão  
 Fazer huma pequena resistencia,  
 Quanto mais conseguir huma victoria!

*Sertorio*.  
 He *Aufido* quem falla? Oh Ceos! Que escuto!  
 O companheiro, o amigo de Sertorio!  
 Eu sou, eu sou o Capitão, e o Chefe:  
 Eleito por vós mesmo, por vós mesmo,  
 Que mandado por mim n'outras empresas,  
 Fizestes já, com desigual partido,  
 Estremecer Pompeo, fugir Metelo,  
 Que vos não balte, *Aufido*, as manifestas  
 Próvas do meu valor para animar-vos!  
 E que sobeje só para temerdes  
 Hum General de Silla; hum moço incauto,  
 Qual he Pompeo, qual pôde ser Corrobo!  
 Homens não temem homens; sim: Os Deos  
 Só nos são superiores: Confidemos,  
 Con-

Confieamos nos Deuses: Se até agora, que...  
 Nos forão favoráveis, ah! Que insultos, mal  
 Que grandes erros, que delictos novos...  
 Podem fazer-nos neste dia indignos  
 Da protecção: *Ceselle?* Vós se acaso  
 Sentis o vosso espirito gravado  
 De accusadores, de fálcaes remorsos,  
 (Sempre do nosso crime indícios certos)  
 Recorrei logo ás súplicas ardentes,  
 A's gratas expiações, que eu vos protesto,  
 Por estes mesmos Deuses, que este dia  
 Ha de fazer a Epoca brilhante  
 Dos tempos de Sertorio: Ha de escrever-se,  
 (Vós o vereis, ó Seculos futuros)  
 Para gloria nos Fastos Lusitanos,  
 Para deshonra nos Annals da Roma  
 Ausido, ter valor: Voltai ao campo:  
 Ide, esperai, sede huma vez Sertorio,  
 E em quanto eu busco as Ordens da Rainha,  
 Fico que exocyeis, as que já tendes.

*Ausido.*  
 Estai certo, Senhor, que a obedecer-vos  
 Parto, em vós, e nos Deuses confiado.

S C E N A III.

Sertorio, e Arcas.

Sertorio.  
**T** Ab tristes circumstancias são bastantes  
 Para abalar o animo mais firme;  
 A Rainha, sem divida, informada

-no 3

EF-

Está de alguma, dellas: Aristia  
 Pompeo... Corrobo... que resolver pôde  
 Toda a prudencia humana? Não supponha,  
 Que tão perto de nós se preparava  
 O golpe ameaçador; por Virácia  
 He que temo fomite. Ah! Que ella chega!  
 Deoses, affugem, desta Rainha  
 As desgraças, que a cercão! Mas, fujamos  
 Mais valor do que temos: A esperança  
 He a ultima cousa, que em nós morre.

S C E N A IV

Virácia, Sertorio, e Arcás.

Sertorio.

Chegou em fim, magnanima Rainha,  
 O venturoso instante, em que seremos  
 De huma gloria immortal ambos creados:  
 Espera-nos Pompeo, e os nossos ficão  
 Promptos para envestir; só me faltava  
 Vir á vossa presença: Os vossos olhos,  
 Os vossos bellos olhos, são as luzes,  
 Onde o meu coração ardendo busca  
 Purificar-se das terrenas manchas  
 De fraco, e de mortal: Elles me influem  
 Parte do seu espirito: Não temo,  
 (Por vós o juro, se de tal sou digno)  
 Não temo a guerra, não me affusta a morte;  
 Para vencello só basta lembrar-me  
 Que contendo por vós: Em vosso nome,  
 Que invocarei mil vezes nos assaltos,

To-

Tomarei novo esforço: Em fim, Senhora,  
 Neste momento, de que pende a gloria  
 De toda a Lusitania, a vossa graça  
 He o unico auxilio, que procuro,  
 He o unico Templo, que visito.

*Viriacia.*

Virtuoso Sertorio, o vosso esforço,  
 As vossas expressões, o vosso zelo,  
 As cousas grandes, que a vossa alma enfieta,  
 Em fim, hum não sei que, que em vós descubro,  
 Que vos põe muito além da esfera humana,  
 Digno vos faz da doce recompensa,  
 Que hum Heroe, como vós, que ama a virtude,  
 Pôde esperar de huma mulher Rainha.

*Sertorio.*

Sertorio nada espera; e se esperara,  
 Só fora amar-vos mais, se mais pudesse:  
 Não amo a guerra pelas consequencias  
 De importantes despojos, amo a guerra  
 Sómente, porque he guerra, porque he justa,  
 Porque vós a fazeis, e mais que tudo,  
 Pelos altos estimulos da gloria  
 De offrecer hoje aos vossos pés triunfantes  
 Roras bandeiras, destroçadas lanças:  
 Aquelle mesmo reverente affecto,  
 Que tantas vezes me obrigara a ver-vos,  
 He neste instante, (que custoso instante!)  
 Que a deixar-vos me obriga: A Deos, Senhora...  
 Em fim, a Deos, Rainha... a Deos.

*Viriacia.*

Sertorio?

Ser-

*Sertorio.*

Senhora!

*Viriacia.*

Oh justos Deos! Como he possivel  
 Que vos veja partir, e que não possa  
 Tambem acompanhar-vos! Permitti-me  
 Que morra junto a vós, que ao vosso lado:  
 Vos sustente o broquel, ministre as lanças;  
 Outras vezes, se acaso no combate  
 Ameaçado vos vir de mão traidora,  
 Ou correrei a receber-lhe o golpe,  
 Ou vos darei final, soltando hum grito;  
 Não he desconfiar do vosso esforço,  
 He dar-vos huma prova do meu zelo;  
 Eu quero acompanhar-vos resoluta.

*Sertorio.*

Socegai-vos, Senhora, a minha vida  
 Não vale tanto, que nos custe a vossa:  
 Por mim, por vós, por ella aos Deoses juro  
 De vos deixar vingada; mas, Senhora,  
 O tempo corre, permitti que parta:  
 Crede, ó Rainha, que vos levo n'alma,  
 Onde reinareis sempre: Não se estendem  
 A tanto os vis Imperios da Fortuna,  
 Que lá vos fação guerra: Mas a guerra  
 Torna a chamar-me: He tempo. A Deos, Senhora.

*Viriacia.*

Mas, Senhor, esperai... Em fim, Sertorio,  
 Eu fico, e vós partis? Deoses, que pena!  
 Que extremo de impaciencia! Ah! Que eu não posso  
 Viver sem vós, nem acabar convosco!

*Ser-*

*Sertorio.*

Já me falta o espirito. Senhora,  
Olhai que nos perdidos: Permitti-me....  
Ai Deos, Senhora: Crede que vos amo.

*Viracia.*

Posso morrer no vosso amor segura?  
Amais quanto dizeis?

*Sertorio.*

Vós me abonastes  
Ha bem poucos instantes? Como posso  
Deixar de vos amar, se amo a virtude!

## S C E N A V.

*Curio com os precedentes.**Curio.*

**A** Pressai-vos, Senhor, que os inimigos  
Já para esta Cidade se encaminhão:  
Vede, vede, que he tempo....

*Sertorio.*

Sim: He tempo:  
E aonde ficão de Corrobo as tropas?

*Curio.*

Marchão com passo vivo as de Pompeo;  
Mas ainda em distancia consideravel,  
Não se distingue bem se as de Corrobo  
Virão incorporadas: Entre nuvens  
Do ego pó, que os esquadrões levantão,  
Entre o tropel de Numidas cavallos,  
Gemendo vem as gravidas cartetas  
C'os peurechos de guerra: Mais ao longe

Va-

Vagaroso, pezados Elefantes,  
 Formidaveis á vista, me parecem  
 Montanhas, que se movem: Treme a terra  
 Com tanto pezo: As inquietas lanças  
 Dos errantes soldados, representão  
 Qual da ondosa grandissima feára  
 As fluctuantes, aridas espigas,  
 Açouradas do vento: Os nossos ficão  
 Medrosos, não de todo, mas turbados:  
 Importa muito que volteis ao campo  
 A animar nossa gente.

*Sertorio.*

Sim: Eu parto,  
 Eu corro a soccorrellos, e a vingá-vos:  
 Invencivel Rainha, de Corrobo  
 Não temais as traições: Vivei segura;  
 O coração não mente: Os grandes Deoses  
 Não enganão os homens: Tudo, tudo  
 A mais certa victoria nos promette:  
 A voz do Ceo escuto; elle me falla:  
 O meu rival, o perfido Corrobo,  
 Hoje mesmo, hoje mesmo, atado ao carro,  
 Servirá de trofeo á vossa gloria:  
 He preciso partir.

*Viriacia.*

Partis, Sertorio?

*Sertorio.*

Fico com vosco, levo-vos comigo. (1)

S C E

(1) Vai-se.

## S C E N A VI.

*Viriacia, e Curio.**Viriacia.*

**A**H querido Sertorio! Quanto temo  
 Teu incerto Destino! Esta Estrangeira,  
 Tu me disseste, Curio, que fallára  
 Com Pompeo em segredo ha poucas horas!

*Curio.*

Nada distintamente escutar pude;  
 Mas nos alegres rostos se lhes lia  
 Hum interno alvbroço; huma esperança  
 De exito venturoso no successo,  
 Que acautelados entre si tratarão:  
 Ficou depois hum pouco pensativa;  
 E fazendo observar-lhe os movimentos,  
 Sei, que, antes de sahir desta Cidade,  
 Fallára com o Principe Corrobo;  
 E que vão para o quarto de Arístia  
 Gentes desconhecidas concorrendo:  
 Da facção de Corrobo se presumem.

*Viriacia.*

Com Pompeo Arístia! E vacillante!  
 O Principe Corrobo! De Sertorio,  
 O zelo que fará? O que o esforço?  
 O que huma Rainha, rodeada  
 De traições infames, de vis enganos  
 Urdidos pelas mãos dissimuladas  
 De inimigos domesticos? Injusto,  
 Orgulho de Pompeo, mulher infame,

Cor-

Corruptos Capitães, armas indignas,  
 Armas só feitas para as mãos daquelles  
 Inimigos da honra, e da verdade,  
 A quem o justo Ceo fecha os ouvidos,  
 A quem não vale a protecção dos Deoses.

## S C E N A VII.

*Elmira, e os precedentes.*

*Elmira.*

**A**H Senhora! Perdidos somos todos!  
 Huma tropa infiel de homens armados  
 Sahio com Ajustia do seu quarto:  
 Tumultuariamente correm todos:  
 He tudo confusão, desordem tudo:  
 Impossivel parece a resistencia,  
 Quanto mais a victoria: Oh Ceos! Fugamos,  
 Procuremos salvar-nos! De Corrobo  
 Outro corpo de tropas ás muralhas  
 Dizem que se avizinha.

*Viriacia.*

Ide, apressai-vos, (1)  
 Convocai, em meu nome, toda a gente  
 Capaz de tomar armas; toda, toda  
 De ambos os sexos, de ambas as idades:  
 Se houyer algum tão vil, que vacillante  
 No sacrosancto amor, que a Patria deve,  
 Duvide froxo, irresoluto fique,  
 Fazei o que eu fizera: A vossa espada  
 Com elle augmente o número dos mortos:

*Tom. II.*

*T.*

*Ide.*

(1) *Para Curio,*

Ide, em quanto eu não vou, c'ò meu exemplo;  
 Com a minha vida, c'ò meu sangue todo,  
 Encher de inveja a Fama, a Patria de honra,  
 Roma de confusão, de gloria o Mundo.

*Curio.*

A executar as vossas Ordens parto.  
 Encommendai aos Deoses o successo,

### S C E N A VIII.

*Viriacia, e Elmira.*

*Viriacia.*

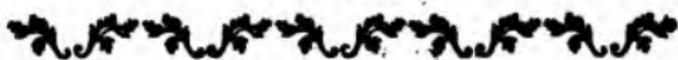
**P** Ara isto, Fortuna mentirosa;  
 Para isto he que fui... oh Patria! Oh Deoses!  
 Oh Lacobriga! Oh sombra generosa  
 Do grande Viriato! Vedes, vedes  
 A vossa soberana, a vossa filha  
 Cercada desses mesmos deshumanos,  
 Que o jugo vos puzerão, que tirarão  
 A vida ao defensor, que peleijara  
 Só pela vossa honra, e não vos move  
 O estado, em que estou? Pois vinde, vinde  
 O' assassinos de meu Pai, tirai-me  
 C'ò a mesma espada a vergonhosa vida,  
 Ainda mais cruel, que a mesma morte:  
 Mas primeiro estas torres, estes muros,  
 Estes sagrados Templos, estas mesmas  
 Paredes de Palacio, reduzidas  
 A cinzas se verão; e as mesmas cinzas,  
 Que restarem do estrago, aos Deoses juro  
 Defender, até dar o ultimo alento:

*Que*

# ACTO QUINTO

285

Que ás vezes o temor faz valerosos :  
Faz a consternação desesperados.



# ACTO QUINTO

## SCENA I.

*Aristia preza conduzida por Guardas*

*Aristia.*

**O**nde estou ! Que fiz eu ! Injustos Deoses !  
Que horror ! Que susto o coração me agita !  
Sonhadas alegrias , vans promessas ,  
Crédulas esperanças , já de todo  
D'ante meus tristes olhos me fugistes :  
Para elles não ha mais do que as sombras  
Dos infames delictos , que me accusão :  
Indignos são de ver os resplandores  
Do luminoso dia ; nem me atrevo  
A erguellos para o Ceo de envergonhada.  
Que facil fui ! Que deshumano has sido ,  
Imprudente Pompeo ! Estas cadeias  
São os dourados , venturosos laços ,  
Com que havia de unir-nos para sempre  
A Fortuna , e Amor ? Tu me lançaste  
Neste profundo abysmo de misérias :  
Tu as cruentas Aras erigiste :  
Tu me trouxeste ao sacrificio infame  
De huma perpétua injúria : Sim : Tu mesmo ;

T ii

Tu

Tu me fizeste Authora de huma culpa,  
Que, ainda perdoada, não se extingue  
Na memoria das gentes.

## S C E N A II.

*Aristia, Viriacia, e Elmira.*

**D** *Viriacia.*  
Izei-me, que motivo....

*Aristia.*

Amargo lance!

Senhora, a negra mão de antigos Fados,  
Que sempre como sombra me acompanhão,  
Os olhos me fechou, guiou meus passos  
Ao fatal precipicio, em que me vedes  
De todo despenhada: Eu sou a triste  
Esposa de Pompeo, (que nunca o fora!)  
Entrei na vossa Corte perseguida;  
Porém não aleivosa: Mas, Rainha,  
Pompeo..... o amor.....

*Viriacia.*

Já sei: Fez-vos traidora:

Ereis Romana, haviéis ser ingrata:  
Que Leis sagradas, que civis costumes,  
Que honrados sentimentos influirão  
Na vossa educação! He deste modo,  
He deste modo, que a polida Roma  
Nutre a sua grandeza! He este o premio  
Do brando acolhimento, que encontrastes  
Nas minhas terras? Do benigno hospicio,  
Que Sertorio vos deo, o premio he este?

Le:

Levai-a; e preza fique, até que ordene  
Qual seja o seu castigo.

*Aristia.*

Basta, basta

Para castigo a minha desventura,  
A minha confusão, a minha afronta:  
Eu quero ser, grande Rainha, eu quero  
Ser a mais empenhada medianeira  
Entre vós, e Pompeo: Vede, Senhora,  
Que ainda póde ser.....

*Viriacia.*

Bem vos entendo:

Tomai bem as medidas aos projectos,  
Que vos propõe a vossa temeraria,  
Orgulhosa esperança: Por ventura  
Esperais ver Pompeo victorioso  
De mim, e de Sertorio? E que imploremos  
A vossa protecção? Se a minha Sorte....  
Mas inda não he tempo: Retirai-vos.

*Aristia.*

Que confusão! Oh Deoses! Acabai-me! (1)

### S C E N A III.

*Viriacia, e Elmira.*

*Viriacia.*

JÁ os Deoses piedosos principião  
A ouvir nossos rogos: Já começo  
A ver alguns principios de triumpho:  
Bastou minha presença na Cidade,

*Pa:*

(1) *Vai-se.*

288: VIRIACIA. TRAGEDIA

Para pôr em socego aos habitantes:  
Desamparando as casas, perturbados  
Fugião, sem saber onde fugião:  
As temerosas Mães, os tenros filhos  
Apertando nos braços, levantávão  
Por toda a parte inconsolavel pranto:  
A tropa, que as muralhas guarnecia,  
Posto que forte, e bem disciplinada,  
Não esperando a subita violencia  
Do intestino assalto, peleijava  
Contente de morrer, pois da victoria  
Desconfiavão todos: Chego; e á vista  
Da consternada gente, sopezando  
A lança, que levava, me convido  
Para ser a primeira, que atacasse  
Os insolentes, perfidos authores  
Da infame fedição: Todos recobráo  
O perfido valor: Sem consentirem  
Que eu os acompanhasse, arremetterão  
A gente de Corrobo, que forçava  
A porta principal: Em fim ganhámos  
O posto, que perdemos: Aristia,  
Esta indigna mulher, no meio delles  
Os animava com razões forjadas  
Nas barbaras póliticas de Roma:  
Mas eu estou contente! Justos Deoses!  
Qual será o Destino de Sertorio?  
Ah que se elle não entra em Lacobriga,  
Hoje mesmo triunfante, de que servem  
Todas estas victórias!

El

*Elmira.*

Da Fortuna

Porque desconfiais, quando vos mostra  
Tão risinho semblante?

*Viriacia.*

Ah minha Elmira!

Quem crê nos falsos risos da Fortuna,  
Não a conhece bem. Mas Curio chega.

## S C E N A IV.

*Viriacia, Curio, e Elmira.**Viriacia.*

**Q**ue notícia nos dais do nosso campo?  
Pudestes das muralhas observallo?  
Distribuístes, Curio, as minhas ordens  
Como eu vo-las passei? Como encontrastes  
O animo dos nossos? Ficão todos  
Promptos, e firmes para a nova empreza!

*Curio.*

Senhora, a inexpugnável Lacobriga  
Cozando fica de huma paz serena:  
Os seus alvoroçados habitantes  
Subidos nas muralhas, não se fartão  
De dar graças aos Deoses; repetindo,  
De quando em quando, entre festivos ecos,  
O vosso grande, e respeitavel nome:  
Jurão todos por elle, ao vosso lado,  
Perder antes a vida, do que a gloria  
De acabarem com vosco: Mas do campo  
Nada pôde saber-se: Só se observa

Ao

Ao longe o vulto de hum guerreiro armado ;  
 Que tão rapidamente se encaminha  
 Para esta Cidade , que parece  
 Que o chão não trilha , que não rompe os ares.

*Viriacia.*

Não posso : He tempo de quebrar de todo  
 A rédea ao soffrimento : De Sertorio  
 Eu mesmo irei saber , qual o Destino ,  
 Qual a Sorte tem sido : Hum só instante  
 Sobreviver não quero á sua perda :  
 Vou perder-me com elle : Sim ; no meio  
 Das inimigas lanças , juro aos Deoses . . . .  
 Porém Arcás cheio de fangue , e pó cuberto !  
 Esperemos : Primeiro quero ouvillo.

*Arcás.*

Venturosa , e magnanima Rainha ,  
 Somos felices , fomos vencedores ,  
 Fugio , fugio Pompeo ; triunfou Sertorio :  
 Elle por mim vos manda esta noticia ,  
 Em quanto a vossos pés não vem trazer-vos  
 Os vencidos despojos da batalha.

*Viriacia.*

Que gosto ! Que inriior contentamento !  
 Ah meu Arcás ! Tanta ventura he certa ?  
 Ah ! Dize-me , e Sertorio , o meu Sertorio ,  
 Inda tardará muito ? Vem ferido ?

*Arcás.*

O fangue todo , que lhe tinge as armas ,  
 He dos seus inimigos : Tão illéso  
 Volta , como partira : Chega ao campo ;  
 E c'os olhos correndo as nossas tropas ,

As

As observou tão froxas, que parece  
 Que já hião vencidas: De Corrobo  
 As alcivoſas gentes ſe puzerão  
 A favor de Pompeo, e parte dellas  
 Para eſta Cidade ſe aprefſárão:  
 Sertorio ſe perturba; e não podendo  
 Voltar a foccorrer-vos, porque eſtava  
 Em acção de investir contra os Romanos,  
 Que vinhão procurallo, vendo quaſi  
 Deſanimados já os ſeus, e os noſſos,  
 Os Capitães do exercito convoca  
 Para a frente das tropas; e ſubido  
 N'um lugar alto, a todos dominante  
 De huma voz, que as entranhas penetrára  
 Do ſurdo abyſmo, em que Plutão ſe encerra;  
 Soltou eſtas palavras temeroſas,  
 Que a ira lhe enſinou mais que a eloquencia:

*Amados Luſitanos, companheiros,  
 Mais do que ſubalternos de Sertorio,  
 Que ira dos Ceos, que vil deſconfiança  
 Vos ata as mãos? As mãos, que n'outro tempo  
 Tão famoſos triumphos recolherão,  
 Tantos, tantos Romanos maneatarão;  
 Tanto ſangue eſparzirão; tantas vezes  
 Se erguerão para os Idolos devotos  
 A dar-lhes graças nos piedoſos Templos,  
 Cujas paredes inda eſtão cubertas  
 De pendentos deſpojos! Neſtes valles  
 Inda ao longe parece que ſe eſcutão  
 Os laſtimosos, ultimos gemidos  
 Das miſeras donzellas, que eſpirarão*

*Abra-*

Abraçadas co' a terra ás mãos infames .  
 Dos soldados de Galba: O' gente forte ,  
 Que esperais? Que temeis? Hum alliado ,  
 Que havia ser traidor , já era indigno }  
 De ser nosso alliado: Que perdemos?  
 Que nos levou? Tirou-nos a justiça?  
 Das mãos a espada? Os corações do peito?  
 A protecção dos Deoses? A Fortuna?  
 Tudo temos ainda; ainda somos  
 Os mesmos que até agora: Eu reconheço  
 O perigo , em que estamos; mas se he grande ,  
 Maior será a gloria , que resulta  
 De morrer pelejando , que fugindo.  
 Haveréis de abandonar , ( suspirando  
 Disse: ) A vossa Rainha , a nossa amavel ,  
 Antiga protectora? Ao mesmo tempo ,  
 Com o braço estendido , nos mostra  
 As tropas dos Romanos , que já vinhão  
 Muito perto de nós ; e continúa :  
 Esperais que estes barbaros Romanos  
 Nos venhão desarmar? Tirar as vidas ,  
 Como a mansos cordeiros? Que vergonha!  
 Vamos , vamos morrer. Para investillos  
 Deo final a trombeta Lusitana :  
 Avançam todos ; cada hum dos nossos  
 Hum Sertorio parece : Ferem , matão ,  
 Vencem , triunfão ; finalmente , cantão  
 A victoria maior , de que tem sido  
 De Lacobriga os montes testemunhas :  
 Por elles vai fugindo envergonhado  
 Pompeo , e alguns dos seus , que mal poderão

Es-

Escapar a Sertorio: Elle não pôde  
Tardar muitos instantes; pois voltava  
Para esta Cidade, receando  
Os insultos das armas de Corrobo,  
Que virá para ella encaminhar-se.

*Viriacia.*

Ah meu Arcás! Que justos são os Deoses!  
O' Razão, ó Justiça, ó Innocencia,  
Filhas do Ceo, authoras da victoria,  
As mais seguras, invenciveis armas,  
Com que os Reinos pelejão; alliados,  
Que nunca se corrompem; alicerces,  
Que nunca dão de si: Em vós se fundão  
Todas as minhas forças: Já de todo  
As traições, e os enganos se acabárão!  
Já para o negro Tartaro descêrão  
As vingativas Furias! Vamos, vamos  
O Templo visitar. Mas vem Sertorio!

### S C E N A V.

*Sertorio, Viriacia, e os precedentes.*

*Viriacia.*

**P** Ermitte o Ceo em fim, que torne a ver-vos,  
E a ver-vos vencedor! Estimo em menos  
Todos os interesses da victoria,  
Do que a reputação do vosso nome,  
E a vossa amavel vida, pois sem ella  
Hum só instante a minha não durará.

*Sertorio.*

Pela vossa, ó Rainha, he que o meu zelo  
Tra-

Trabalhou, e venceu tantos perigos:  
Elles forão os creditos, os louros,  
A gloria, a Fama, a honra, que pôdia  
Esperar quem não tinha outra esperança,  
Do que ver-vos vingada, e do que ver-vos.  
Os Deoses me livraráo.

*Viriacia.*

Mas dizei-me,  
Quem são os prizioneiros? De Corrobo  
Como foi o Destino?

*Sertorio.*

Foi, Senhora;  
Qual esperar-se de hum traidor podia:  
Igualou na balança a Sorte, e a culpa:  
Já sabeis por Arcas, que este tyranno  
Se separou dos mais, vindo atacar-vos  
C'uma parte dos seus, sem que eu pudesse  
Embaraçar-lhe o passo; mas vencidos  
Os perfidos Romanos, tendo a gloria  
De ver fugir Pompeo desbaratado,  
Voltando a soccorrer-vos, no caminho  
Encontro o vil Corrobo, que fugia  
Tambem desta Cidade: Em fim de medo  
Elle, e os seus perturbados não pudérão  
Fugir de todo ao impeto dos nossos,  
Que entre colera, e gosto, com que vinhão  
Da passada victoria, os atacárão  
Quasi sem resistencia: Huns arrojárão  
As armas sobre a terra, outros as armas  
Deixárão cahir das mãos, pedindo a vida;  
Todos em fim se rendem, só Corrobo,  
Não

Não querendo viver, desesperado  
 Intenta antes matar-se, que render-se:  
 Os nossos lho embaração; e eu lhe mando  
 Logo prender as mãos, tirar a espada:  
 Prisioneiro o conduzo, e prezo fica  
 C'os infelices socios, que tiverão  
 A mesma Sorte: Finalmente, delles  
 O vosso arbitrio decidir só pôde;  
 E na vossa presença, neste instante  
 Serão julgados todos: Só esperão  
 Que mandeis, que appareção.

*Viriacia.*

Sim, que venhão,

E rambem Aristia. (1)

### S C E N A VI.

*Corrobo com ferros, varios Capitães, com  
 os precedentes.*

*Corrobo.*

**A**H! Que até foge  
 De mim a mesma morte! Amigas Parcas,  
 Que tantas almas a Plutão levastes  
 Dos companheiros meus; tanto vos péza,  
 Tanto vos péza a minha? E tu, Sertorio,  
 Tanto nella te vai? As mãos me folka;  
 Com ellas mesmas eu verei se posso  
 Quebrar o negro fio, que sustenta  
 Huma vida tão triste: Acaba, acaba

De

(1) *Senta-se.*

De triunfar de mim, como triunfaste  
 Do duro coração dessa Rainha,  
 Que eu não pude abrandar; que não pudéram  
 Meus suspiros, e lagrimas movello:  
 Faze-lhe o gosto, tira-me do Mundo,  
 Em cuja face apparecer não deve  
 Hum monstro aos mesmos monstros odioso,  
 Que infecta com seu halito maligno  
 O ar da Lusitania, a terra toda,  
 O mar, e o Ceo; até ao mesmo Inferno  
 Será minha presença pavorosa  
 Hum tormento de mais aos condemnados;  
 Mas he Corrobo tal, que não merece  
 Ainda a mesma cólera dos Deoses:  
 Não tem Jupiter raios; não tem penas  
 O inexoravel Minos, que se possão  
 Medir co' as minhas culpas: Oh se houvesse!  
 Oh se houvesse hum lugar fóra do Mundo,  
 Aonde respirasse; onde não visse  
 Mais do que! . . . . O espirito me falta,  
 Acaba-me, Sertorio.

*Sertorio.*

Não, Corrobo;  
 Desgraçado Corrobo, a minha espada  
 Não se fez para barbaro cutelo  
 De victimas humanas, que não podem  
 Empunhar outra espada.

SCE-

## S C E N A VII.

*Aristia, e os precedentes.**Aristia.*

**A** Cada instante  
 Bebendo estou mil mortes! Oh que lento,  
 Vergonhoso supplicio! Sem desculpa,  
 Sem amigos, sem Patria, sem Esposo,  
 Na terrivel presenca da Rainha,  
 Que novamente me encherá de injúrias!  
 Companheira do crime de Corrobo!  
 Ah Fortuna! Ah Pompeo!

*Sertorio.*

Como he possivel  
 Que Aristia tambem contra nós fosse!

*Viriacia.*

Tu, Aristia, observa quão differentes  
 São nossos corações: O teu respira  
 Huma injusta vingança; e o meu perdoa  
 Huma infame traição.

*Aristia.*

Do meu Destino  
 Tu es hoje a Senhora: Faze agora  
 De mim o que quizeres; pois he tua  
 A brilhante Fortuna deste dia.

*Viriacia.*

Não he o meu triunfo o que o faz grande,  
 Sim a minha piedade unicamente:  
 Para vos perdoar he que o estimo:

Não

1  
208 VIRIACIA. TRAGEDIA

Não me quero vingar: Para vingança  
Basta poder tomalla: Eu vos perdoo.

*Sertorio.*

Oh esforço! Oh virtude do Heroísmo!

*Aristia.*

Oh famosa Rainha, digno fangue  
Do grande Viriato! Serás sempre,  
Onde quer que a Fortuna me acompanhe,  
Dos meus louvores o mais alto assumpto,  
Nascida para exemplo dos que mandão  
Sobre a caduca terra: Rodeado  
De tão nobres virtudes, o teu Throno  
Dure, em quanto no Mundo houver vassallos;  
Pois só tu, tu só es entre os humanos  
Alma Real, dignissima de Imperios.

*Corrobo.*

Que horror! Que pejo dentro d'alma encerro!  
N'um mar de indignação fluctua, e bate  
O afflicto coração! Em vez de fangue,  
Mortal veneno as veias me circula.  
Já deste corpo o espirito raivoso  
Quer fahir, e não póde: Já me falta  
A luz, a força, o soffrimento; tudo  
Me vai desamparando: Já não posso...  
Sobrevier não posso á minha affronta.  
Sim, até Aristia testemunha.....  
Quando espero morrer, se hoje não morro!

*Viriacia.*

Vivei, vivei, Corrobo, que o castigo  
Tereis na propria infamia: Dai-lhe as armas;  
Soltai, soltai-lhe as mãos: abri-lhe as portas:  
Ide

Ide bater ás da soberba Roma,  
 A recolher em si acoftumada  
 A traição, e a perfidia: Sim; dizei-lhe;  
 Que nós os Lusitanos não sabemos  
 Abusar da desgraça dos vencidos:  
 Que aprendão deste exemplo a fer com elles  
 Mais fieis, mais polidos, mais humanos.

*Corrobo tomando a espada.*

Sim; he tempo. Rainha deshumana,  
 Venturoso Sertorio, vede, vede  
 Da solta liberdade, que me déstes,  
 O uso, que hoje faço: Acaba, morre,  
 Morre, infeliz Corrobo. Viriacia;  
 Já que não pude . . . a Deos, n'alma te levo. (1)

*Viriacia.*

Oh Ceos! Oh Ceos! Que barbara vingança!  
 Que impiedade! Tirai d'ante meus olhos  
 Tão triste objecto.

*Sertorio.*

Vil procedimento.

*Viriacia.*

Vamos, Sertorio, agradecer aos Deoses  
 Tão grandes, favoraveis beneficios;  
 Ante cujos Altares, coroados  
 De sacrosanctos louros, ficaremos  
 Por Hymineo ligados para sempre.

(1) *Mata-se.*

THE  
LIBRARY  
OF THE  
MUSEUM OF  
COMPARATIVE ZOOLOGY  
AND ANATOMY  
HARVARD UNIVERSITY  
CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS  
U.S.A.

1911

1911



MISCELLANEA  
DE  
JOÃO XAVIER DE MATOS.  
M O T E

*Quanto importa, e quanto val  
Para o mal, e para o bem,  
Quem de seu hum casal tem,  
Que viva no seu casal.*

F GLOZA DO A.

Abio, que foi Cortezão,  
Remediado, e válido,  
Quanto dera de haver sido  
Antes hum pobre Aldeão!  
Sim reyé da sua mão  
Pendente o arbitrio Real:  
Foi grosso o seu cabedal:  
Pôde o que quiz sem demora;  
Mas pergunte-se-lhe agora  
*Quanto importa, e quanto val.*

V ii

Que

Que importa o ter governado  
 Com ordens vistas, e occultas?  
 Se hoje as que propõe consultas  
 São de tão misero estado:  
 Antes que o Sceptro, o Cajado  
 Servira como convem:  
 Nas Cortes não vive alguém  
 Seguro a bem, nem a mal:  
 No campo serve hum casal  
*Para o mal, e para o bem.*

Não he melhor ter o amanho  
 Da lavoura, inda que pobre,  
 Que vir a parar hum Nobre  
 N'um desamparo tamanho?  
 Ter de ovelhas hum rebanho;  
 Que as pelles, e o leite dem?  
 Não há mais seguro bem:  
 Pois quanto ao discurso meu,  
 Não sabe o que tem de feu,  
*Quem de seu hum casal tem.*

Estas cousas são tamanhas,  
 Medidas pela razão,  
 Que a sua ponderação  
 Tem povoado as montanhas:  
 Mas se acaso são estranhas  
 A' aquelle, que em caso tal  
 Se não vio, fugindo ao mal,  
 Eu lhe recommendo aqui,  
 (Porque viva para si)  
*Que viva no seu casal.*

MO-

## M O T E

*Tão costumado a desgraças  
 Estou vivendo em meus males,  
 Que mais me assustão os gostos,  
 Que me atormentão pezares.*

## G L O Z A D O A.

**C**Ruel Fortuna, ergue a mão,  
 Fere, mata-me a teu gosto,  
 Que não se me enfia o rosto,  
 Nem me bate o coração:  
 Vejo o raio, ouço o trovão,  
 Sem que estremecer me faças:  
 Em vão, em vão novas traças  
 De assustar buscando vens  
 A hum triste, que tu já tens  
*Tão costumado a desgraças.*

Póde hum gosto acabar  
 A quem feliz se presume;  
 Mas a hum triste por costume,  
 Só póde hum gosto matar:  
 Podes, por me atormentar,  
 Empenhar tudo que vales;  
 Que não he crível que abales  
 A constancia deste peito,  
 Com que já tão satisfeito  
*Estou vivendo em meus males.*

Já

Já com animo sereno

Vejo o teu gesto medonho :  
 Sem tremer me a mão , já ponho  
 A' boca o cruel veneno :  
 Peno , sem saber que peno ,  
 No meio dos meus desgostos ;  
 Mas se assim os tens dispostos ,  
 Porque algum delles me acabe  
 De susto ; enganás-te , e sabe,  
*Que mais me affustão os gostos.*

Quando nelles imagino ,

Que só assim posso tellos ,  
 Só em cuidar que hei de vallos ,  
 Falta-me a luz , perco o uino :  
 Muda , muda o teu Destino ;  
 Que para me atormentares ,  
 São estes mais singulares ,  
 E fica desenganada ,  
 Fortuna , de pouco , ou nada ,  
*Que me atormentão pezares.*

MO-

## M O T E

*No Templo do Deos Cupido,  
Com incessante porfia,  
Em seus profanos Altares  
Todo o mortal sacrifica.*

## G L O Z A D O A.

**M**Arcia, esses factos, que estão  
Pintados de Amor no Templo,  
Se eu pudera, para exemplo  
Riscára co' a propria mão:  
Em lugar delles então,  
Para mais honra de Cupido,  
Tendo huma estatua erigido:  
A' tua belleza rara,  
Só fora a que collocára  
*No Templo do Deos Cupido.*

Alli de nenhuma forte  
A louca Venus pintára;  
Nem a historia recordara  
Desse adultero Mavorte;  
De Dido a barbara morte,  
De Eneas a tyrannia,  
E o mais que o pincel fingia,  
Sem nascer de amor fizudo,  
Por isso reprovo tudo  
*Com incessante porfia.*

Sem

Sem recorrer a ficções,  
 Menos a historias incertas,  
 Pintara puras offertas  
 De mais limpos corações:  
 O meu livre das paixões  
 De espiritos populares,  
 Do Templo em Santos Lugares  
 Ardêra, que fora horror  
 Queimar tão casto penhor:  
*Em seus profanos Altares.*

Aos pés da tua figura  
 Fora o meu Altar mais certo,  
 Por ir ahi de mais perto  
 Contemplar-te a formosura:  
 Altar de nova estrutura,  
 Que a mais destra mão fabrica,  
 E de materia tão rica,  
 Qual ao culto corresponde;  
 Que eu não sacrifico, aonde  
*Todo o mortal sacrifica.*

## M O T E

*Da escravidão do Deos cego  
 Já livre os grilhões penduro:  
 Oh quem mais cedo pudera  
 Desatar o laço duro!*

## G L O Z A D O A.

**E**M fim já de Amor isenta  
 Tenho a doce liberdade;  
 E quero em tranquillidade  
 Ouvir de longe a tormenta:  
 Já agora de balde intenta  
 Captiyar-me de outro emprego;  
 Pois não arrisca o socco,  
 Que tantos ais lhe custou,  
 Quem huma vez escapou  
*Da escravidão do Deos cego.*

Esses ferros, que arrastei  
 Já hoje sem prejuizo,  
 Tantas vezes quebro, e pizo,  
 Quantas por gosto os beijei:  
 Despedaçados irei  
 Levallos ao mais seguro  
 Lugar, porque o santo, e puro  
 Desengano para exemplo  
 Conheça, que no seu Templo  
*Já livre os grilhões penduro.*

Alli

Alli deixo ao Passageiro  
 Pendente o fatal despojo,  
 Porque enfreie o cégo arrojo  
 De ser como eu prisioneiro:  
 E este aviso derradeiro  
 Dar-lhe mais cedo quizera,  
 Porque ha mais tempo vivêra  
 Livre do amoroso enredo;  
 Porém não pude mais cedo:  
*Oh quem mais cedo pudera!*

O jugo de Amor tyrano  
 Já facudi; já lá vai,  
 Sempre assim me conservai  
 Santo feliz desengano:  
 Em fim faiba esse inhumano,  
 Que escameço, que murmuro  
 De seu poder mal seguro;  
 E que pôde huma alma forte  
 De Amor, a pazar da Sorte,  
*Desatar o laço duro.*

## M O T E

*Amor anda pelo tino,  
Que he cego, não traz bordão:  
Quem tiver bom coração,  
Accommode esse menino.*

## G L O Z A D O A.

**A** Mor ao Mundo sahio  
Vendo bem, e assim viro,  
Até que lhe aconteceu  
Cegar depois que te viu:  
Desesperado parti,  
E fez-se então mais malino;  
Em fim todo o seu Destino  
He tomar de ti vingança;  
E só por ver se te alcanço,  
*Amor anda pelo tino.*

Mil ferras do arco facode,  
Lá vão mil almas render;  
E tudo só para ver  
Se contigo acertar póde:  
Suspira; e se alguém lhe acode,  
Se acaso te deo, então  
Pergunta, e ouvindo que não,  
Pede que onde estás o leve;  
Que ir sózinho não se atreve,  
*Que he cego, não traz bordão.*

As,

Assim vai matando a gente:

Olha que encargos, tyrana,  
 Es a culpada, e inda ufana  
 Vês morrer tanto innocente?  
 Ah! Que huma alma delinquente  
 Não está segura, não;  
 E elle tem tanta razão,  
 Que do mal, que te fizer,  
 Até sentirá prazer  
*Quem tiver bom coração.*

Porque o cegaste, não creas  
 Que já não pôde forjar  
 Settas para te atirar,  
 Para te prender cadêas.  
 Póde com outras idéas  
 Vingar o teu desatino;  
 E pôde haver tão malino,  
 Tão forte, e dêstro sujeito,  
 Que á força, dentro em teu peito,  
*Accommode este menino.*

EA

MO

## M O T E

*Bem pôde o Tempo tirar  
O tempo de te não ver,  
Que o tempo de te querer  
Não pôde o Tempo tirar.*

## G L O Z A D O A.

**T** Ire o Tempo, sempre opposto  
A's humanas pertencões;  
A gloria a mil corações,  
Martyres do seu proprio gosto:  
Da Ventura, em que os tem posto,  
Faça o gyro desfandar;  
Mude-os do estado, e lugar,  
Usando as acções mais cruas;  
Que estas cousas, pois são suas,  
*Bem pôde o Tempo tirar.*

Mas nesta alma, que te adora,  
Onde meu Bem sempre estás;  
Nenhuma ruina faz  
Do Tempo a mão gastadora:  
Se não posso a toda a hora  
Presente esses olhos ter,  
Nem por isso has de temer  
Que possa o Tempo triunfar;  
Pois levo em te contemplar  
*O tempo de te não ver.*

To:

Todo este tempo aproveito,  
 Por mais que o Tempo resista;  
 Pois se te perco de vista,  
 Logo te encontro no pelto:  
 Nelle, a pezar de hum effeito,  
 Que finto, e não sei dizer,  
 Sempre dominio has de ter,  
 Que não acha o meu cuidado  
 Tempo mais bem empregado,  
 Que o tempo de te querer.

O Tempo, a Fortuna, a Morte,  
 Tyrannos contrarios são;  
 Porém não os teme, não,  
 Amor, que Amor he mais forte:  
 Contra Amor, o Tempo, e a Sorte  
 Póde o braço levantar;  
 Mas nunca d' alma arrancar  
 Paixão, que della nasceo;  
 Que o que Fortuna não deo,  
 Não póde o Tempo tirar.

## M O T E

*Todo este monte não tem,  
Como Anfrizo, outro Pastor;  
Nem que tenha tanto amor,  
Nem que saiba amar tão bem.*

## G L O Z A D O A.

**A**H Michalia, que desprezes  
O pobre Pastor Anfrizo!  
Por não ter, como tem Nizo,  
Largas terras, gordas rezes!  
He desgraça, que mil vezes  
Todos lamentar me vem:  
Desgraçado Anfrizo, a quem  
Tão pouco o Ceo concede;  
Que só para o dar, de seu  
*Todo este monte não vem.*

Mas troca, Michalia ingrata,  
De Amor os bens verdadeiros  
Por lavouras, e carneiros,  
Bens, que o Tempo disbarata:  
Embora a Anfrizo maltrata:  
Trata a Nizo com favor:  
Como Nizo outro Senhor  
De gados podes achar;  
Mas nunca para te amar,  
*Como Anfrizo, outro Pastor.*

Fa-

Faze, faze o que quizeres,  
 Que ou ames a Nizo, ou não;  
 Vale este meu coração  
 Muito mais que os seus haveres:  
 Amor firme não o esperes,  
 Salvo se em meu peito for;  
 Que não ha outro Pastor,  
 Quando em querer bem se empenha,  
 Nem que mais desgraça tenha,  
*Nem que tenha tanto amor.*

Já por gabar-me, não digo  
 Que na luta, e baile espanto,  
 E que Nizo, quando canto,  
 Não tem que fazer comigo;  
 Mas só vaidoso me obrigo  
 Ir á posta em querer bem,  
 Pois neste monte ninguém  
 Acharás, posto que pobre,  
 Nem de coração mais nobre,  
*Nem que saiba amar tão bem.*

## M O T E

*Quando te não conhecia,  
Nada de ti se me dava;  
Sem pensamentos dormia,  
Sem cuidados acordava.*

## G L O Z A D O A.

**N**, Algum tempo, ah tempo amado!  
De enganos me não mantinha,  
Não tinha amor; e se o tinha,  
Era sómente ao meu gado:  
Neste morte sem cuidado  
O meu rebanho trazia:  
Eu me deitava, eu m'erguia  
De toda Aldêa bem quisto;  
Mas sabes quando foi isto?  
*Quando te não conhecia.*

Quantas vezes, na floresta,  
Lambendo-me o meu rafeiro,  
Passei quasi hum dia inteiro  
Sem me lembrar de outra festa:  
No baile depois da fésta  
Mui poucas vezes entrava:  
O peito não se alterava,  
Não se entristecia o rosto:  
Só isto me dava gosto,  
*Nada de ti se me dava.*

Tom. II.

X

Não

Não he hoje assim, tyrana,  
 Que por ti deixando o gado,  
 Troquei pelo meu cuidado  
 O socego da cabana:  
 A hora, o dia, a semana,  
 Sem que huma só vez me ria,  
 Passo a noite, passo o dia,  
 Olha como estou diferente  
 Do tempo, em que docemente  
*Sem pensamentos dormia.*

Dormia ao suave canto  
 Do passarinho innocente,  
 Hoje se durmo, he sómente  
 Ao triste som do meu pranto:  
 Acordo, o rosto levanto  
 Desse amor, de quem zombava;  
 Temo as settas, temo a aljava,  
 Não era assim algum dia;  
 Pois quantas vezes dormia,  
*Sem cuidados acordava.*

## M O T E

*Tomára quem me differa,  
Com toda a sinceridade,  
Se prevalece a mentira  
Contra a força da verdade?*

## G L O Z A D O A.

**E**ste crê que a falsidade  
Póde subsistir mil annos,  
Sem que a sombra dos enganos  
Se atreva á luz da verdade:  
Aquelle se persuade  
De que á verdade sincera  
Nunca a mão prevalecêra  
Da abominavel Mentira:  
Qual dos dous he que delira,  
*Tomára quem me differa?*

Mas se eu sei que facilmente  
O que he réo, por justo passa,  
E o justo soffrer a desgraça,  
Que he só propria ao delinquente;  
Que arbitro mais competente  
Póde haver em toda a idade,  
Que esta constante verdade:  
Ella decide a questáo,  
E nos falla ao coração  
*Com toda a sinceridade.*

Assim como succedendo

Vai á noite o claro dia,  
Assim a noite sombria  
Vai o dia interrompendo:  
Huma vez resplandecendo  
Nasce a verdade, outra espira,  
Succede-lhe o engano, e gyra  
A densa nuvem do engano;  
Agora contempla humano  
*Se prevalece a mentira.*

Ditoso aquelle Paiz,

Onde a mentira não tem  
Lugar, porque alli ninguem  
A verdade contradiz:  
Detestavel, e infeliz  
O terreno, onde a maldade  
Com tão céga authoridade  
Deo tanta força á mentira,  
Que se atreve, que conspira  
*Contra a força da verdade.*

*O mesmo Mote por outro modo.*

G L O Z A D O A.

**N**ÃO sei que ha tempos diviso  
 No semblante de Filena!  
 Não sei que gesto, que pena!  
 Que mysterioso sorriso!  
 Hum juizo, outro juizo  
 Torno a formar, se eu pudera,  
 Mil perguntas lhe fizera,  
 Mas temo a irada resposta:  
 Se já, dê mim se desgosta,  
*Tomáta quem me dissera?*

Mas em fim determinado,  
 Ou ella se enfade, ou não,  
 Vou perguntar-lhe a razão  
 Do seu novo desagrado.  
 Filena, meu Bem, que enfado  
 Perturba a serenidade  
 Desse teu rosto? A verdade  
 Não me occultes mais instantes,  
 Se inda fallas como d'antes  
*Com toda a sinceridade.*

Se

Se contigo malquistar-me

Quer alguma, vê que te enganã;

Porque.... mas ah que a tyrana

Fugio; não quiz escutar-me!

Mil vezes irá culpar-me

Como cega, e cheia de ira:

Não fora assim, se me ouvira

Com semblante mais humano;

Porque só dura o engano,

*Se prevalece a mentira.*

Virá tempo, em que Filena,

Dentro do seu coração,

Conheça a industria da mão,

Que a verdade lhe inventa:

Como ficará de pena,

De confusão, de piedade!

Quando vir que a falsidade,

Que mil vezes a cegou;

Em vão de enganos se armou

*Contra a força da verdade.*

MO-

## M O T E

*Se te aborrece o querer-te ;  
He forçoso o desprezar-te ;  
Ensina-me a aborrecer-te ,  
Que eu não sei fenhão amar-te.*

## G L O Z A D O A.

**E**U já quiz ver se podia  
Trocar em ódio este amor ;  
E armei-me do teu rigor  
Contra a minha sympathia :  
Muitas vezes conhecia  
Que perco pouco em perder-te :  
Quiz deixar-te , quiz não ver-te ;  
Porque não ver-te , ou deixar-te ,  
Talvez pudesse agradar-te ,  
*Se te aborrece o querer-te.*

Sei que me aborreces tanto ,  
Que o meu mal he o teu sustento :  
Sei que o teu divertimento  
He ver correr o meu pranto :  
Eu me confundo , eu me espanto  
De inda não poder deixar-te ;  
E que o meu amor em parte  
O teu rigor adoçando ,  
Te queira mais inda , quando  
*He forçoso o desprezar-te,*

Des-

Desprezar-te, razão era,  
 Mas amor não he razão,  
 Nem tem mais Lei, que a paixão,  
 Que domina o home, e a fera:  
 Não posso, que se pudera,  
 Deixaria de querer-te;  
 Mas se acaso de offender-te  
 Podes, tyranna, obrigar-te,  
 Tu para tudo tens arte,  
*Enfina-me a aborrecer-te.*

Mas nem teu genio inimigo  
 Teria tanto poder;  
 Sim, que eu não posso aprender  
 A ser ingrato contigo;  
 Das regras, de Amor, que sigo,  
 Não houvera quem me aparte;  
 E as de offender-te, ou deixar-te,  
 Nunca já mais seguirei,  
 Nem taes lições tomarei,  
*Que eu não sei senão amar-te.*

## M O T E

*Já sei, ingrato, já sei,  
 Que essas lagrimas fingidas  
 Erão de appetite cheas,  
 Porém não de amor nascidas.*

## G L O Z A D O A.

**E** Nganada a fantasia  
 Me trouxe a minha innocencia,  
 Em quanto em ti a apparencia  
 Verdade me parecia;  
 Porém já chegou o dia,  
 Em que me defenganei;  
 E os defenganos comprei  
 Bem á custa dos meus damnos,  
 Pois todos os teus enganos  
*Já sei, ingrato, já sei.*

N'outro tempo só de ver  
 Arrazar teus olhos de agoa,  
 Sentindo não sei que mágoa,  
 Toda me deixei render:  
 Hoje bem podem correr  
 Delles aguas repetidas,  
 Nunca de mim serão cridas;  
 Que fora muita innocencia  
 Poder menos a expriencia,  
*Que essas lagrimas fingidas.*

Cor-

Corêrão affortunadas,  
 Porque em fim pudêrão tanto,  
 Que alcançarão com seu pranto  
 Coufas bem mal empregadas:  
 Sahirão acompanhadas  
 De palavras de fereas;  
 Já com ellas não me enleas:  
 Que as lagrimas, e as razões  
 Vinkão cheas de traições,  
*Erão de appetite cheas.*

Desculpa-te c'os desdens,  
 Que viste da minha parte,  
 Que para tudo tens arte,  
 E nisto inda mais a tens:  
 Desengana-te, se vens  
 Com mais lagrimas fingidas,  
 Que ellas por mais repetidas  
 Que appareção; fim ferão  
 Nascidas de outra paixão,  
*Porém não de amor nascidas.*

## M O T E

*Vai, afflicto coração,  
Conta bem o que padetes,  
Para ver se assim mereces  
Tenhão de ti compaixão.*

## G L O Z A D O A.

**C**oração, se ainda aquella,  
Que te maltratou, duvida  
De que he mortal a ferida,  
Que te fez, por ser tão bella;  
Voa, vai diante della,  
E bem que o farás em vão  
Cheio de dor, e afflicção,  
Para essa chaga malina,  
Vai pedir-lhe a medicina,  
*Vai, afflicto coração.*

De queixas enchendo os ares,  
Coração, por onde fores,  
Com suspiros sécca as flores,  
Com pranto accrescenta os mares:  
Quando á presença chegares  
Dessa gloria, que appeteces,  
De te queixares não cesses,  
Solta a voz, accende a fragoa,  
Repete-lhe a tua mágoa,  
*Conta bem o que padetes.*

Mos-

Mostra á formosa homicida  
 Co' as roxas lazas cruzadas,  
 Que inda as levas salpicadas  
 Do sangue d' atroz ferida:  
 Mostra a chamma, que accendida  
 Nas Aras do peito offreces;  
 E pois só lhe desmereces,  
 Faze, faze, coração,  
 Esta ultima oblação,  
*Para ver se assim mereces.*

Se inda assim for tão tyrana,  
 Que de ti nenhum dó tenha;  
 Vai-te queixar a huma penha,  
 Será talvez mais humana:  
 Fôge dessa tigre Hircana,  
 Vai contar tua afflicção  
 A outras fétas, que são  
 Nascidas nas toscas grutas,  
 Póde fer, sendo tão brutas,  
*Tenhão de ti compaixão.*

## M O T E

*Amor perfeito não dura.*

## G L O Z A D O A.

**T**udo em chegando a tocar  
 A linha da perfeição,  
 Por natural condição  
 Entra logo a declinar:  
 No amor inda este desfar  
 Cada dia mais se apura:  
 A experiencia o segura  
 A' custa de tantos ais;  
 Que em fim, como tudo mais,  
*Amor perfeito não dura.*

*Por outro modo.*

**P**óde alguma vez amor  
 No Mundo achar-se perfeito,  
 Quando se encontra em fogueito;  
 Que seja do meu humor;  
 Mas buscallo sem temor  
 Em feminil creatura,  
 Mais do que engano, he loucura;  
 Que principalmente nella,  
 Por mais que seja a cautela,  
*Amor perfeito não dura.*

M O -

## M O T E

*Do Téjo as arêas de ouro.*

## G L O Z A D O A.

**O**Mais rico original  
 Em ti, Marcia, o Ceo descreve:  
 No rosto espalhou-te a neve,  
 Nos dentes poz-te o cristal:  
 Para os beiços de coral  
 Foi descobrir hum thesouro;  
 E para o cabello louro,  
 Com que prende os alvedrios,  
 Formou em delgados fios  
*Do Téjo as arêas de ouro.*

*Por outro modo.*

**S**E puzeres, Ninfa ímpia,  
 Termo aos antigos pezares  
 De hum pescador, que em teus mares  
 Passa a noite, passa o dia,  
 Dar-te-hei toda a pescaria,  
 Que apanhar no Lima, e Douro:  
 Dar-te-hei de mais hum thesouro,  
 Que de mergulho profundo  
 Ver-me-has ir buscar ao fundo  
*Do Téjo as arêas de ouro.*

MO-

## M O T E

*De Anarda os olhos formosos.*

## G L O Z A D O A.

**V**Erdes, graciosos outeiros,  
 Que em desigual composição  
 Retratais vossa figura  
 Nas aguas destes ribeiros:  
 Vossos redonhos pinheiros,  
 Vossos pampanos viçosos,  
 Vossos frutos saborosos,  
 E o mais, por que a vista estendo,  
 Nada me alegra, não vendo  
*De Anarda os olhos formosos,*

## M O T E

*Nos dotes, que o Ceo te deo.*

## G L O Z A D O A.

**N**Aó te dou, Ninfa excellente,  
 Finas pedras Orientaes,  
 Nem esses ricos metaes,  
 Por quem tanto sua a gente:  
 Pedras, que naturalmente  
 Pouco a pouco o mar lambeo,  
 São as que Amor escolheo  
 Para ti; que a Natureza  
 Te deo toda a mais riqueza  
*Nos dotes que o Ceo te deo.*

M O

## M O T E

*Em final da escravidão.*

## G L O Z A D O A.

**R**Endi-me com tanto acerto,  
 Hum Divino rosto vendo,  
 Que mil vezes me arrependo  
 Do tempo, que fui liberto:  
 Por mais cultos, que lhe offerto,  
 Poucos acha o coração;  
 E com tanta sujeição  
 A liberdade me enleia,  
 Que eu mesmo beijo a cadeia  
*Em final da escravidão.*

## M O T E

*Morrendo estou de saudades:*

## G L O Z A D O A.

**A**H! Que contra o meu desejo  
 Fugindo o meu Bem me vai!  
 Detem-te, espera... mas ai,  
 Já se foi, já o não vejo:  
 Que faço, que não forcejo,  
 Por ir com elle? Deidades,  
 Dessas mudas soledades  
 Ide buscar-me o meu Bem:  
 Ide, que elle he só, por quem  
*Morrendo estou de saudades.*

M O-

## M O T E

*Nada do que vejo quero.*

## G L O Z A D O A.

**M**ostrou-me a Fortuna abertas  
 As portas dos seus theouros:  
 Mostrou-me as palmas, os louros,  
 Fez-me mil milhões de offertas:  
*Fortuna, tu não acertas,*  
 Lhe disse de hum tom severo,  
*Porque os altos dons, que espero,*  
*Cruel, não nos podes dar:*  
*Torna o thesouro a fechar:*  
*Nada do que vejo quero.*

## M O T E

*Fez da côr da minha sorte.*

## G L O Z A D O A.

**Q**uando os olhos vou erguer  
 Para os pôr nos teus Divinos,  
 Lembrão-me mil desatinos,  
 Que sinto, e não sei dizer:  
 Tu, que sabes comprehender  
 Este genero de morte,  
 Perdoa-me algum transporre,  
 Que vires nos olhos meus;  
 Culpa os Ceos, porque esses teus  
*Fez da côr da minha sorte.*

Tom. II.

Y

MO.

## M O T E

*Paixão de amor o que he.*

## G L O Z A D O A.

**M**il vezes de amor zombava,  
 Quando te não conhecia,  
 Porque inda então não sabia  
 O que esta paixão custava:  
 Alegre o tempo passava,  
 Sem saber o que era fé;  
 Mas depois, tyranna, que  
 Em teus olhos me empreguei,  
 Inda mal que tanto sei,  
*Paixão de amor o que he.*

*Por outro modo.*

## G L O Z A D O A.

**A**rrastar duros grilhões,  
 Dar mil gemidos, mil brados,  
 Sentir, como os condemnados,  
 Infernaes tribulações,  
 Fazer mil considerações  
 Do que ouve, e do que vê,  
 Negar o mesmo que crê,  
 Morrer todos os instantes,  
 Eis-aqui, tristes amantes,  
*Paixão de amor o que he.*

MO.

## M O T E

*No meio de tanto fogo.*

## G L O Z A D O A.

**P**Or toda a parte espalhando  
 Os meus suspiros ardentes  
 Vou, não só ás vivas gentes,  
 Mas verdes troncos queimando :  
 Com elle o ferro abrando,  
 Derrete-se a pedra logo,  
 Só a meu ardente rogo  
 Aquella tyranna, aquella....  
 Endurece, esfria, gella  
*No meio de tanto fogo.*

## C O L X E A

*A's doces prizoẽs de Amor  
 Entreguei a liberdade.*

## G L O Z A D O A.

**N**Ize, seja como for,  
 Se das mais te queres rir,  
 Faze muito por fugir  
*A's doces prizoẽs de Amor :*  
 Guarda esse rico penhor  
 Da preciosa vontade,  
 Para que correndo a idade,  
 Não digas, como eu já disse,  
 Em negra hora infelice  
*Entreguei a liberdade.*

## COLXEA

*Amor, para me prender,  
Os teus olhos me mostrou.*

## GLOZADOA.

**P**Or vingar-se, Amor, quiz ver  
Se prender-me saberia:  
Que industrias não buscaria,  
*Amor, para me prender!*  
Principiou a bater  
Mil ferros, que encadeou;  
Chaves, algemas forjou;  
Porém tudo mallogrando,  
Não me prendeo senão quando  
*Os teus olhos me mostrou.*

## COLXEA

*Inda que a fonte tem limos,  
Quem tem sede sempre bebe.*

## GLOZADOA.

**G**Raças a Deos: Conseguimos  
Descubrir neste alto monte  
Para beber huma fonte,  
*Inda que a fonte tem limos:*  
Com sede, e com calma vimos,  
No rosto se nos percebe,  
Vai, no tardo a agua recebe,  
Que a necessidade ensina,  
Que da fonte mais moftina,  
*Quem tem sede sempre bebe.*

E N-

## E N D E I X A S

## I

**A**lbano, que amava  
Dinamene bella,  
Andava por ella  
Sempre a suspirar.

Fugindo da gente,  
Porque não queria  
Outra companhia  
Mais que o seu pezar.

Nas margens desertas  
Do Téjo saudoso,  
Se vai desgostoso  
Sózinho encostar.

Contando ás hervinhas  
Da fresca espezura  
A pouca Ventura,  
Que teve em amar.

Do peito defata,  
Em seu desalento,  
Suspiros ao vento,  
Lagrimas ao mar.

E

E como que estava  
 Já perto da morte,  
 Em vão desta sorte  
 Se entrou a queixar:

Gentil Dinamene,  
 Honra desta Aldèa,  
 Do bosque, e da arèa  
 Ninfa Tutelar.

Por ti ha mil dias  
 Que morro, vivendo,  
 Porque vá morrendo  
 Sem nunca acabar.

Depois que os meus olhos  
 Nos teus empreguei,  
 Ver outros não sei,  
 Que os possa alegrar.

Se os meus te aborrecem,  
 Porque andão chorosos,  
 Põe-lhe os teus piedosos,  
 Faze-os enxugar.

Se he que então meu pranto,  
 Que hoje he só desgosto,  
 Não correr de gosto,  
 Vendo-te abrandar.

Se

Se sabes que eu morro ,  
Porque não me acodes ;  
Pois bem sei que podes  
Dar vida , e matar.

Amor nem com todos  
Se empenha de véras ;  
Que amor tem as féras ,  
Sem saber amar ?

Bem sei que hum Pastor ,  
A quem tudo falta ,  
A Ninfa tão alta  
Não deve aspirar.

Mas não ama o corpo ,  
Ama a alma forte ,  
E Amor como a morte  
Nos sabe igualar.

Se não tenho gado ,  
Que offrecer te possa ,  
Se não tenho choça  
Para te abrigar ,

De puros affectos ,  
Candido rebanho ,  
Formarei tamanho  
Como terra , e mar.

E estas innocentes  
 Entranhas mil vezes,  
 Em lugar de rezes,  
 Sobre o teu Altar,

Irei, Ninfa, eu mesmo,  
 C'o peito já roto,  
 Alegre, e devoto  
 A sacrificar.

E se for possível,  
 Depois desta vida,  
 A' minha alma unida  
 A tua ha de andar.

Mais dizer queria  
 De seu mal tyrano;  
 Mas não pode Albano  
 Adiante passar.

Das tremulas mãos  
 Cahio-lhe o encosto,  
 Sem o triste rosto  
 Poder levantar.

Porém Dinamene,  
 Que ouvindo estivera  
 Quanto elle dissera  
 Cheio de pezar,

Fez

Fez tão pouco caso  
De feu mal ouvir,  
Que em vez de o sentir,  
Se poz a cantar.

## II

**P**Astora, a mais bella,  
Que nessa espeçura  
Permittio Ventura  
Fosses minha Estrella.

Não são as que eu vejo:  
No Ceo tão brilhantes,  
Nem estão tão distantes  
Para o meu desejo.

Mas se tão formosa  
Lá do Ceo cahiste,  
Porque não sahiste  
Como elle piedosa.

Se teu rosto a palma  
De Angelico sem,  
Mostra que es tambem  
Angelica n'alma.

E se prezo vivo  
Dessa formosura,  
Trata mais brandura  
Com quem está cativo.

A

A tua inclemencia

Ociosa não seja,  
Que aonde amor sobeja,  
Sobeja a violencia.

A minha faudade

Capaz he de rudo,  
Que he mal mais agudo,  
Que a tua crueldade.

E neste excessivo

Mal, em que discorro,  
De não ver-te morto,  
De adorar-te vivo.

Ah se tu estiveras

Dentro neste peito,  
Do mal, que lhe has feito,  
Tu te arrependêras!

Mas ai que eu me engano!

Dentro nelle estás:  
Apalpa, e verás,  
Que he o teu Albano.

Dá-lhe este conforto,

Acode a seus ais:  
Vê se tarda mais,  
Que o achas já morto.

Se

Se este amor não queres,  
 E o bem me demoras,  
 Direi que as Pastoras  
 Também são mulheres.

## III

**A**Ndais enganados,  
 Corações humanos,  
 Que Amor não tem culpa  
 Dos vossos enganos.

Quem d'elle se queixa,  
 No mal, que padece,  
 Quanto mais o culpa,  
 Menos o conhece.

Eu, que recebi  
 Feridas tamanhas,  
 Que inda verto sangue  
 Das rotas entranhas,

Nem por isso volto  
 Contra elle os tiros;  
 Antes dou por elle  
 Gostosos suspiros.

Não ha maior erro,  
 Que o filho innocente  
 Pagar os delictos  
 Da mái delinquente.

Ella

Ella lhe accomoda  
Nas mãos delicadas  
O arco sonoro,  
As settas douradas.

As settas lhe aponta,  
O corpo lhe ampara,  
O braço lhe curva,  
O tiro dispara.,

Porém como ás cegas  
O simples rapaz  
Faz quanto a Mãe quer,  
Não sabe o que faz.

Comigo mil vezes  
Baldou estes meios,  
Porque andava armado  
De antigos receios.

Té que hum certo dia,  
Que eu tenho em memoria,  
Dispoz-me batalha,  
Conseguiu victoria.

Das armas do filho  
Não se quiz valer,  
Que tem outras armas  
Para me vencer.

Hum

Hum formoso rosto,  
 Hum riso modesto,  
 Hum volver de olhos,  
 Hum mudar de gésto,

As armas só forão  
 Da sua conquista;  
 Porque pode menos  
 O ferro, que a vista.

Se a bella figura  
 De Venus, então,  
 Gemer não fizera  
 O meu coração,

Não cuides, se as pontas  
 Do arco ajuntáras,  
 Que nelle hum só tiro  
 Cupido acertáras.

Este anda mostrando  
 As chagas do peito;  
 Dizendo, que es tu  
 Causa deste effeito.

Aquelle pragueja  
 Os grilhões dourados,  
 A todos contando,  
 Que lhe são pezados.

Hum

Hum diz que padece  
Frenetico mal,  
Nascido de hum fogo  
Ciume infernal.

Outro, na balança  
De huma dor immensa,  
Vai pezando as faltas  
Da má recompensa.

Que culpa tens tu,  
Menino innocente,  
Do mal que discorre  
Esta louca gente?

Não ferás Virtude  
Praticada affim,  
Para quem abusa  
Do teu justo fim;

Mas para quem sabe  
Dirigir seus passos,  
São tuas cadeias  
Os mais doces laços.

Vive Amor, e reina  
Só nos corações  
Daquelles, que sabem  
Conter as paixões.

Será o teu nome  
Todos os instantes  
Por mim defendido  
Dos loucos amantes.

Teçer-te-hei grinaldas  
Com mãos cuidadas  
De candidos lirios,  
De purpureas rosas.

De innocentes rolas  
Cem formosos pares,  
Banháráo de fangue  
Teus puros Altares.

Este sacrificio,  
Doce Amor, aceita  
A quem por seu gosto  
Tanto se sujeita.

Ajudem-me todos  
A dar-te louvores,  
E formem-se as queixas  
Da Mãi dos amores.

De Amor não culpeis  
Os farpões tyrannos,  
Que amor não tem culpa  
Dos vossos enganos.

MO

## M O T E

*A ti só, e a mais ninguém.*

## G L O Z A D O ' A.

**M**Arcia, os máos versos, que estão  
Escritos neste volume,  
Mais digno de arder no lume,  
Que de vir á tua mão:  
Foi gastar o tempo em vão,  
De que me arrependo bem:  
A culpa o meu Fado a tem;  
Pois inda então não sabia,  
Que fazer versos devia  
*A ti só, e a mais ninguém.*

## SONETO

*A' Estatua Equestre.*

**S**E queres ver huma Memoria estranha;  
 (Remoto povo) arma veloz Navio;  
 Demandá as praias do famoso Rio,  
 Cujo nome tomou de hum Rei de Hespanha:

Não são despojos miseros que apanha  
 Barbara mão de vencedor Gento;  
 São os triunfos de hum Monarca Pio,  
 Representados n'uma só façanha:

São de hum Conquistador, sem ser Guerreiro,  
 Pacificas acções, Obras felices;  
 Sobre as ruínas de hum Império inteiro;

He finalmente (ah! se agora o visses!)  
 Modêlo Augusto de hum Jolê Primeiro,  
 Fiel Retrato de hum segundo Olisses.

## SONETO

*Ao mesmo.*

A Sombra de altos Cedros levantados,  
 Entre as quatro Estações, e os doze Mezes;  
 Sobre hum montão de Togas, e de Arnezes,  
 Descançar veja os Seculos passados;

Huns empunhando estão os Sceptros dourados,  
 Outros abrindo os Fastos Portuguezes:  
 Os nomes lem desses Heroes, mil vezes;  
 Santos nas leis, nas Guerras, esforçados:

Mais antigas acções de Heroes admirão,  
 Com que se honrara o Seculo de Augusto,  
 Por quem os nossos tempos não fuzpirão:

Porém, naquella Estátua, e neste Busto,  
 Esses ditos Seculos não virão  
 Hum Ministro tão sabio, hum Rei tão justo.

## SONETO

*Ao mesmo.*

**N**ão he do Estatuário a mão perita,  
 Que admiro, ó Rei, na tua Cópia Augusta;  
 Fecunda idéia, proporções ajusta;  
 Braço Real, emprezas facilita:

Não he a massa enorme, a que acredita  
 O respeito da máquina robusta:  
 O que ella representa, he que me affusta,  
 Que a vez me móve, que a fallar me incita.

Estatuas de alguns Reis tem visto a História,  
 E haver já não devia entre os humanos  
 De taes Estatuas, de taes Reis memoria:

O que faz immortaes os Soberanos,  
 He saber, como tu, encher de gloria  
 A carreira incansavel dos seus annos.

## MOTEE

*Eu nunca largarei laços amantes.*

## SONETO

**O**S ares enchão de mortaes gemidos,  
Os que, de Amor, no Mundo maltratados,  
Por não poderem co's grilhões peizados,  
Estão já de seu jugo arrependidos:

Voltem-se contra Amor, de mal soffridos  
Nas suas afflicções, nos seus cuidados;  
E já dos laços seus desesperados,  
Quebrem, podendo, os ferros defabridos:

Quebrem, fujão de Amor, e aborram vejjão,  
Que elle forças me deo tão relevantes,  
Que para supportallos, me sobejão:

Embora fejjão todos inconstantes,  
Que por mais duros que estes laços fejjão,  
*Eu nunca largarei laços amantes.*

## M O T E

*Em chamma de Amor arde o meu peito.*

## S O N E T O

**E** Sfo fogo de Amor, em que alguma hora  
Ardeo, por deha, o coração magoado,  
A cinzas reduzido, a pó tornado,  
Por huma vez de todo lancei fóra:

Que Medça, que Certe encantadora  
(Dizia eu no meu tranquillo estado)  
Por mais laços que tehão preparado,  
Podem prender-me o coração ja agora?

Mas, que valeo a falta liberdade?  
Se só dos olhos teus hum breve geito  
Vence o mais alto império da vontade!

Só tu fazer podias tanto effeito;  
Que a pezar da soberba, e da vaidade,  
*Em chamma de Amor arde o meu peito.*

MO-

## M O T E

*Em ti a mão da natureza enfeita.*

## S O N E T O

**Q**uiz Amor resumir n'um só sujeito  
 Quanto tem pelos outros repartido:  
 Nos olhos, poz-lhe as setas do Cupido,  
 E a voz de Cisne lhe infundio no peito:

Por ti absorto o tímido respeito,  
 Anda em todas as gentes dividido:  
 Em fim, não ha em nós hum só sentido,  
 Que se não veja a teu poder sujeito:

Honra pois do teu sexo, honra a memoria,  
 Triunfa, que se alguma te faz guerra,  
 Terás, por campo, o Mundo, na victoria:

Enche de pasmo o Ces; de assombro a terra;  
 Que quanto ha em epilogo ha gloria,  
*Em ti a mão da natureza enfeita.*

MO-

## SONETO

**C**Horando Venus por seu filho andava,  
Não ha muitos instantes, e dizia,  
Que humas grandes atviçaras daria  
A quem lhe descubrisse, onde elle estava:

Para se conhecer, os signaes dava;  
A todos affirmando, que trazia,  
Fogo nos olhos, em que o Mundo ardia,  
No hombro a sento, e nú, pendente a aljava:

Eu, sabendo qual era o seu destino,  
Da mãe desconsolada enxugo o pranto;  
Comigo a levo, onde elle está, lhe ensino:

Venus olhou, e cheia de alto espanto,  
Viq estar o Deos de amor, o seu menino,  
Elevado nas glorias do teu canto,

## SONETO

**H**umas vezes, não foi porquê ohotivo,  
 Me sinto andar, assim como palmado,  
 Outras vezes de todo sepultado.  
 No desacordo, não pareço vivo.

Lá torno em mim, e fico pensativo  
 No destino infeliz do meu cuidador,  
 De hum triste fono, funebre, e pezado,  
 De gozo, outra vez torno a ser saivo.

Os olhos fecho, a languida cabeça  
 Para a parte humas vezes se reclina,  
 Outra vez para os hombros se atraveça.

Ser triste, e desgraçado, em mim: foi fina;  
 Pois quem tão mal do berço allim começa,  
 Só tem na sepultura a medicina.

## SONETO

**E**rguei-vos, Ninfas, madrugals Pastores,  
 E lá de cima do mais alto d'atiro  
 Vede raiar os novos resplandores  
 Do melhor dia, desde que há Janeiro:

Vade queimar-me, em fervido brazeiro,  
 Cupido as setas, em lugar de flores;  
 Porque completa mais d'um anno inteiro  
 A que nasceo, para matar de amores:

Semeai em seu nome, se quizeres  
 Ver do anno a colheita mais distincta,  
 Com auxilio de Pan, favor de Ceres,

Em quanto en peço a Amor, que me consinta,  
 Que em fé dos vossos, o dos meus prazeres,  
 O nome escreva da inamortal Jacinta:

## SONETO

**M**usa, que vós ha tanto tempo errante,  
 Nas azas da mortal melancolia,  
 Dizer não pôde, quanto pode hum dia,  
 Que affinalou vosso natal brilhante:

Por mais que sobre as nuvens se levante,  
 Como vê, soffocada na agonia,  
 Poucas vezes o rosto da alegria,  
 Treme só de lhe ver o bom semblante:

Ella sim tinha o animo disposto,  
 Para tecer á tua vida hum canto,  
 Digno de apparecer neste meu rosto;

Mas o costume de chorar he tanto,  
 Que se tenhe algum gosto, sahe o gosto  
 Disfarçado nas lagrimas do pranto:

## SONETO

**F**illeno, essa paixão modera, e esfria,  
 Que já he conumacia a persistencia;  
 E de amor, nos triunfos, a violencia,  
 Passa de ser victoria a ser porfia:

Ah! Deixa essa cruel, deixa essa ímpia,  
 Que assim lhe lisonjeas a inclemencia;  
 Pois talvez seja culto a defistencia,  
 Onde foi sacrilegio a idolatria:

Não dôbres, não, a hum pedernal o joelho,  
 Que faz a adoração barbaridade:  
 Melhor o fontes tu, que eu o aconselho:

Nega-lhe o culto, volta-o a amizade;  
 E vendo o seu rigor, e o meu conselho,  
 Mais que esse engano, adora esta verdade.

## SONETO

**F**illeno, acorda tu, e dorma a fria,  
 A crua Dinamene muito embora:  
 O seu amor confunde, o teu melhora,  
 Que nem o preza, nem o mercia:

Deixa-a ficar no sono em que jazia,  
 Não a desperte o teu amor já agora;  
 Porque hum igual descuido em quem adora,  
 Não he sono sómente, he lethargia:

Insensível ao teu merecimento,  
 É intorpecida de hum quebranto enorme,  
 Não dá, de amor, mais leve movimento:

Recebe pois, este importante informe;  
 E então darás ao Mundo o documento,  
 Que não despetar, quando ella dorme,

## SONETO

**D**Eixa, Eneas, a Dido; e da faulade,  
 Consequindo triunfos a memoria,  
 Troca, pela de amor, mais alta historia  
 Nos caminhos, que abriu á Herocidade:

Porém quando lhe désse a qualidade  
 De Heroe completo, a successiva gloria,  
 Bastaria a seu nome esta vitoria,  
 Para o ir collocar na eternidade:

De antigo Lacio, na Região procura  
 Ir buscar mais vitórias, noutra empreza;  
 Que a de Carthago assim, já tem segura:

Porfisa a viagem, prouve a fortaleza;  
 Que não teme os poderes da ventura,  
 Quem domina os imperios da belleza.

## SONETO

**S**empre me pareceo que neste dia,  
 De Dinamene viſſe o bello roſto;  
 Mas ſempre hum infeliz acha deſgoſto,  
 Onde imagina achar doce alegria!

Não ſei que amavel, terna ſympatia  
 'A bem querer-lhe, já me tem diſpoſto!  
 Mas a tão bello natural compoſto,  
 He divida a mais firme idolatria:

Minha alma he dos ſeus olhos' prizioneira,  
 E deſte cativoiro lhe redunda.  
 Escravidão goſtoſa, e liſonjeira:

No ſuave prazer, toda ſe funda  
 De tella viſto já a vez primeira;  
 Mas quando a tornarei a ver. ſegunda?

## SONETO

**N**A razão superior que em vós se alcança;  
 Não se queixa a justiça da ventura,  
 Pois só no vosso merito segura,  
 Sem os perigos do favor, descança:

Da vossa felicissima bonança,  
 Por mais que a Inveja fardida mormura,  
 O legal simulacro então procura  
 Sustentar o equilibrio da balança:

De litigar-se a causa, não se entenda  
 Menos justiça em vós; se assim não fora,  
 Não se apurara no erysol do pleito:

Eoi preciso durar esta contenda;  
 Porque o dar-se-vos logo o bem da posse,  
 Pareçera equidade, o que he direito.

## SONETO

**S**E eu pudera, meu bom, neste retiro  
 Explicar da minha alma o desalento,  
 Bastarão para vozes do tormento  
 As eloquentes frases de hum suspiro:

Mas a violenta dor he tal, que infiro  
 Do meu peito sera punhal cruento;  
 Pois se hum ai quero dar, no sentimento  
 Soffocada a mesma alma, nem respiro:

Eu me sinto mortal; mas desta forte  
 Melhor exprime a dor, sem outro ensaio,  
 Que diga a pena, que encareça o corte:

Mas, se he a ruina quem abona o raio,  
 Que melhores imagens para a morte,  
 Que os afflictos silencios de hum desmaio:

F I M

# TABELLA

De todos os Sonetos, que contém este segundo Tomo, affinalados alfabeticamente com as paginas zonde vão lançados cada hum per si, e juntamente as mais Obras grandes, e pequenas.

## A

**A** Quelles dous, que oppostos sempre andarão, pag. 5.

Aquelle rosto, aquelle affavel rosto, 13.

Anarda, vossa Mana será bella, 23.

Aos Santos bosques do Tojal me guia, 31.

Apartar-me de Marcia pertendia, 36.

Abre as azas de linho, Ave rasteira, 34.

As negras roupas com felice agouro, 42.

Amor por se vingar d'uma alma izenta, 43.

## C

Contra o poder das vossas mãos, Senhora, 9.

Chegou, Pastora, o termo derradeiro, 6.

Chorai Graças: Chorai: Choral Amores, 45.

Cravados pés, e mãos, e da cabeça, 49.

## D

Do Téjo as manchas ondas apartava, 16.

## E

Eu chorarei de Amor tão docemente, 1.

Em batalha campal me desafia, 8.

Em ti mil Graças sempre estão chovendo, 12.

Enganei-me com Jonia, paciencia, 19.

Em brando verso celebrar queria, 25.

Em torno de hum Altar, onde apparece, 19.

## F

Fugi, prazeres, de quem chora, e sente, 39.

# TABELLA

## I

Já lá vão sete lustros, que este monte, 3.  
 Já me não enganais rostos fingidos, 4.  
 Já me não vence Amor d'um gesto lindo, 7.

## N

Nunca mais tornarei a ver teu gosto, 15.  
 Não vades hoje ao campo, ó Pastores, 20.  
 N'um tronco Amor á vista dos Pastores, 22.  
 Não foi Marília a tua formosura, 27.  
 N'um vale, cujo nome não sabia, 44.

## O

Orá aqui, ora alli ferindo a gente, 24.  
 O roxo Baccho, que espremendo estava, 38.  
 Os rijos ventos, que as prizões quebrarão, 41.  
 Os versos, que cantei já n'outra hora, 48.

## P

Para que em mim os olhos teus puzestes, 14.  
 Podem contra Leões, contra Serpentes, 37.  
 Pobre, ou rico, vassallo, ou Soberano, 47.

## Q

Qual depois de horrorosa tempestade, 17.  
 Qual muda rez de pés, e mãos ligada, 18.  
 Qual o menino pela mão levado, 30.  
 Quiz ver o Sol de noite, o Luar de dia, 33.  
 Quem corre apôs do bem, que alcança, 35.  
 Querendo erguer em honra deste dia, 40.  
 Que dons dignos de ti offreceria, 46.

## S

Se quem te vê, bellissima tyranna, 11.

## T

Temão embora a morte os que afferrados, 2.  
 Trazei do Ceo medicinal Virtude, 31.

Vai,

# TABELLA

## V

- Vai, ó charo Limano, que a Ventura, 10.  
Vai Genoveva: Os favoraveis ventos, 21.  
Vão de valor, vão de Fortuna armados, 26.  
Vós arenosas, Escalabitanas, 28.  
Vinde, ó Anjo da Paz, e da Alliança, 50.

## O D E S.

- Infeliz instrumento, 51.  
Socega-te, e respira, 54.  
Fez-te calvo este monte, 58.  
Tu, brilhante Chiméra, 69.  
Alviçaras humanos, 61.  
Musá minha, voemos, 64.

## C A N Ç Õ E S.

- Tu, que tens feito na minha alma assento, 89.  
Aquella, que sulcando, 98.  
Já sobre os Horizontes, 102.  
Quem são? Quem são aquelles exemplares, 108.  
Illustre D. Gastão, sabio Coutinho, 111.

## I D I L I O S.

- Hum dia ao pôr do Sol, hum triste dia, 74.  
Não são dos passarinhos os reclamos, 78.  
Gostosa companhia, 81.

## E P I C E D I O.

- Da chara vossa Irmã, Illustre Conde, 86.

## T R A G E D I A S.

- Penelope, traducção, 129.  
Viriacia, ficção, 227.

## M I S C E L L A N E A S.

- Motes alheios gl'ozados pelo A.*  
Quanto importa, e quanto val, 301.  
Tão costumado a desgraças, 303.

## TABELLA

- No Templo do Deos Cupido, 305.  
 Da escravidão do Deos cego, 307.  
 Amor anda pelo tino, 309.  
 Bem pôde o Tempo tirar, 311.  
 Todo este monte não tem, 313.  
 Quando te não conhecia, 315.  
 Tomára quem me dissera, 317.  
 Se te aborrece o querer-te, 321.  
 Já sei, ingrato, já sei, 323.  
 Vai afflicto coração, 325.  
 Amor perfeito não dura, 327.  
 Do Téjo as arêas de ouro, 328.  
 De Anarda os olhos formolos, 329.  
 Nos dotes, que o Ceo te deu, *ibid.*  
 Em final da escravidão, 330.  
 Morrendo estou de saudades, *ibid.*  
 Nada do que vejo quero, 331.  
 Fez da cõr da minha Sorte, *ibid.*  
 Paixão de Amor o que he, 332.  
 No meio de tanto fogo, 333.

### C O L X E A S.

- A's doces prizões de Amor, 333.  
 Amor, para me prender, 334.  
 Inda que a fonte tem limos, *ibid.*

### E N D E I X A S.

- |                       |   |      |
|-----------------------|---|------|
| Albano, que amava     | } | 335. |
| Dinamene bella        |   |      |
| Pastora a mais bella, | } | 339. |
| Que nessa espeçura    |   |      |
| Andais enganados,     | } | 341. |
| Corações humanos      |   |      |

# OTABELLA

Dos Sonetos novamente accrescentados.

**S**E queres ver huma Memoria estranha, pag.  
347.

A' sombra de altos Cedros levantados, 348.

Não he do Estatuario a mão perita, 349.

Os ares enchão de mortaes gemidos, 350.

Esse fogo de Amor, em que alguma hora, 351.

Quiz Amor resumir n'um só logeiro, 352.

Chorando Venus por seu filho andava, 353.

Humas vezes, não sei porque motivo, 354.

Erguei-vos, Niñas, madrugai, Pastores, 355.

Musa, que voa ha tanto tempo errante, 356.

Filleno, essa paixão modera, e esfria, 357.

Filleno, acorda tu, e durma a fria, 358.

Deixa, Eneas, a Dido, e da saudade, 359.

Sempre me pareceo que neste dia, 360.

Na razão superior que em vós se alcança, 361.

Se eu pudera, meu bem, neste retiro, 362.

PRO-

# PROTESTAÇÃO.

**A**S palavras Numen, Fado, Destino, Divindade, &c. empregadas sómente para melhor exprimir a ficção Poética, não tem alguma cousa de commum com os internos sentimentos do Author, que como obediente filho da Igreja em tudo se submete ás determinações della.











